

# A Idade do Ferro pós-orientalizante no Baixo Alentejo

ANA MARGARIDA ARRUDA<sup>1</sup>

A Jorge de Alarcão, mestre e amigo

## R E S U M O

O conjunto de dados disponíveis sobre a ocupação proto-histórica do Baixo Alentejo é considerável e deu já origem a alguns trabalhos monográficos e a sínteses e interpretações diversas. O trabalho que agora se publica é, sobretudo, uma reflexão sobre essa ocupação, reflexão que tem por base, uma vez mais, os dados arqueológicos recolhidos ao longo dos vastos trabalhos de prospecção e escavação, mas também as sínteses já produzidas. Procurei analisar, conjuntamente, os elementos que as necrópoles forneceram com os que foram evidenciados nos sítios de *habitat*, tentando não perder de vista os espólios que uns e outros permitiram recolher. Os possíveis territórios de recursos foram calculados, e efectuei cálculos demográficos que pudessem ser contrastados com outras propostas já apresentadas. A questão cronológica foi também discutida, tendo-se presente que não parece hoje segura a correspondência entre as datações radiométricas e as datações históricas. O cenário social e político em que se movimentaram as populações que habitaram a região na transição da primeira para a segunda metade do I milénio a.C. não podia deixar de ser referido, bem como, aliás, a própria estratégia de ocupação do território que as escolhas deixam transparecer. As funcionalidades dos diversos sítios foram abordadas, sobretudo no caso do couto mineiro de Neves Corvo.

## A B S T R A C T

The data available on the protohistoric occupation of the Baixo Alentejo is considerable and has already produced a number of monographs and syntheses as well as diverse interpretations. This paper is, above all, a reflection on this occupation, a reflection that has as its basis the archaeological data collected in the major survey and excavation projects as well as the syntheses already produced. I attempt to analyze, together, the elements that the necropolis furnished with those that were provided in the settlement sites. The possible site catchments have been calculated, and I have carried out demographic calculations that can be contrasted with other proposals



already presented. The chronological question is also discussed, taking into account the fact that there does not appear to be a secure correspondence between the radiometric dates and the historic dates. The social and political scene in which the population that inhabited the region occupied during the transition from the first to the second half of the 1<sup>st</sup> millennium BC must also be referred to, as well as the actual occupational strategy of the territorial occupation that their choices created. The functions of the diverse sites are discussed, with special attention paid to the case of the mining zone of Neves Corvo.

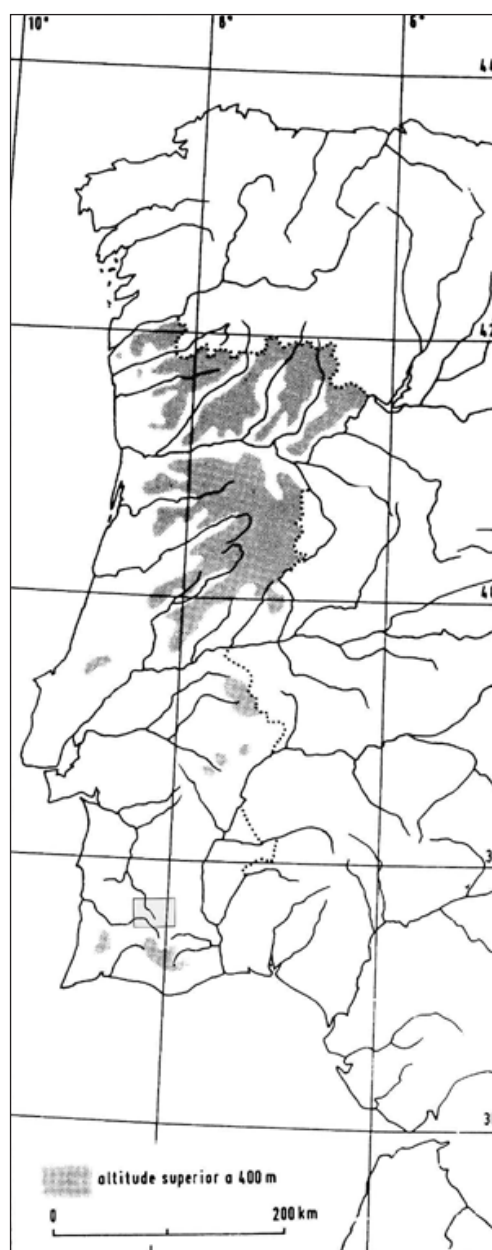
## 1. Introdução

Nenhuma outra região do Sul de Portugal foi, no que refere à sua ocupação proto-histórica, alvo de tanto atenção como o Baixo Alentejo. De facto, o concelho de Ourique, primeiro, e o chamado Couto Mineiro de Neves Corvo, depois, foram objecto de trabalhos de prospecção sistemáticos, a que se seguiram escavações arqueológicas, em alguns casos, de considerável dimensão. Assim, o conjunto de dados recolhidos sobre este período concreto não é, de facto, comparável com qualquer outra amostra disponível a nível regional, excepção feita, naturalmente, aos trabalhos que têm decorrido no Regolho do Alqueva, dos quais não existe ainda, como se compreende, qualquer dado concreto.

A dimensão da amostra existente deu origem, por um lado a estudos específicos (Beirão, 1972, 1990a, 1990b; Beirão e Correia, 1991, 1994, Beirão e Gomes, 1984; Dias, Beirão e Coelho, 1971; Dias e Coelho, 1981, 1983; Correia, 1989-90; Maia, 1987; 1988; Maia e Correia, 1985; Maia e Maia, 1986, 1996) e, por outro, a sínteses de vária natureza e a interpretações diversas (Beirão, 1986; Alarcão, 1992a, 1996a; Correia, 1993, 1996a, 1996b, 1997; Fabião, 1998).

Os estudos que, desde há vários anos, tenho vindo a desenvolver sobre as influências orientais no extremo Ocidente da Península Ibérica determinaram que também eu tenha incluído a região e os dados que ela revelou em trabalhos onde procurei sintetizar os aspectos mais relevantes da Idade do Ferro em Portugal (Arruda, 1992, 1993, 1996), uma vez que ela foi, desde cedo, considerada um importante pólo do orientalismo sidérico em Portugal.

**Mapa 1** Localização, no território actualmente português, da área estudada (base cartográfica de Victor S. Gonçalves, 1989)





A natureza e a diversidade das interpretações feitas e os distintos posicionamentos teóricos e metodológicos das abordagens realizadas não conduziram, no entanto, pelo menos na minha perspectiva, a explicações que satisfaçam completamente, uma vez que, nas sínteses realizadas, nem sempre se tomou em consideração a totalidade dos dados recuperados, e raramente se cruzaram os elementos fornecidos pelas necrópoles com os que se recuperaram nos sítios de *habitat*.

Foi neste contexto que decidi apresentar agora uma análise da ocupação proto-histórica do Baixo Alentejo, tendo tido a preocupação de, neste estudo, fornecer a totalidade da informação disponível para cada sítio<sup>2</sup>, o que não significa, naturalmente, que o tema se esgote agora. Aliás, estou certa de que as muitas intervenções em sítios da Idade do Ferro do Alentejo Central, concretamente aquelas que decorrem na área a inundar pela barragem do Alqueva, trarão certamente muitos dados que irão iluminar os múltiplos aspectos ainda obscuros da realidade pré-romana do Interior sul.

Quero ainda acrescentar que este trabalho incide apenas sobre a primeira metade do I milénio a.C., ou seja, sobre o momento em que as influências orientais se terão feito sentir na região.

## 2. O concelho de Ourique

### 2.1. O meio físico

O concelho de Ourique situa-se na intersecção de duas importantes bacias hidrográficas, a do Mira e a do Sado, sendo o seu actual território caracterizado pela presença de pequenas ribeiras, afluentes dos rios referidos.

Insere-se numa região de transição entre a área serrana continental, de azinheiras e carvalhos, e uma área atlântica, costeira e de baixa altitude, com um clima propício ao desenvolvimento de pinheiro manso. O concelho de Ourique caracteriza-se por uma geomorfologia regular, de colinas que variam entre os 150 e os 350 m, e por uma serra baixa, que raramente excede os 400 m de altitude. Sulcado pelo rio Mira, estrada natural que conduz do Atlântico ao interior, conhece um clima “atlântico de transição”, com chuvas relativamente regulares, embora não ultrapassando os 750 mm anuais.

Particularmente importantes são os seus recursos ao nível dos solos, tanto do ponto de vista das suas características pedológicas, como da riqueza mineira do seu subsolo.

É hoje bem conhecida a riqueza mineira da região de Ourique, sendo um bom exemplo a Herdade do Montinho, a cerca de 9,5 km de Garvão, onde existem vestígios de fundição, resultantes da exploração de um chapéu de ferro que aflora, segundo Domergue (1987), em três pontos à superfície. Também na margem esquerda da ribeira das Ferrarias se agrupam depósitos de escórias e galerias destinadas à extracção da prata incrustada nos minérios ferrosos.

Por outro lado, a área em análise engloba-se na denominada “faixa piritosa ibérica”, constituída por depósitos piritosos e depósitos de sulfitos, que, aflorando à superfície, em algumas áreas, produz os espessos “chapéus de ferro”, ricos em metais, como o cobre e o ferro e ainda a prata e o ouro.

Ainda no que se refere às potenciais explorações de minérios, deve referir-se que:

“...é precisamente na curva do rio (Mira) que a W define a “raquette” do povoado de Fernão Vaz que se encontram os dois vestígios fossilizados de acção antrópica que, quanto a nós, se revestem da maior importância.



O rio, ao encaixar o seu curso nos mantos de xistos do carbónico que formam a base rochosa de toda esta área deixa, a espaços, bancadas de pedra aflorando nas suas margens. Em duas zonas deste sector do rio (que designamos de Cortadouro — a S — Cascalheira — a N) conservam-se nos afloramentos vestígios evidentes de desmonte de barreira rochosa original e, especialmente, na Cascalheira, testemunhos do processo pelo qual este desmonte era efectuado.

Os xistos do carbónico incluem, entre a sua xistosidade natural, files espessos incluindo faixas de quartzo ricas em mineral. Eram estas faixas quartzíticas (filões) preferencialmente exploradas, constituindo o desmonte da restante rocha um expediente necessário para a continuação de exploração” (Beirão e Correia, 1991, p. 295).

Parte integrante de uma região de solos xistosos e graníticos, com raras manchas de solos aluviais, de maior capacidade produtiva, Ourique apresenta, hoje, maioritariamente, solos apenas agricultáveis (Classes C e D), ou mesmo dificilmente agricultáveis (Classe E). Assim, é plausível que, à semelhança do que ainda hoje sucede, as comunidades proto-históricas que habitavam a região fossem obrigadas a complementar a actividade agrícola com a criação de gado que proporciona um elevado acréscimo de energia.

O revestimento florestal antigo, na sua diversidade e densidade, é agora dificilmente calculável. De facto, os trabalhos de escavação realizados na região não possibilitaram a recolha de elementos que permitam reconstituir o paleo-ambiente, não existindo dados palinológicos ou osteológicos que viabilizem qualquer aproximação a este aspecto, uma vez que as análises dos vestígios orgânicos recolhidos no depósito votivo de Garvão dificilmente podem aplicar-se, por razões óbvias, à caracterização de uma realidade quotidiana.

## 2.2. O povoamento

A investigação arqueológica do concelho de Ourique remonta ao século XIX, mas é a partir dos finais da primeira metade do século XX que os arqueólogos se dedicam mais demoradamente às antigas ocupações humanas desta região.

Abel Viana, isoladamente, ou em colaboração com Octávio da Veiga Ferreira, Ruy Freire de Andrade e António Serralheiro, investe no estudo do megalitismo de Ourique, sendo de destacar, no entanto, o seu contributo no desenvolvimento da pesquisa sobre a área em análise, localizando novos sítios e realizando escavações arqueológicas em vários deles, nomeadamente no Castro da Cola.

Nas décadas de 70 e 80 do passado século, um novo incremento é dado à arqueologia de Ourique, focalizando-se, agora, os estudos na Proto-História. Caetano de Mello Beirão foi o grande impulsionador desta nova etapa, que viria a ter seguidores em Luís Coelho e Manuela Alves Dias, primeiro, e, mais tarde em Virgílio Hipólito Correia, e que deu origem a vários trabalhos publicados, entre os quais se contam duas monografias (Beirão, 1986; Correia, 1996a).

O conhecimento que se possui da região de Ourique, relativamente ao seu povoamento proto-histórico, não é, no entanto, grande. De facto, tanto Caetano Beirão como Luís Coelho e Manuela Alves Dias investiram sobretudo na escavação das necrópoles, e dos 23 povoados sidéricos actualmente conhecidos apenas três (Fernão Vaz, Porto das Lages e Cortadouro) foram objecto de intervenções arqueológicas.

No entanto, não é possível escamotear o facto de o concelho de Ourique apresentar um notável conjunto de povoados datados da I Idade do Ferro, verificando-se aqui uma situação, até ao momento, completamente inédita no âmbito da Idade do Ferro do Sul de Portugal. Os



seus 18 povoados, instalados numa superfície de 416 km<sup>2</sup>, parecem corresponder a uma verdadeira rede de povoamento, sem qualquer paralelo no nosso território. Não apresentam condições naturais de defesa e não estão protegidos por qualquer sistema defensivo.

Contudo, e ao contrário do que seria de esperar, não é fácil abordar, sob qualquer perspectiva, o povoamento proto-histórico desta região baixo-alentejana. Como já referi, apenas três destes povoados foram objecto de intervenções arqueológicas. A grande maioria é, pois, conhecida apenas por recolhas superficiais, não sendo absolutamente segura a sua cronologia. Torna-se, assim, difícil avaliar as suas relações em termos de sincronia, o que implica que a análise que aqui se apresenta terá, obrigatoriamente, de ser encarada com o necessário espírito crítico.

Dados os limites cronológicos que impus a este trabalho (primeira metade do I milénio a.C.), excluíram-se desta abordagem todos os povoados que são atribuídos, pelos autores que se lhes referem (Beirão, 1986; Correia, 1993), à II Idade do Ferro, como é o caso dos povoados de Fonte Santa, Moinho do Ovilheiro e Ilha Grande. Incluí-los neste estudo, em que a vertente espacial foi particularmente explorada, seria destituído de sentido, uma vez que a sua ocupação se iniciou num momento posterior ao abandono dos que serão alvo de análise mais detalhada. O Cerro do Castelo de Ourique não foi, também, objecto de qualquer tratamento concreto. Não existe nenhuma documentação que comprove a existência de um qualquer núcleo habitacional da Idade do Ferro na área central da actual sede do concelho, mas apenas a referência à recolha de cinco lápides epigrafadas daí provenientes (Beirão, 1986; Correia, 1996a).

Decisão mais difícil foi a de igualmente não incluir o Castro da Cola. Tal decisão ficou a dever-se ao facto de não ser absolutamente seguro que o espólio integrável na I Idade do Ferro, e que geralmente lhe é atribuído (espada de tipo Monte Sa Idda e fíbula de cotovelo, por exemplo), seja daí proveniente, sendo indicado, com clareza, por Abel Viana que a espada foi encontrada na Courela dos Barreiros (Viana, 1957, p. 41), perto do Castro da Cola. Quanto à fíbula, está referenciada apenas como: “talvez do Castro da Cola” (Ponte, 1986, p. 79). Os restantes materiais descritos e, alguns, ilustrados por Abel Viana, como a ourivesaria (contas de colar), os “restos de uma espada curta de antenas” (Viana, 1960-61, p. 31), “vasilhas da Idade do Ferro” (Viana, 1960-61, p. 28) e uma “pequena urna cinerária contendo cinzas e fragmentos de ossos calcinados” (Viana, 1960, p. 18), podem pertencer a qualquer período, inclusivamente à época medieval.

Outra exclusão difícil foi a do Cerro do Castelo de Garvão. Bem conhecida a sua ocupação durante a segunda metade do I milénio a.C., através da escavação do depósito secundário de um seu santuário (Beirão et al., 1985, 1987; Correia, 1995), nada permite, contudo, afirmar que este sítio estivesse ocupado no período abrangido por este trabalho. Há, de facto, referências à existência de materiais do Bronze Final, nomeadamente a cerâmicas com decoração de retícula brunida, provenientes, ao que parece, de escavações que no local foram efectuadas por Caetano de Mello Beirão e José Olívio Caeiro, mas nenhum dado concorre para confirmar que essa ocupação se tivesse prolongado, sem interrupção, até à época romana, de que também existem vestígios.

Naturalmente, não se exclui a possibilidade de estes três sítios terem também sido ocupados durante a I Idade do Ferro, mas as informações de que dispomos para eles são tão limitadas que entendi que não deveriam ser incluídos na análise específica. Voltarei, no entanto a este tema, quando discutir os modelos de povoamento possíveis para a região. Aí, os três povoados citados serão equacionados dentro das hipóteses a considerar no tipo de relações inter-povoados, nunca perdendo de vista, no entanto, que os dados não permitem lidar com realidades indiscutíveis.

A prudência talvez aconselhasse outras exclusões. Os povoados do Cerro do Ouro, Mealha-a-Nova, Cruzes, Carapetal, Arreganhado, Vaga da Cascalheira, Penedo, Monte do Coito, Monte do



Poço, Pego da Sobreira e Herdade do Pego são sítios sobre os quais a informação é nula ou muito escassa. As características que apresentam (implantação topográfica, associação a necrópoles, extensão) são, no entanto, de tal modo próximas dos considerados da I Idade do Ferro que pareceu legítima a sua inclusão.

Quanto ao Porto das Lages e ao Cortadouro, a situação complica-se, na medida em que os artigos que se lhes referem (Correia, 1988-89; Beirão e Correia, 1994; Correia, no prelo) não questionam a sua cronologia, que colocam, sempre, na I Idade do Ferro, ou, no caso de Porto das Lages, na transição da I para a II. Relativamente a Porto das Lages, tive já oportunidade de registar (Arruda, 1994) as minhas reservas sobre uma datação centrada nos séculos VI-V a.C., preferindo atribuir aos materiais publicados (Correia, 1988-89) uma cronologia situada na II Idade do Ferro, talvez entre os séculos IV e III a.C. A ocupação sidérica do Cortadouro parece igualmente ser tardia, facto que me foi comunicado, pessoalmente, pelos arqueólogos responsáveis pela sua escavação (Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares). A inclusão destes dois sítios neste trabalho tem, portanto, carácter meramente informativo, sendo sobretudo importante quando se discutirem os modelos de povoamento e o significado das suas fundações.

A análise que se pretendeu efectuar está, pois, objectivamente, muito limitada, apresentando-se aqui apenas os recursos potencialmente passíveis de terem sido objecto de exploração pelos habitantes dos sítios da I Idade do Ferro da região de Ourique, tornando-se impossível estabelecer a proporção entre as potencialidades naturais existentes e aquelas realmente exploradas.

De modo a facilitar a análise do povoamento, e atendendo ao número de sítios conhecidos, entendeu-se preferível aplicar o modelo de *site clusters* que teoriza sobre a tendência para o agrupamento de certos lugares de *habitat* em núcleos específicos que, por se encontrarem próximos, possuem, virtualmente, idênticos territórios de recursos.

Estabeleceram-se, assim, três grupos ou *site clusters*:

A - Núcleo do rio Mira

1. Vaga da Cascalheira;
2. Fernão Vaz;
3. Cortadouro;
4. Porto das Lages;
5. Pêgo da Sobreira;
6. Arreganhado.

B - Núcleo de Ourique:

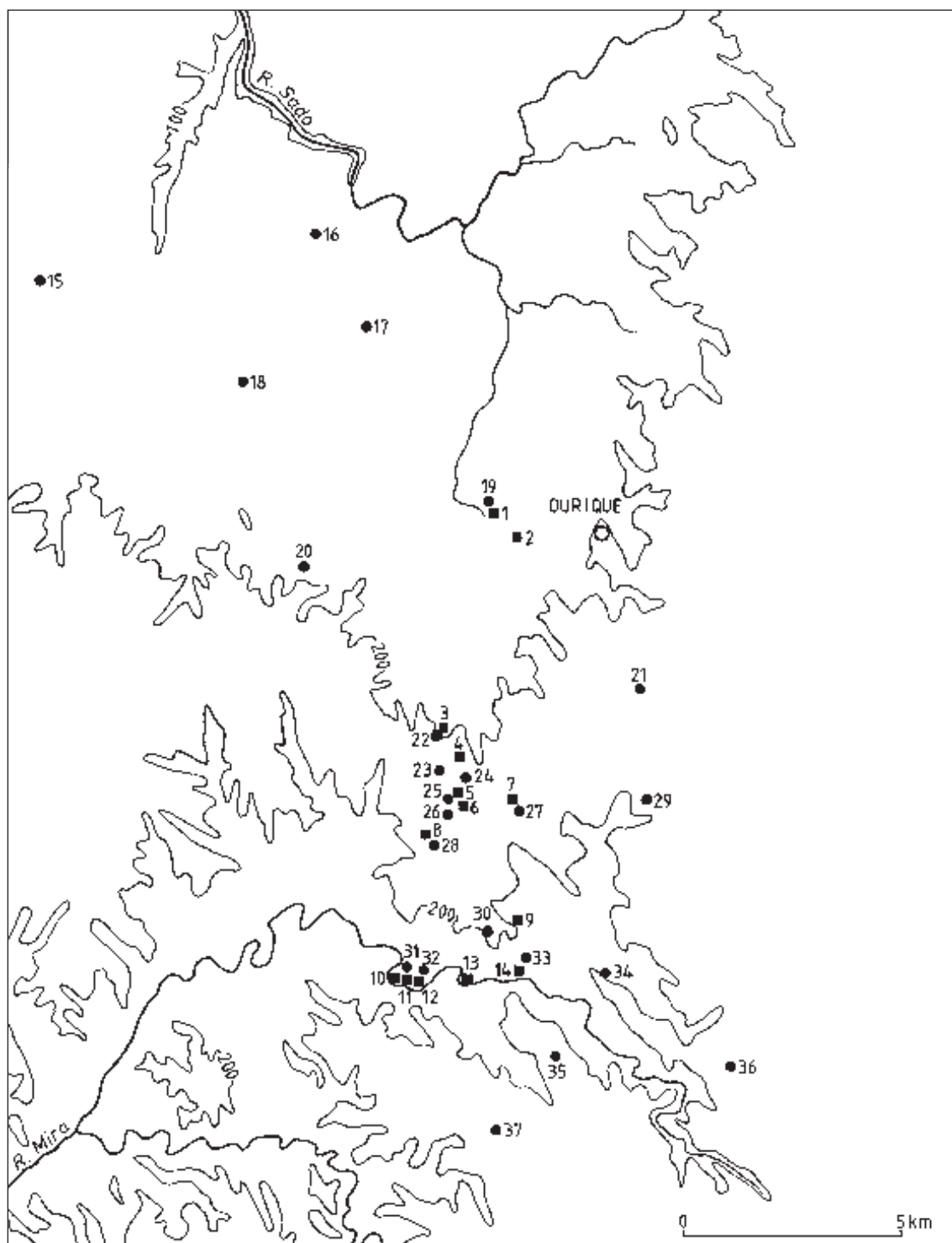
1. Junqueira;
2. Monte Coito.

C - Núcleo de Palheiros

1. Mealha Nova;
2. Biscoitinhos;
3. Cruzes;
4. Monte Poço;
5. Cerro do Ouro;
6. Carapetal.

Isolados parecem estar a Herdade do Pego, o Penedo e Arzil, que não se integram em qualquer dos núcleos definidos.





Mapa 2 Localização dos povoados e necrópoles da região de Ourique

**Povoados** ■ - 1. Junqueira; 2. Monte do Coito; 3. Cruzes; 4. Carapetal III; 5. Cerro do Ouro; 6. Monte do Poço; 7. Mealha Nova; 8. Biscoitinhos; 9. Arreganhado; 10. Vaga da Cascalheira; 11. Cortadouro; 12. Fernão Vaz; 13. Porto das Lages; 14. Pêgo da Sobreira.

**Necrópoles** ● - 15. Arzil; 16. Chada; 17. Fonte Santa; 18. Nobres; 19. Junqueira; 20. Penedo; 21. São Luís; 22. Cruzes; 23. Carapetal II; 24. Carapetal I; 25. Cerro do Ouro; 26. Monte do Poço; 27. Mealha Nova; 28. Biscoitinhos; 29. Favela Nova; 30. Casarão; 31. Vaga da Cascalheira; 32. Fernão Vaz; 33. Pêgo da Sobreira; 34. Abóboda; 35. Hortinha; 36. Guerreiros; 37. Herdade do Pêgo.



### 2.2.1. O núcleo do rio Mira

#### 2.2.1.1. Vaga da Cascalheira

CMP: 563

Coordenadas hectométricas Gauss: 187,2  
66,2

Bibliografia: Beirão e Correia, 1994

Implantado a cerca de 184 m de altitude, numa curva do Mira, o *sítio* da Vaga da Cascalheira localiza-se no mesmo cabeço da necrópole do mesmo nome, mas na área mais declivosa, a W. Sobranceiro ao rio, tem fraca acessibilidade, uma vez que se situa em área de escarpas e declives acentuados. Nunca foi objecto de qualquer intervenção arqueológica, sendo conhecido, apenas, através de prospecções. São ainda visíveis, à superfície, restos de estruturas, nomeadamente muros de pedra solta.

O território potencial de exploração (12 minutos) revelou, na totalidade, solos das Classes C e D. Convém, no entanto, ressaltar que actividade agrícola era possível nestes solos, contribuindo a proximidade do rio para a produtividade destes. A actividade piscatória tem de ser obrigatoriamente aqui considerada, e a zona montanhosa, englobada num território de 60 minutos, podia ser aproveitada para o pastoreio, tendo em consideração as condições potenciais para a existência.

#### 2.2.1.2. Fernão Vaz

CMP: 563

Coordenadas hectométricas Gauss: 188,5  
67,1

Bibliografia: Beirão, 1972, 1986; Beirão e Correia, 1991, 1994; Correia, 1993; Correia, no prelo

Localizado a SE da Vaga da Cascalheira, Fernão Vaz situa-se, tal como este, numa *raquette* definida por uma curva do rio Mira. O *sítio* de Fernão Vaz está associado a uma necrópole, de que dista apenas cerca de 100 m, e que será objecto de análise mais detalhada.

Implanta-se num cabeço xistoso, com uma cota de 163 m, junto a uma área de várzea.

Como já referimos, este foi um dos dois *sítios* de *habitat* de Ourique objecto de escavações arqueológicas. Estes trabalhos, dirigidos por Caetano Beirão em 1978, e continuados entre 1983 e 1987 em colaboração com Virgílio Hipólito Correia, puseram a descoberto cerca de 40-50% da totalidade do *habitat* da Idade do Ferro, sobposto a uma ocupação de época islâmica. As estruturas sidéricas identificadas compunham-se por paredes construídas em pedra e taipa, que definem compartimentos de planta rectangular, associados, por vezes, a estruturas de combustão circulares (Beirão, 1986; Beirão e Correia, 1991, 1994; Correia, 1993, no prelo). Fernão Vaz possuiria uma entrada, pequenos compartimentos a Oeste desta, um pátio, um corredor e, na área Norte, compartimentos alongados, divididos por septos (Beirão, 1986; Beirão e Correia, 1991, 1994; Correia, 1993, no prelo). Os compartimentos alongados foram interpretados como armazéns, dado o aparecimento, em um deles, de um apreciável conjunto de vasos de provisões, tendo-se registado em um outro “...a deposição de grandes quantidades de argila depurada — tratando-se certamente de matéria prima para o fabrico de cerâmica” — (Beirão e Correia, 1994, p. 287), o que determinou que os autores considerassem este espaço como uma olaria.

Desta escavação veio a resultar um conjunto de materiais da Idade do Ferro, nomeadamente cerâmicas, e objectos de bronze e ferro.



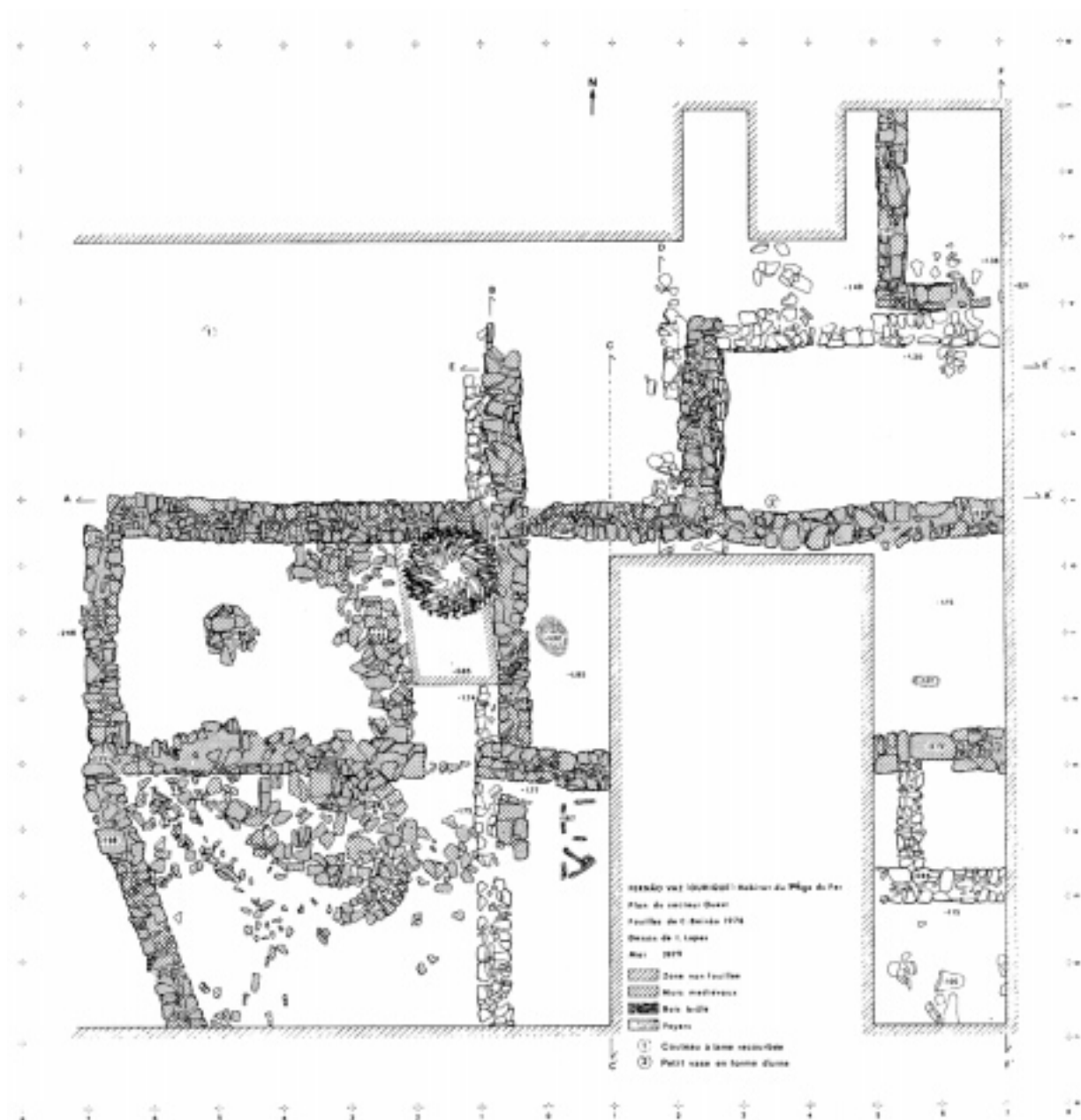


Fig. 1 Planta das estruturas do sector Oeste do *habitat* de Fernão Vaz (segundo Beirão, 1986, p. 106, Fig. 36).



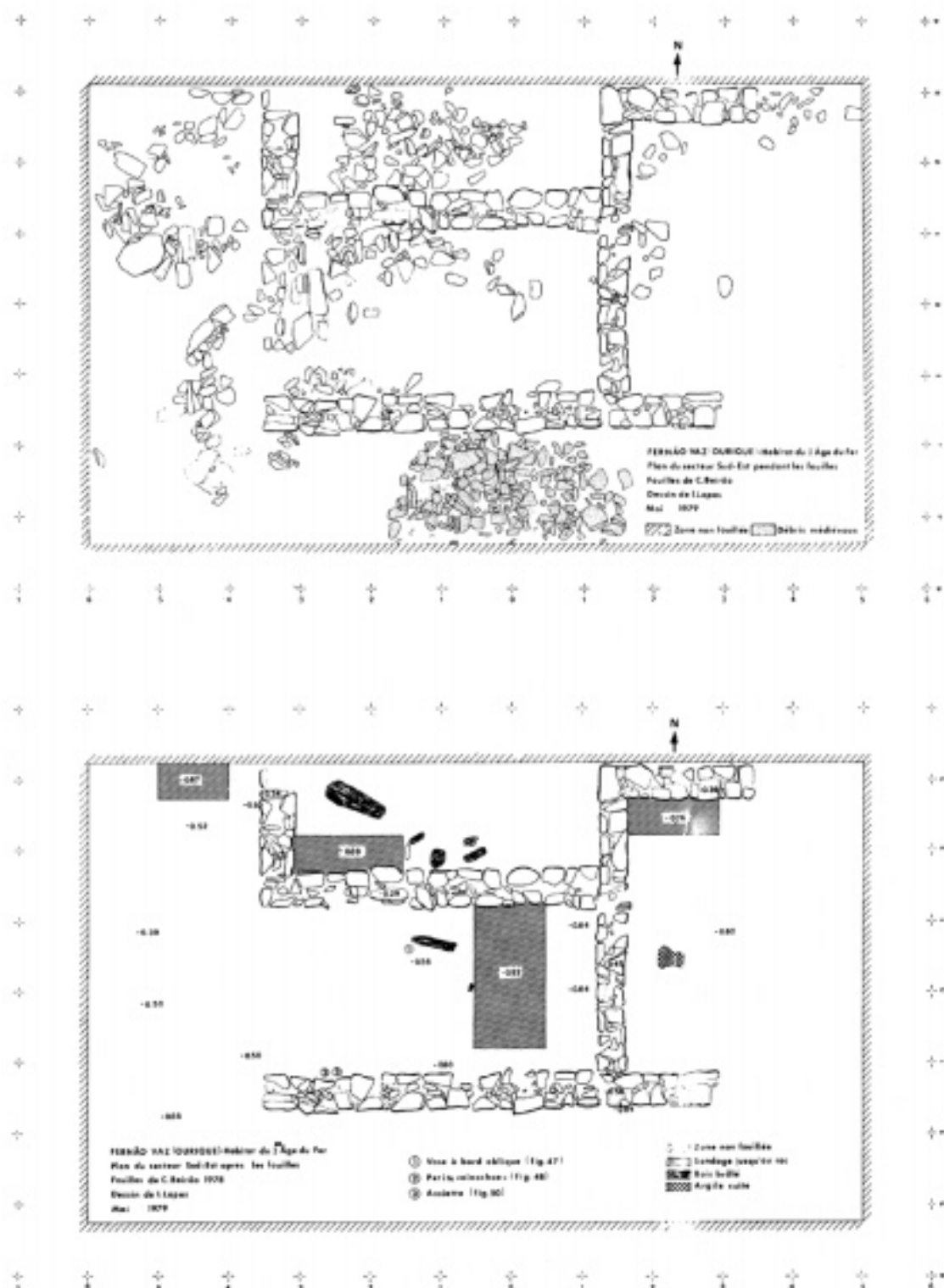


Fig. 2 Plantas do sector Sudeste do *habitat* de Fernão Vaz, antes e após a escavação (segundo Beirão, 1986, p. 111-112, Figs. 42-43).







No que se refere ao espólio cerâmico, é importante referir que 82,3% corresponde a produções manuais, e apenas 17,7% apresentava fabrico ao torno (Beirão e Correia, 1994, p. 288). Um dos fragmentos fabricados ao torno apresenta-se coberto por engobe vermelho (forma 9 de Cuadrado) e dois pertencem a vasos áticos, um dos quais uma taça Cástulo (Beirão e Gomes, 1980; Beirão e Correia, 1991, 1994). Entre a cerâmica ao torno, os autores distinguiram, pela análise macroscópica das pastas, produções locais e produções de cerâmicas finas de âmbito regional que englobam as “cerâmicas cinzentas finas polidas”, maioritariamente pertencentes a taças hemisféricas de bordo arredondado (Beirão e Correia, 1994, p. 291). Uma escassa minoria das cerâmicas torneadas encontradas em Fernão Vaz seriam de importação longínqua, nas quais se incluem, naturalmente, os fragmentos áticos (Beirão e Correia, 1994, p. 292, Fig. 4, n.º 1), os fragmentos da taça de engobe vermelho da Forma 9 de Cuadrado, e ainda o *pithos* de bordo horizontal e asas bífidas (Beirão e Correia, 1994, p. 292, Fig. 4, n.º 8).

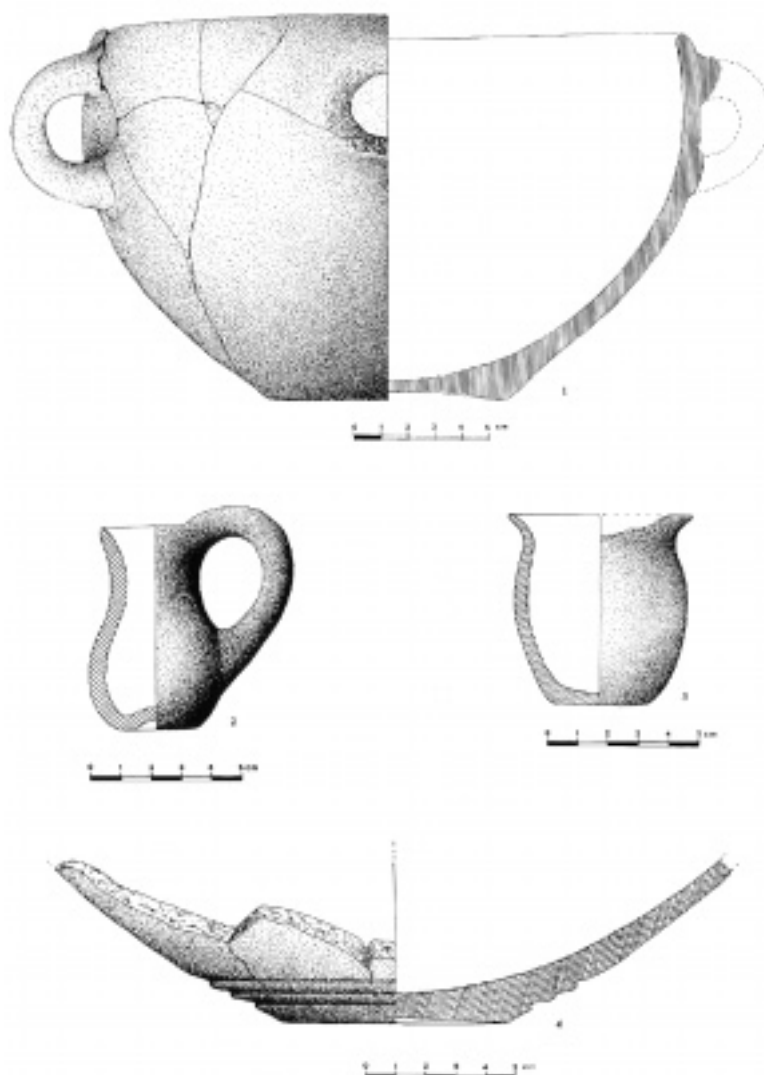


Fig. 4 Cerâmicas do *habitat* de Fernão Vaz (segundo Beirão, 1986, Figs. 46, 48-50).



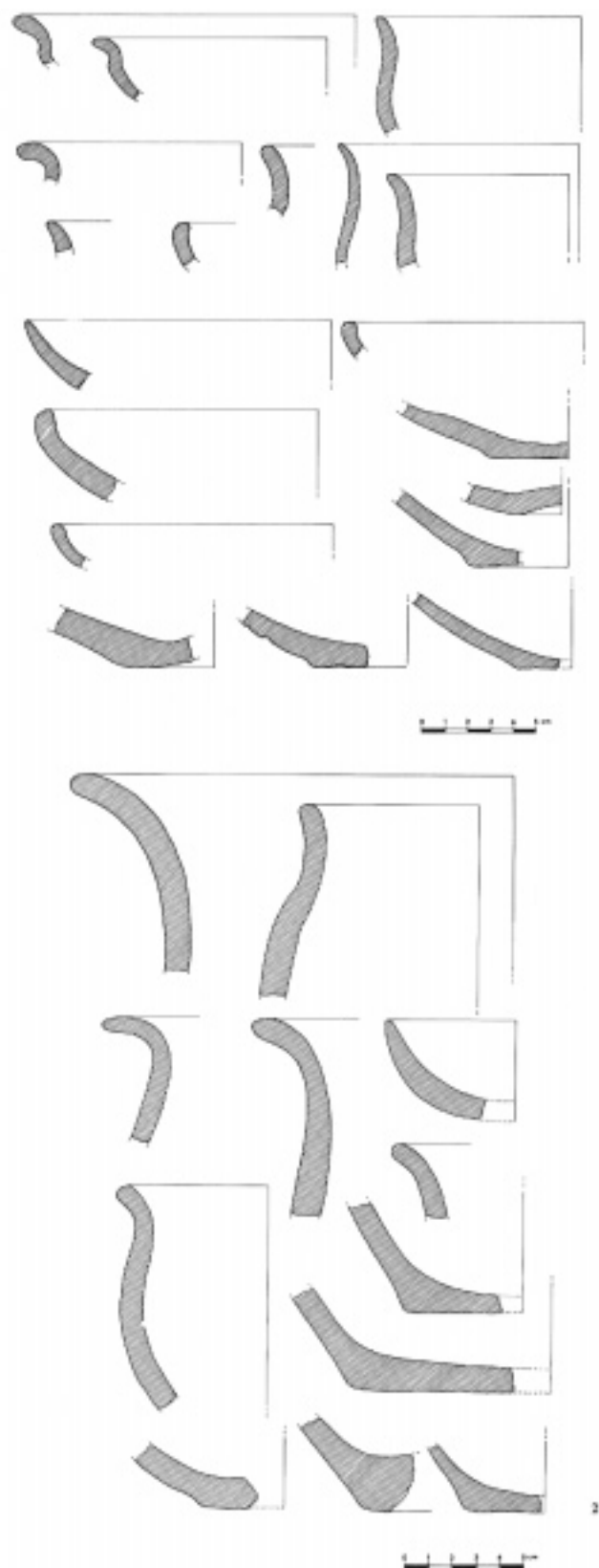


Fig. 5 cerâmicas do *habitat* de Fernão Vaz (segundo Beirão, 1986, p. 120-121, Figs. 51-52).



Quanto aos objectos metálicos, deve destacar-se o aparecimento de um espeto em bronze, do tipo II de Caetano Beirão (Beirão, 1986) ou andaluz de Almagro Gorbea (1974), que apresenta gravados três caracteres que podem associar-se à escrita do Sudoeste (Beirão e Gomes, 1980; Beirão, 1986).

As escavações revelaram ainda a existência de um incêndio, facto que teria provocado o abandono do sítio (Beirão e Correia, 1994, p. 293). É desta camada de incêndio que são provenientes os fragmentos áticos, que podem datar o último momento de ocupação (meados do século V a.C.).

O edifício de Fernão Vaz foi datado pelo radiocarbono, tendo sido obtidas três datas:

1. ICEN 601 (Fernão Vaz 8) -  $2530 \pm 45$  BP ( $480 \pm 45$ ), que, calibrada pela curva de Pearson e Stuiver, dá a intersecção em 777 cal BC e os seguintes intervalos: para 1 sigma 796-760, 680-658, 635-594 e 581-557, e para 2 sigmas 806-520 a.C.;

2. ICEN 696 (Fernão Vaz 6) -  $2770 \pm 50$  BP ( $820 \pm 50$  a. C.), que, calibrada pela curva de Pearson e Stuiver, dá a intersecção em 915 a.C. e os seguintes intervalos: para 1 sigma 993-892 e 885-847, e para 2 sigmas 1040-820;

3. ICEN 697 (Fernão Vaz 10) -  $2640 \pm 80$  BP ( $690 \pm 80$  a.C.), que, calibrada pela curva de Pearson e Stuiver, dá a intersecção em 809 a.C. e os seguintes intervalos: para 1 sigma 893-881 e 848-793, e para 2 sigmas 977-963, 930-760, 684-656, 640-590 e 589-549 (Beirão e Correia, 1991, 1994).

O cruzamento dos dados obtidos pela datação radiocarbónica com a análise do espólio cerâmico permitiu aos investigadores que estudaram Fernão Vaz propor que este sítio teria estado habitado entre os inícios do século VII e os meados do século V a.C.

Devo dizer que, ao contrário do que pensam os autores do trabalho referido, me parece um tempo talvez excessivamente longo (250 anos) para a ocupação de um sítio cuja taipa, que constituía as paredes dos edifícios, assentava em ligeiros e pouco espessos socos de pedra. O facto de as datações de radiocarbono terem sido obtidas pela análise dos restos de uma trave de madeira da construção (Beirão e Correia, 1991, 1994), e não de restos orgânicos recolhidos numa lareira, por exemplo, permite pensar que esta cronologia poderá não ter o valor que sempre se lhe procurou atribuir. Uma trave, ou mesmo um poste, podem ser facilmente reaproveitados de edifícios anteriores, ou terem sido obtidos de madeiras cortadas vários anos antes. Também deve recordar-se, tal como, aliás, Beirão e Correia também o fazem, que “...nas traves que sustentariam a cobertura seriam certamente utilizadas árvores adultas” (Beirão e Correia, 1991, 1994).

Torna-se assim difícil, do meu ponto de vista, admitir que o sítio estava ocupado já nos finais do VIII ou inícios do VII a.C.

Neste contexto, não devemos ignorar que entre o espólio recolhido não existe nenhuma peça passível de datar, indubitavelmente, do século VII a.C. e a existência de cerâmica ática do século V a.C. não pode ser ignorada.

À luz dos elementos disponíveis, parece-me que Fernão Vaz começou a ser habitado algures no século VI a.C., muito provavelmente nos meados, ou mesmo finais, desse século, e que o seu abandono ocorreu em meados do século V a.C., momento em que um incêndio provocou a sua destruição.

Quanto aos territórios potenciais de exploração, deve dizer-se que o de 12 minutos comporta solos muito pobres, Classe E, mas a sua localização, junto ao rio, poderia proporcionar alguma agricultura relativamente rentável, principalmente na zona aplanada com altitude média de 200 m.



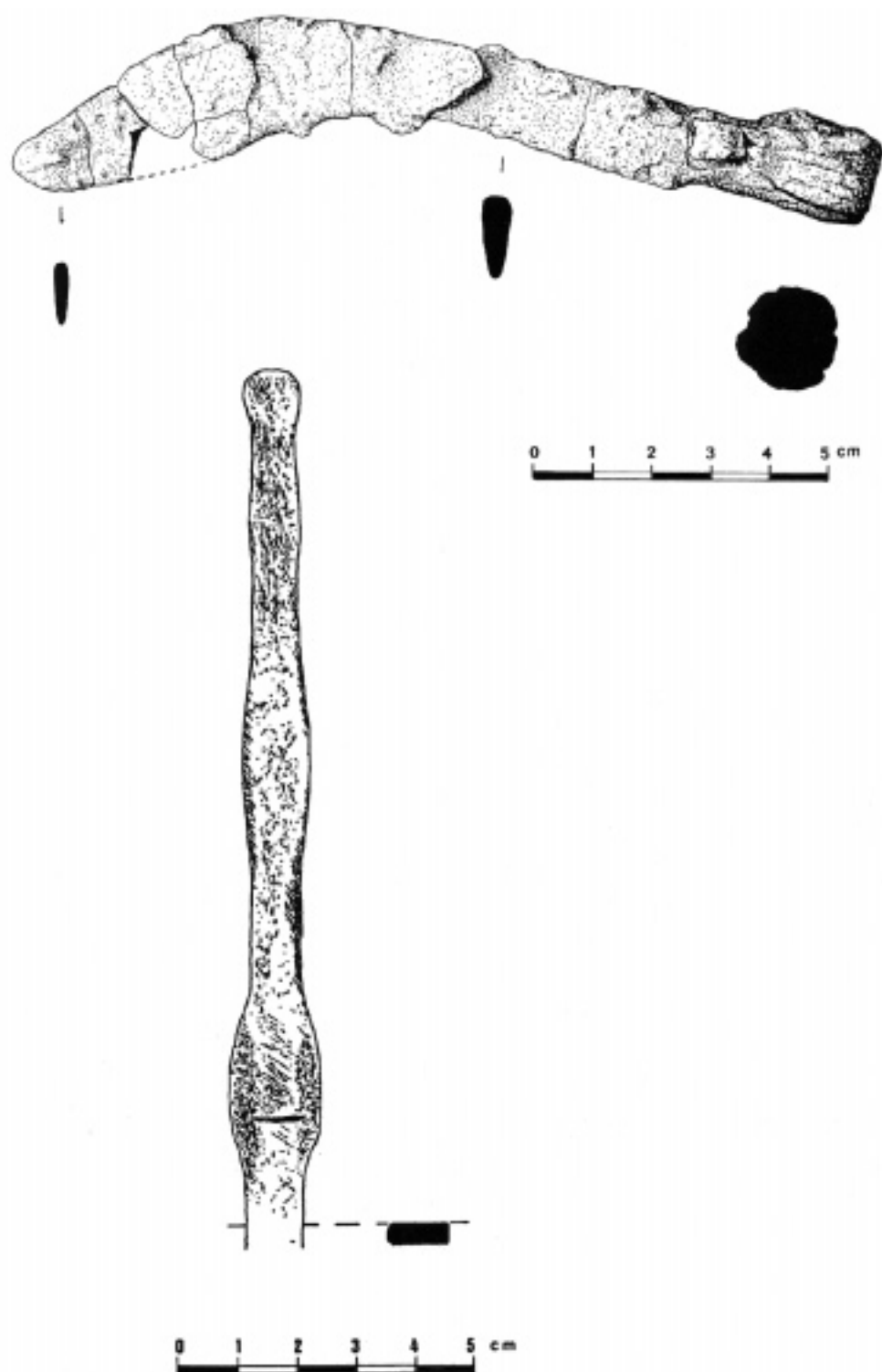


Fig. 6 Faca de ferro e lança de bronze do *habitat* de Fernão Vaz (segundo Beirão, 1986, p. 115, Fig. 44).



### 2.2.1.3. Cortadouro

CMP: 563

Coordenadas hectométricas Gauss: 187,2  
66,1

Bibliografia: Beirão e Correia, 1994; Correia, 1993; Silva e Soares, 1976

Localizado numa *raquete* do rio Mira, praticamente em frente à Vaga da Cascalheira, mas na outra margem, o Cortadouro implanta-se num pequeno esporão, com cerca de 70 m, tendo uma cota de 153 m de altitude. A vertente SW cai em escarpa sobre o rio, com um desnível de quase 10 metros, e, a NW, a encosta, que desce também até ao rio, apresenta um declive de cerca de 20%. Importa destacar que o sítio do Cortadouro, já ocupado durante a Idade do Cobre (Silva e Soares, 1976), assenta, directamente, sobre um “chapéu de ferro”.

Conhecido, sobretudo, pela sua ocupação calcolítica (Silva e Soares, 1976), apresentava, na camada 1b, materiais enquadráveis na Idade do Ferro associados a dois buracos de poste, que permanecem inéditos.

O seu território potencial de 12 minutos é atravessado não só pelo rio Mira, mas também por vários dos seus afluentes e é, totalmente, abrangido por solos da Classe E.

### 2.2.1.4. Porto das Lages

CMP: 563

Coordenadas hectométricas Gauss: 188,5  
66,1

Bibliografia: Beirão e Correia, 1994; Correia, 1989-90, 1993

Numa *raquete* inserida nos meandros do rio Mira, e a uma cota média de 180 m, encontra-se o *habitat* do Porto das Lages, localizado na zona de contacto entre as duas unidades de paisagem características desta área — a peneplanície e o vale do rio —, assente sobre solos pouco espessos de xistos do Carbónico de *facies* marinha. As encostas são abruptas e a sua visibilidade é limitada, importando referir que o sítio se implanta na vertente do cabeço, tendo-se, voluntariamente, desprezado a cota mais proeminente.

A escavação de Porto das Lages consubstanciou-se num rectângulo de 11 x 10 m, com escassa profundidade. Foram identificadas estruturas, muito danificadas, que correspondem à totalidade da área ocupada naquele sítio. Trata-se, assim, de um pequeno espaço habitacional, cujos compartimentos são rectangulares e estão definidos por paredes que, assentando directamente na rocha de base, possuem apenas uma ou duas fiadas de pedras (Correia, 1989-90). À semelhança do que sucede em Fernão Vaz, estes muros devem corresponder aos socos de pedra sobre os quais se levantavam paredes de adobe ou taipa (Correia, 1989-90).

A escavação permitiu recolher um espólio pouco numeroso, maioritariamente constituído por cerâmica. Desta, 29,5% era fabricada ao torno, estando a manual representada por 70,5% da amostra (Correia, 1989-90).

A cronologia proposta para a ocupação do sítio foi situada entre a segunda metade do século VI e o primeiro quartel do V a.C. (Correia, 1989-90).

Em trabalho anterior (Arruda, 1993, p. 62), já referi como me parece recuada a datação proposta, tendo, então, admitido como provável uma data centrada entre os séculos IV/III a.C. para a ocupação do Porto das Lages. Com efeito, não me parecem consistentes os argumentos utilizados para a atribuição daquela cronologia, mesmo admitindo que os meus próprios não pos-



suem, também, uma base suficientemente sólida. Continuo, no entanto, convencida do carácter tardio daquele espólio cerâmico, sem grandes paralelos conhecidos.

#### 2.2.1.5. *Pego da Sobreira*

CMP: 563

Coordenadas hectométricas Gauss: 189,5  
66,2

Bibliografia: Beirão e Correia, 1994; Correia, 1993

Sítio de *habitat* localizado junto ao rio Mira, com uma altitude média de 175m, implantado sobre uma vertente pouco suave que desce em direcção ao rio. A visibilidade é ampla sobre o Mira e colinas adjacentes, mas apresenta-se fraca a longa distância, facto explicado pela existência de um acentuado relevo a Sul. Próximo da necrópole do mesmo nome, foi detectado na sequência de trabalhos de prospecção.

O seu território potencial de exploração de 12 minutos ocupa uma área de 50 ha, onde predominam os solos da Classe E, registando-se, no entanto, no quadrante SE, uma faixa de bons solos do ponto de vista agrícola (Classes B e C).

#### 2.2.1.6. *Arreganhado*

CMP: 563

Coordenadas hectométricas Gauss: 189,2  
67,3

Bibliografia: Beirão, 1986; Correia, 1993

Sítio detectado por prospecção, com uma cota de 208 m, e localizado num pequeno terraço da encosta de uma elevação de menor altitude. Este terraço situa-se na encosta norte da colina, na direcção oposta ao rio Mira. A visibilidade é fraca e a defensabilidade é inexistente. Apesar de rodeado por solos medíocres, regista, na área este do seu potencial território de exploração de 12 minutos, uma importante faixa fértil de solos com grande aptidão agrícola (Classe B).

### 2.2.2. *O núcleo de Ourique*

#### 2.2.2.1. *Junqueira*

CMP: 555

Coordenadas hectométricas Gauss: 189,4  
76,8

Bibliografia: Beirão, 1986; Correia, 1993

Localizado a meia distância entre o sítio de *habitat* do Monte do Coito e a foz da ribeira da Junqueira, afluente do Sado que desagua a 2 km, implanta-se numa zona de encosta suave, a cerca de 60 m de altitude. A região é relativamente aplanada, embora com um declive pouco acentuado na direcção do curso de água. O sítio foi detectado através de prospecção, não se tendo aí efectuado quaisquer outros trabalhos arqueológicos. A aptidão dos solos que integram o seu território potencial de exploração é reduzida do ponto de vista agrícola, dada a exclusividade das Classes D e E, facto, em parte, ultrapassado pela abundância de recursos hídricos que favorece o seu potencial aproveitamento agrícola.



### 2.2.2.2. Monte Coito

CMP: 555

Coordenadas hectométricas Gauss: 189,7  
76,2

Bibliografia: Beirão, 1972, 1986; Beirão e Gomes 1991; Correia, 1993

O sítio foi identificado na sequência de trabalhos de prospecção, tendo sido recolhidos alguns materiais arqueológicos. A observação superficial do terreno permitiu verificar a existência de uma pequena construção, que deve interpretar-se com uma estrutura habitacional. Esta era constituída por espaços rectangulares, delimitados por paredes duplas, cujo “miolo” era preenchido com taipa, adobes, ou troncos de árvores revestidos de argila, técnica construtiva desconhecida na região.

A necrópole do mesmo nome encontra-se a 50 m de distância.

O *habitat* localiza-se na margem direita da ribeira da Junqueira, que o rodeia quase completamente, e apresenta as mesmas características de implantação que o sítio da Junqueira, descrito anteriormente, não possuindo, tal como este, condições naturais de defesa, nem uma amplitude visual grande.

Também como a Junqueira, a abundância de recursos hídricos pode ter compensado o facto de os solos anexos pertencerem às Classes D e E.

### 2.2.3. O núcleo de Palheiros

#### 2.2.3.1. Mealha Nova

CMP: 555

Coordenadas hectométricas Gauss: 189,5  
70,2

Bibliografia: Correia, 1993

O *habitat* da Mealha Nova não foi alvo de nenhuma escavação arqueológica, tendo sido detectado por prospecção. Situa-se próximo da necrópole do mesmo nome.

Localiza-se na margem de um pequeno curso de água, numa zona planáltica de elevações suaves, a uma cota de 224 m. Pode considerar-se, quanto à tipologia de implantação, como um sítio de colina ou de elevação menor. Os acessos são fáceis, a defensabilidade natural está ausente, mas possui uma boa visibilidade dos territórios envolventes.

No seu território potencial de exploração de 12 minutos (177 ha), predominam os solos da Classe D, que proporcionam condições razoáveis para a prática da agricultura.

#### 2.2.3.2. Biscoitinhos

CMP: 563

Coordenadas hectométricas Gauss: 187,7  
69,5

Bibliografia: Beirão, 1986; Correia, 1993

Situado no mesmo eixo que a necrópole do mesmo nome, o *habitat* foi detectado por prospecção. Localiza-se numa área de relevo regular, ocupando uma pequena depressão, com cota de 215 m. Por isso mesmo, oferece pouca visibilidade e não possui condições naturais de defesa.



Estando, relativamente, próximo do ribeiro do Marchicão, pequeno afluente do rio Mira, não se verificam, na área envolvente, cursos de água significativos.

Em virtude da fraca representação de recursos hídricos, e da grande predominância de solos da Classe E, o seu território teórico de exploração de 12 minutos inclui uma área de apetência agrícola medíocre.

#### 2.2.3.3. *Cruzes*

CMP: 555

Coordenadas hectométricas Gauss: 188,0  
71,8

Bibliografia: Correia, 1993

O sítio está, aparentemente, conectado com a necrópole do mesmo nome e é conhecido apenas por trabalhos de prospecção.

Localiza-se a uma altitude de 203 m, numa área de transição entre o relevo do Cerro do Ouro (início da região montanhosa) e a área mais baixa, a Norte. Está implantado na encosta de uma elevação, com fraca defensabilidade, mas com uma excelente visibilidade, sobretudo sobre os territórios a Norte.

O território de exploração de 12 minutos apresenta boas condições para a prática de uma agricultura rentável porque, apesar de os solos dominantes serem da Classe E, registam-se linhas de solos férteis dos tipos B e C que, ao associarem-se aos pequenos cursos de água, permitem ultrapassar a dominância das terras infértéis.

#### 2.2.3.4. *Monte Poço e Cerro do Ouro*

CMP: 555

Coordenadas hectométricas Gauss: 188,5    188,6  
70,4    70,3

Bibliografia: Beirão, 1986; Correia, 1993

Sítios detectados por prospecção. A proximidade dos dois locais de *habitat* permite considerar várias hipóteses interpretativas, qualquer delas impossível de confirmar com os dados actualmente disponíveis. Podemos estar perante um único povoado, com ocupação dispersa por dois núcleos distintos, ou perante dois sítios distintos que, no caso de serem coevos, teriam, também, de estar intimamente relacionados. Há que considerar, como possível, tratar-se de dois locais de *habitat* não ocupados simultaneamente, mas em sequência curta, tendo a comunidade mais tarde optado por escolher um espaço próximo, mas diferenciado do escolhido pela comunidade que a precedeu. Finalmente, não pode descartar-se a possibilidade de um dos sítios ter dado origem ao outro, o que implicava que, pelo menos num determinado momento, correspondendo a uma segunda fase do sítio original, ambos estariam ocupados. O que se conhece da ocupação proto-histórica da região de Ourique permite considerar mais plausível a última hipótese.

Não se conhecem estruturas ou materiais.

A proximidade dos dois sítios implica, como é óbvio, elementos comuns ao nível da implantação, localização e recursos, não se justificando, por isso mesmo, análises diferenciadas.

Ambos os sítios se encontram implantados em colinas suaves, com altimetrias de 225 m e 226 m, com boa visibilidade em todos os quadrantes, mas com fraca defensabilidade. Na área envolvente, a orografia está escassamente representada.



Os solos das suas áreas de recursos são, predominantemente, do tipo D e E, o que, associado à escassez de recursos hídricos, proporcionaria fraca produtividade agrícola.

#### 2.2.3.5. *Carapetal*

CMP: 555

Coordenadas hectométricas Gauss: 188,3  
71,2

Bibliografia: Beirão, 1986; Correia, 1993

*Habitat* detectado por prospecção. Situa-se na encosta sul de uma pequena elevação orientada N/S, com cota de 212 m. O local apresenta ampla visibilidade, boa acessibilidade e fraca defensabilidade. Está próximo de afluentes do Mira, que corre a cerca de 4 km. Do sítio, avista-se a necrópole do mesmo nome, bem como o *habitat* e a necrópole do Cerro do Ouro. Não são visíveis quaisquer vestígios de ocupação no local.

No seu território de exploração de 12 m, estão presentes solos de tipo D e E, sem grandes capacidades agrícolas.

#### 2.2.4. *Os povoados isolados*

##### 2.2.4.1. *Arzil*

CMP: 546

Coordenadas hectométricas Gauss: 179,8  
82,2

Bibliografia: Beirão, 1986; Correia, 1993

A pouca distância da ribeira de Garvão, Arzil localiza-se a cerca de 110 m de altitude, numa área planáltica, perturbada, a Sudoeste, pelo relevo associado às ribeiras de Garvão e S. Martinho. Trata-se de uma implantação em colina suave, de fraca acessibilidade e defensabilidade.

O *habitat* parece estar em correspondência directa com a necrópole do mesmo nome, junto da qual se localiza. As referências à existência de uma mina nas proximidades, e alguns vestígios de exploração mineira no local, têm sido os argumentos usados para conectar o sítio com uma actividade extractiva de minério.

Os solos do seu território envolvente incluem-se nas Classes C e D, o que, aliado à proximidade de cursos de água, faz pensar numa área de razoáveis capacidades agrícolas.

##### 2.2.4.2. *Herdade do Pêgo*

CMP: 563

Coordenadas hectométricas Gauss: 189,2  
62,8

Bibliografia: Beirão, 1986; Correia, 1993

*Habitat* detectado por prospecção. Situa-se na encosta SE de um cabeço xistoso ocupado pela necrópole do mesmo nome.

Localiza-se numa zona de difícil acesso, a 250 m de altitude, o que se reflecte na ampla visibilidade que apresenta em todos os quadrantes, excepto a N e a NE, onde se situa a necrópole



do mesmo nome e que com ele estará, muito provavelmente, conectada. A área em que se encontra tem escassos cursos de água.

À superfície, identificaram-se fragmentos de adobes.

O seu território potencial de exploração de 12 minutos (63 ha) é, totalmente, caracterizado por solos da Classe E, revelando, por isso mesmo, poucas ou nenhuma capacidades agrícolas.

#### 2.2.4.3. *Penedo*

CMP: 555

Coordenadas hectométricas Gauss: 184,8  
75,5

Bibliografia: Beirão, 1986; Correia, 1993

*Habitat* detectado por prospecção, localiza-se a 200 m de altitude, numa área relativamente aplanada e caracterizada pela inexistência de cursos de água significativos, com excepção da pequena ribeira da Charneca. Trata-se de um sítio de implantação em peneplanície, sem qualquer sistema natural de defesa e com fácil acessibilidade. Anexo a este *habitat* localiza-se uma necrópole que com ele, certamente, se relaciona.

Os solos que caracterizam o seu território envolvente pertencem à Classe E, apesar de no seu território potencial de exploração de 12 minutos se encontrarem pequenas manchas do tipo C. O território é aplanado e apenas sulcado por três estreitas ribeiras.

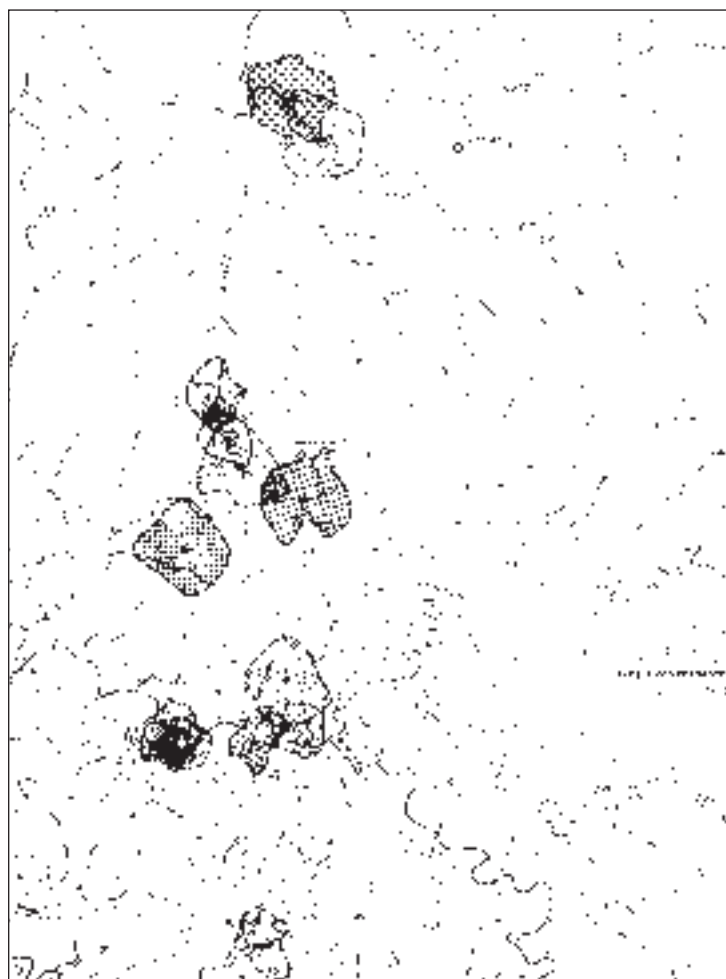
#### 2.2.5. *Considerações acerca do povoamento da Idade do Ferro da região de Ourique e das suas relações com as potencialidades dos seus territórios*

A região dos meandros do curso médio do rio Mira é uma zona de transição entre a paisagem de peneplanície e a bacia hidrográfica dominada pelo Mira e seus afluentes. Aqui, documentou-se um povoamento caracterizado pela agregação de populações em pequenos sítios de *habitat* que têm vindo a ser datados dos séculos VII a V a.C., mas cuja cronologia poderá situar-se preferencialmente entre a segunda metade do século VI e o III a.C. Da estratégia do povoamento parecem estar, completamente, ausentes preocupações de ordem defensiva. Verifica-se que é típica a escolha de uma cota baixa, inserida num meandro do rio, ficando desprezados os pontos proeminentes.

A análise da capacidade agrícola revelou a predominância de solos pobres, Classes C e E, que apenas permitem a prática de uma agricultura de sequeiro de fraca rentabilidade. Esta só é, aliás, possível devido à existência de recursos hídricos e à presença de pequenas áreas de solos mais férteis, em especial na região da peneplanície, a Norte. A proximidade do rio permite, no entanto, também a exploração de pequenas hortas, sendo certamente a horticultura a prática agrícola aqui mais desenvolvida. Tudo indica, pois, que a actividade agrícola cobriria apenas as necessidades básicas de subsistência das populações sidéricas implantadas neste núcleo.

Todos os territórios de exploração destes sítios interceptam-se, o que pode efectivamente indicar, tal como propuseram Beirão e Correia (1994), a existência de uma rede de povoamento interactivo, intimamente relacionada com o rio. O povoamento estaria assim vocacionado para a exploração dos terrenos adjacentes ao Mira, parecendo provável que a exploração mineira, a partir das aluviões do rio, tenha desempenhado um papel económico fundamental, e mesmo





**Mapa 3** Povoados do vale do Mira e respectivos territórios de recursos  
 1. Vaga da Cascalheira; 2. Fernão Vaz;  
 3. Cortadouro; 4. Porto das Lages; 5. Pego da Sobreira; 6. Arreganhado; 7. Junqueira;  
 8. Monte do Coito; 9. Mealha a Nova;  
 10. Biscoitinhos; 11. Cruzes; 12. Monte do Poço e Cerro do Ouro; 13. Carapetal.

determinante, desta localização geográfica. Como já foi dito, os investigadores atrás referidos chamam a atenção para a concentração de vestígios evidentes de intervenção humana antiga nos filões quartzíticos dos afloramentos rochosos das margens deste sector do rio. Os vestígios desta actividade são particularmente visíveis nas áreas próximas dos sítios de *habitat* da Vaga da Cascalheira e do Cortadouro, parecendo importante lembrar aqui que este último sítio é exactamente aquele que menores apetências agrícolas apresenta.

Comparativamente com o núcleo do Mira, o de Palheiros apresenta maior capacidade agrícola, o que leva a pensar em pequenas unidades rurais relacionadas com a exploração de pequenas parcelas dos solos que lhes são adjacentes. A multiplicidade de pequenos cursos de água permitiria uma irrigação mais eficaz das terras, proporcionando áreas de pastagens de qualidade. Aliás, os territórios de exploração dos sítios do que se designou por *Núcleo de Palheiros* são suficientemente vastos para sustentarem uma actividade pastoril com alguma importância.

Ainda a propósito deste mesmo núcleo, não pode deixar de referir-se que o topónimo Cerro do Ouro poderia indiciar uma actividade relacionada com a metalurgia, mas a inexistência de quaisquer vestígios que comprovem esta actividade, neste local, não permite outras considerações.

O núcleo de Ourique engloba apenas dois locais de *habitat*, Junqueira e Monte do Coito II, que parecem relativamente aptos para actividades produtivas, tanto agrícolas como pastoris (região aplanada e irrigada).



Arzil, Penedo e Herdade do Pego aparecem como sítios isolados, estando o último ainda na área de influência do rio Mira. O Penedo encontra-se entre os núcleos a Norte e os do Sudeste, parecendo estabelecer a ligação entre os dois elementos hidrográficos mais significativos. Do conjunto dos três sítios apenas Arzil está situado numa área com alguma capacidade agrícola, apresentando os territórios do Penedo e da Herdade do Pego características que não podem ser desprezadas como zonas de pastagem. Estas considerações não invalidam, também neste caso, a prática de uma agricultura de subsistência, comum a todos os locais de povoamento da região de Ourique.

#### 2.2.6. As relações entre os sítios de *habitat*

Na região de Ourique, sobretudo naquilo que designamos por núcleo do Mira, encontram-se sítios de *habitat* que parecem estar directamente relacionados com actividades metalúrgicas. Este facto implicava a existência de trocas comerciais, uma vez que essa actividade não se destinaria, na totalidade, ao abastecimento local, implicando também, necessariamente, uma rede de povoamento tecida por apertadas solidariedades que ultrapassavam os aspectos meramente económicos.

Os sítios onde a exploração mineira foi praticada podem corresponder a locais de habitação secundários, a lugares centrais, ou estarem apenas inseridos numa região com um povoamento de importância equivalente, ou seja sem hierarquização explícita. Para analisar, devidamente, esta questão seriam necessários dados que, objectivamente, não estão disponíveis, pois era necessário ter em consideração os seguintes aspectos:

1. estamos em presença de ocupações sazonais, destinadas à obtenção de recursos complementares, embora repetidamente verificadas?
2. a exploração mineira era a actividade económica dominante do *habitat*?
3. quais as reais dimensões dos sítios de *habitat* em análise e, consequentemente quais as exigências alimentares resultantes do seu número de habitantes?
4. os *vizinhos mais próximos* são sítios equivalentes quanto ao tipo de actividade económica desenvolvida?

A análise dos sítios de *habitat* com actividade metalúrgica (extração, purificação do minério e fundição) prende-se, assim, directamente com a questão da supremacia/dependência entre locais de *habitat*. Por razões já suficientemente expostas, avaliar e equacionar essa questão, nesta região concreta, não é tarefa fácil, se não mesmo impossível, uma vez que, para analisar os *vizinhos mais próximos*, seria imprescindível e obrigatório ter por base a dimensão, os cálculos demográficos e as actividades económicas fundamentais destes sítios. A investigação já produzida para a região de Ourique não permitiu recolher dados que informem sobre estas questões, existindo excessivas lacunas na informação de que se dispõe.

Qualquer interpretação sobre a rede de povoamento e respectivas relações entre *vizinhos*, por exemplo no “Núcleo do Mira”, teria, também, de ter em conta as razões da fundação de alguns dos sítios, que poderiam ter tido origem num processo de “colonização interna”, (esporulação, ramagem ou enxameamento segundo Sahllins, Firth ou Gonçalves, respectivamente), desencadeado pela pressão demográfica, como recentemente propôs Jorge de Alarcão (1996a, p. 26-29), o que no entanto não parece ser confirmado pelos dados das necrópoles, como adiante tentarei expor.

Por outro lado, o Cortadouro pode não corresponder a um lugar de *habitat*, mas tratar-se apenas de um local onde se explora o chapéu de ferro sobre o qual o sítio se implanta, e onde



não é absolutamente necessário que se pernoite continuamente, o que poderia explicar os frustes testemunhos da sua ocupação. Os potenciais metalurgistas do Cortadoiro poderiam ser os habitantes de Fernão Vaz, ou de qualquer outro sítio do núcleo do Mira.

Inevitavelmente, todas estas questões nos encaminham para o problema dos acertos demográficos.

Apesar de legitimamente criticadas e recusadas por muitos investigadores, porque aleatórias e inaplicáveis, as técnicas de acertos demográficos multiplicam-se sob a forma de planos e equações destinadas ao cálculo estimativo da população de sítios arqueológicos.

Ressalvadas as necessárias precauções, e não perdendo de vista que a grande maioria dos sítios da região agora em análise foi detectada na sequência de campanhas de prospecção, a que não se sucederam, senão em casos excepcionais — como Fernão Vaz ou Porto das Lages —, escavações arqueológicas, decidi-me a abordar esta questão, discutindo propostas anteriores (Alarcão 1996a, p. 26-29; Correia, 1997, p. 45).

Jorge de Alarcão, baseado nos cálculos que prevêem um habitante por cada 4,5 m<sup>2</sup>, e tendo em atenção as áreas escavadas em Fernão Vaz, propõe que os estabelecimentos rurais da região de Ourique, a que chama casais agrícolas, teriam uma população média de 30/50 habitantes, o que corresponderia a uma família alargada (Alarcão, 1996a, p. 25). Por outro lado, não esquecendo que Porto das Lages possui apenas 18 m<sup>2</sup>, o que de acordo com os mesmos cálculos lhe fornece uma população de 4 ou 5 habitantes, conclui que este sítio corresponderia a um casal agrícola na sua fase inicial, cuja fundação teria tido origem na exportação de uma família nuclear de um outro casal agrícola com problemas demográficos a resolver, eventualmente Fernão Vaz (Alarcão, 1996a, p. 28-29).

As conclusões a que Jorge de Alarcão chega através dos cálculos que elabora entram, como o próprio reconhece, em contradição com os elementos que as necrópoles desta região fornecem. Para uma população média de 50 habitantes, e considerando uma ocupação de 250 anos e uma taxa de mortalidade de 35,5%, deveriam existir na necrópole de Fernão Vaz 354 a 442 sepulturas (Alarcão, 1996a, p. 26). De facto, só existem 36 (Correia, 1993, p. 356). Jorge de Alarcão tenta resolver o problema admitindo, então, que apenas os chefes de família seriam enterrados nas necrópoles, o que, por seu lado, não se coaduna com os novos cálculos elaborados por este investigador. Partindo do princípio que, tal como sucedeu na Dinamarca entre 500 a.C. e 1000 d.C. (Jorgensen, 1987, *apud* Alarcão, 1996a), a renovação de gerações se fazia de 18,8 em 18,8 anos, ou seja que a esperança média de vida era então de 37,6 anos, teriam de existir na necrópole de Fernão Vaz, e tendo em consideração os 200 a 250 anos de ocupação do povoado correspondente, 10,6 a 13,3 *tumuli*, o que, como já foi dito, não corresponde à realidade observada. Mesmo admitindo que, para além dos chefes de família, fossem também sepultadas as respectivas mulheres, Jorge de Alarcão atinge apenas o número de 21 a 27 sepulturas. Assim, considera a hipótese de a necrópole de Fernão Vaz “...ter acolhido não só os chefes de família mortos neste *habitat*, mas também os dos casais dele nascidos.” (Alarcão, 1996a, p. 27), o que lhe proporcionou 55 chefes mortos, número que uma vez mais não corresponde às sepulturas encontradas na necrópole de Fernão Vaz.

Estas estimativas demográficas de Jorge de Alarcão foram contestadas por Virgílio Hipólito Correia. No entender deste investigador, os cálculos de Jorge Alarcão são exagerados, uma vez que se estima em excesso as capacidades demográficas dos sítios de *habitat*, não acreditando que o único edifício de Fernão Vaz pudesse comportar 50 pessoas (Correia, 1997, p. 45).

Pronunciar-me sobre esta questão, tão controversa, não é simples, já que não será despropositado lembrar, uma vez mais, que, para a região de Ourique (à semelhança do que, aliás, sucede



em outras áreas de estudo, onde a necessidade de escavações sistemáticas é premente), o cálculo das áreas dos locais de *habitat* é impossível de determinar, o que limita abordagens de tipo demográfico. Trata-se, como se sabe, de sítios abertos, por isso mesmo não circunscritos a espaços bem definidos, o que impede a determinação das áreas ocupadas, situação facilitada quando estamos perante um sítio fortificado, com um espaço urbano mais facilmente delimitável.

Gostaria também de chamar a atenção para o facto de os cálculos do Professor Jorge de Alarcão se basearem em premissas que, do meu ponto de vista, não estão completamente demonstradas. Como já anteriormente referi, não me parece provável que o *habitat* de Fernão Vaz pudesse ter estado ocupado durante 250 anos, sucessivamente. De acordo com os argumentos já utilizados, parece-me mais razoável pensar num máximo de 100 anos de ocupação. Permiti-me elaborar também os meus próprios cálculos. Embora tendo por base a mesma taxa de mortalidade (35,5%), e ainda admitindo que a renovação de gerações se fazia de 18,8 em 18,8 anos, parti do princípio que o sítio tinha permanecido ocupado apenas 100 anos e por um grupo que nunca excederia as 20 pessoas. Ainda assim obtive um número que, embora mais próximo, é também claramente superior ao existente: 57 a 71 sepulturas.

No entanto, o que mais importante ressalta do trabalho que Jorge de Alarcão produziu sobre esta área é, na minha opinião, o facto de considerar que os sítios de *habitat* da região de Ourique correspondem, não a povoados, mas a “casais”, ou seja pequenas unidades unifamiliares habitados por linhagens de 3 ou 4 gerações. Como já anteriormente se referiu, alguns destes casais teriam tido origem na sequência de um processo de “colonização interna”, o que tornaria, pois, totalmente admissível considerar que os habitantes dos “casais” recém formados pertenciam à mesma linhagem dos que residiam nos “casais” de origem. Tal facto permitiu que o investigador referido propusesse que os primeiros poderiam ser ainda enterrados nas necrópoles dos últimos.

À luz dos dados disponíveis para as necrópoles, tal proposta não me parece de reter, apesar de considerar também quase indiscutível que estamos perante um povoamento desenvolvido com base num sistema de linhagens, o que me leva a admitir, quase sem reservas, que cada um dos “casais” da região de Ourique corresponde realmente a uma unidade unifamiliar. Por outro lado, não posso deixar de referir que a proposta do Professor Jorge de Alarcão quanto ao facto de alguns dos “casais” serem o resultado da esporulação de Sahlins, é realmente aliciante e sedutora, e seria tentador imaginar que existiam necrópoles comuns a vários povoados. No entanto, não é isto que se deduz de uma análise mais detalhada dos dados arqueológicos. No núcleo do Mira, por exemplo, existem quatro necrópoles para os seis sítios de *habitat*. Anexas aos casais de Vaga da Cascalheira, Fernão Vaz, Pego da Sobreira, e Arreganhado encontramos as necrópoles de Vaga da Cascalheira, Fernão Vaz, Pego da Sobreira e Casarão, respectivamente, o que deixa apenas sem necrópole os sítios do Cortadouro e do Porto das Lages. Uma vez que Cortadouro pode não corresponder a um local de ocupação permanente e que Porto das Lages parece ser mais tardio que Fernão Vaz, teríamos para cada local de *habitat* uma necrópole.

É também imprescindível acrescentar que os dados sobre a cronologia das necrópoles (v. *infra*) parecem também contradizer a teoria da esporulação. De facto, enquanto Fernão Vaz comporta todos os tipos de monumentos funerários, abrangendo assim toda a diacronia da ocupação sidérica do núcleo do Mira, as necrópoles de Pego da Sobreira e Arreganhado integram apenas monumentos da primeira fase e a da Vaga da Cascalheira compõe-se, exclusivamente, de monumentos da terceira fase. Assim, torna-se difícil sustentar que os casais do Pego da Sobreira e do Arreganhado possam ter sido fundados a partir de Fernão Vaz, quando os dados das respectivas necrópoles indiciam que a fundação dos três teria ocorrido no mesmo momento, havendo



elementos que permitem afirmar que, enquanto os dois primeiros são abandonados após alguns anos de ocupação, o último permanece ocupado durante toda a I Idade do Ferro. Pelo contrário, julgo que os dados permitem pensar mais numa concentração de população em Fernão Vaz do que numa colonização interna a partir dele, apesar de ser ainda algo difícil esclarecer o papel jogado neste cenário pelo *habitat* da Vaga da Cascalheira, não sendo de desprezar a hipótese de este ter sido efectivamente fundado a partir de Fernão Vaz, fundação essa que, no entanto, implicou também a construção da respectiva necrópole.

Tais considerações não invalidam, no entanto, e do meu ponto de vista, que estamos perante sítios onde viviam apenas indivíduos pertencentes à mesma linhagem.

O que será, contudo, necessário reavaliar é a questão de quem era efectivamente sepultado naquelas necrópoles. Nesta perspectiva, não deixa de ser interessante registar que, como já referi e exporei mais detalhadamente nas próximas páginas, a necrópole de Fernão Vaz possui monumentos pertencentes a todas as fases da arquitectura funerária do Baixo Alentejo, o que não se verifica nas necrópoles correspondentes aos sítios de Vaga da Cascalheira, Arreganhado e Pego da Sobreira. Insisto ainda que a necrópole da Vaga da Cascalheira parece corresponder apenas à fase três daquela evolução, enquanto em Pego da Sobreira e Casarão apenas se registam monumentos da fase 1, o que poderia indicar que os sítios de *habitat* do Pego da Sobreira e do Arreganhado teriam tido uma vida mais curta que Fernão Vaz, tendo sido abandonados numa fase precoce da ocupação sidérica do Vale do Mira. Pelo contrário, a ocupação da Vaga da Cascalheira, e se atendermos aos dados da respectiva necrópole, parece ter início num momento já avançado da Idade do Ferro desta região concreta, quando, aparentemente, Pego da Sobreira e Arreganhado estão já abandonados. Reconheço que esta situação pode ter outras explicações possíveis, mas a ausência de dados mais concretos impossibilita-me de as analisar devidamente. O que parece, no entanto, ser óbvio é que Fernão Vaz, Pego da Sobreira e Arreganhado possuem ocupações coevas e que os seus habitantes construíram as suas necrópoles em área anexa. Neste primeiro momento da ocupação sidérica do que designei por “Núcleo do Mira”, os monumentos funerários são de planta circular e, tudo indica, comportavam apenas um enterramento. É, assim, fácil concluir que em Pego da Sobreira e Arreganhado apenas um único indivíduo foi sepultado, enquanto em Fernão Vaz três pessoas tiveram direito a monumento funerário, parecendo ser de concluir que apenas alguns elementos do grupo eram sepultados.

Ao concordar com Virgílio Correia, quando considera excessivo o número de 50 habitantes para Fernão Vaz, procurei outras vias possíveis para abordar a questão demográfica dos sítios de *habitat* da região de Ourique.

Tal como Jorge de Alarcão, estava, à partida, limitada pelo facto de não dispor de dados arqueográficos para obter informações minimamente credíveis. Assim, procurei basear-me no modelo que recorre aos critérios dos recursos agropastoris de cada sítio, cujas fórmulas foram aplicadas para a “Cultura Castreja”, também por Jorge de Alarcão (1992b).

Estou perfeitamente consciente que esta metodologia é criticável de vários pontos de vista. A multiplicidade dos mecanismos económicos que se podem observar na região é a primeira grande condicionante. Assim, é óbvio que sabemos como este modelo é reducionista, ao considerar apenas o gado, como elemento determinante na alimentação.

A proposta de Halstead (1989), considerando que, numa sociedade sedentária com um sistema alimentar baseado no consumo de ovicaprinos, cada habitante consome, em média, 20 cabeças de gado por ano, foi aqui utilizada, à semelhança do que sucedeu para o Noroeste (*ibid.*). No entanto, no que se refere aos limites dos territórios de exploração, não utilizei a mesma metodologia da que foi aplicada naquela região (1 hora de marcha). A opção por territórios de 30



minutos para a elaboração dos cálculos, deveu-se sobretudo ao facto de saber que são certamente vários os factores que contribuem para a subsistência das populações da área, e por muito importante que tenha sido (como acredito) a actividade do pastoreio, o contributo da agricultura e de fenómenos complementares como a caça, a silvicultura e o próprio comércio não pode ser desprezado. A dimensão dos sítios em análise e, consequentemente, o número de indivíduos que neles habitava não é compatível com amplos territórios de recursos, mesmo quando se analisa a questão na sua vertente pastoril.

Tal como Jorge de Alarcão, parti da premissa de Baticle (1974) que admite, para os pastos mediterrâneos, a possibilidade de cada hectare poder sustentar três cabeças de gado.

Habitat	Área de recursos	Cabeças de Gado	Número de habitantes
Vaga da Cascalheira	415 ha	1245	21
Fernão Vaz	378 ha	1134	19
Cortadouro	283 ha	849	14
Porto das Lages	350 ha	1050	18
Pego da Sobreira	415 ha	1245	21
Arreganhado	660 ha	1980	33
Junqueira	969 ha	2907	49
Monte do Coito	962 ha	2866	48
Mealha Nova	943 ha	2829	47
Biscoitinhos	969 ha	2866	48
Cruzes	619 ha	1857	31
Monte do Poço	1075 ha	3225	54
Cerro do Ouro	1256 ha	3768	63
Carapetal	572 ha	1716	27
Herdade do Pego	394 ha	1182	20
Penedo	707 ha	2121	35
Arzil	1074 ha	3222	54

Se é certo que os números a que cheguei não devem ser tomados em consideração sem muitas reservas, acontece que acabam por não se distanciar, excessivamente, daqueles que tinham sido propostos. De facto, no conjunto dos 17 sítios, apenas em três se ultrapassa os 50 habitantes, sendo a média geral de 34 indivíduos por *habitat*.

O quadro acima merece ainda outros comentários que parecem relevantes, uma vez os dados que proporcionaram. É, por exemplo, bastante significativo que os sítios do “Núcleo do Mira” (Vaga da Cascalheira, Fernão Vaz, Cortadouro, Porto das Lages, Pego da Sobreira e Arreganhado) sejam justamente aqueles cuja população, exceptuando o caso de Arreganhado, ronda o número de 20 habitantes. Os núcleos de Ourique e de Palheiros proporcionaram valores, em geral, bastante mais elevados, parecendo importante recordar que estes se localizam em áreas de peneplanície e onde a capacidade de uso dos solos é mais elevada do que aquela que se verifica no “Núcleo do Mira”.

O que parece, no entanto, mais importante é que estes cálculos confirmam os números propostos por Jorge de Alarcão (30/50 habitantes por *habitat*), fornecendo, assim, uma maior consistência à sua hipótese de estarmos perante conjuntos habitacionais correspondentes a unidades familiares, hipótese que eu partilho integralmente.



É óbvio, que estes valores teriam (terão) de ser corrigidos de acordo com outros dados, de momento não disponíveis, e que só futuras escavações em área, nestes sítios de *habitat*, poderão fornecer.

É, também, evidente, que a leitura do quadro proporciona, igualmente, algumas perplexidades, a maior das quais é sem dúvida o facto dos cálculos efectuados terem fornecido um número de habitantes praticamente idêntico em Fernão Vaz e Porto das Lages, o que, como já foi referido, os dados das escavações referentes às áreas habitadas parecem desmentir.

#### 2.2.7. A ocupação do espaço durante a I Idade do Ferro na região de Ourique

##### Factores condicionantes

###### a) A produção

Só é possível apresentar um modelo interpretativo da ocupação de um qualquer espaço através do estudo comparativo dos factores de estratégia e dos factores da produção.

Foi possível reconhecer, para os núcleos de povoamento do espaço que hoje constitui o concelho de Ourique, e de acordo com propostas recentes (Berrocal, 1992), um duplo sistema organizativo. Tanto o “*sistema em divisão de água*” (preferência por localizações sobranceiras aos afluentes dos principais rios, sobretudo em pontos de confluência onde as terras são geralmente mais altas), como o “*sistema em leitos principais*” (incrustados em vales e depressões fluviais, geralmente escarpadas, e em cotas mais baixas, mas de onde é possível dominar visualmente a paisagem), estão presentes na região, sendo o primeiro observado no “Núcleo de Ourique” e o segundo no “Núcleo do Mira”.

Quanto à produção, a região de Ourique corresponde a uma zona de aproveitamento agrícola médio/fraco, actualmente dirigido sobretudo para o cultivo de sequeiro. É pouco provável que os cereais tenham representado papel relevante (pelo menos no núcleo do Mira), durante a Idade do Ferro, altura em que as hortas forneceriam, talvez, o maior contributo para a alimentação das populações sidéricas.

A criação de gado suíno e ovicaprino desempenha, ainda hoje, uma função produtiva considerável, sendo muito provável que essa mesma função tivesse sido desempenhada, durante o I milénio a.C. com uma importância económica ainda maior.

Já se falou, com frequência, da riqueza mineira da região em análise que, aliás, coincide genericamente com as piores terras agrícolas. Estou convicta que esse potencial forneceu, durante a Idade do Ferro, um importante contributo para o sistema produtivo.

###### b) A estratégia

Tal como Luis Berrocal sublinhou (1992), o papel atribuído a um *habitat* ao nível das estratégias de comunicação e comércio depende da função que desempenhou como centro de produção, como via de comunicação e redistribuição regional, ou ainda como centro de distribuição inter-regional.

Analisando as vias naturais de comunicação, correspondentes a rotas de comércio, que o nosso colega da Universidade de Madrid propôs, verifica-se que pelo menos duas se relacionam com o curso médio do rio Mira.

Também Jorge de Alarcão (1996a) localiza na região de Ourique um dos pontos de apoio ao caminho que ligaria a foz do Tejo ao litoral tartéssico, referido na *Ora Maritima* de Avieno.

Ourique parece estar, assim, no cruzamento das mais importantes rotas terrestres do Sudoeste peninsular.



### 2.2.8. Os modelos de concentração e relação entre sítios de habitats: coordenação e subordinação

Como já foi por diversas vezes sublinhado ao longo deste trabalho, os dados disponíveis não facilitam o estabelecimento de um quadro das relações sócio-económicas existentes durante a Idade do Ferro, nesta região. Mas, apesar de ser evidente que as bases que alicerçam a construção de um qualquer modelo interpretativo não são suficientemente sólidas, entendo que não é possível ficar indiferente a esta realidade tão complexa e não propor para ela hipóteses que só futuras escavações poderão avaliar.

Não me restam dúvidas que a ocupação humana da área analisada fornece uma imagem de organização dinâmica e estruturada, que só pode ter sido possível através de relações de várias naturezas, estabelecidas entre os diversos sítios de *habitat*, entre as quais se devem contar a coordenação e/ou a subordinação.

No conjunto da área analisada, apenas o “Núcleo do Mira” apresenta características que permitem supor, ainda que com muitas reservas (apenas Fernão Vaz e Porto das Lages foram alvo de intervenções arqueológicas), a existência de relações de subordinação entre os diversos sítios nele incluídos e que, como adiante se verá, não são sequer típicas do que assim se costuma designar.

Parece importante lembrar, agora, alguns dados essenciais à compreensão das hipóteses formuladas.

Fernão Vaz apresentava uma planta que deixa antever um espaço relativamente amplo, onde se distinguiam compartimentos e se identificaram uma olaria e vestígios de actividade metalúrgica (Beirão e Correia, 1994). Porto das Lages revelou apenas um pequeno núcleo habitacional, cuja dimensão total não excede os 18 m<sup>2</sup> (Correia, 1988-89).

Também ao nível do espólio, é possível diferenciar os dois sítios. Porto das Lages forneceu exclusivamente cerâmica, maioritariamente de fabrico local, sendo poucos os fragmentos considerados de importação regional (Correia, 1988-89). Quanto ao espólio cerâmico, Fernão Vaz ofereceu, também maioritariamente, produções locais, registando igualmente importações de âmbito regional. A diferença regista-se ao nível das importações extra regionais, consubstanciadas em fragmentos de cerâmica ática, de cerâmica de engobe vermelho (forma 9 de Cuadrado) e de um *pithos*. As diferenças acentuam-se quando se observa que Fernão Vaz apresenta também objectos de adorno (contas de pasta vítrea oculadas) e espólio metálico (Beirão, 1986; Beirão e Correia, 1994).

Já anteriormente referi que os materiais publicados me sugerem que a distinção entre ambos se deve estabelecer, fundamentalmente, em relação à sua sincronia. De facto, não me parece plausível que o espólio cerâmico de Porto das Lages se possa incluir nos parâmetros cronológicos propostos (Correia, 1988-89), devendo a sua datação baixar para o que se costuma designar por II Idade do Ferro. Uma data centrada entre os meados do século IV e os finais do III a.C. estará, talvez, mais próxima da realidade. Neste contexto, não me parece relevante discutir, em profundidade, as propostas sobre o seu carácter temporário ou permanente (Correia, 1988-89; Alarcão, 1996a). Devo acrescentar, no entanto, que os argumentos aduzidos por Jorge de Alarcão “Três fragmentos de cerâmica “de fabricos importados que para uma população de escassos recursos, assumem o carácter de produções de luxo” (Correia, 1988-89, p. 86), parecem dificilmente compatíveis com um abrigo sazonal” (Alarcão, 1996a, p. 28) são de reter, proporcionando uma maior validade à hipótese de este sítio se tratar de “...um casal recém fundado, constituído por 4 ou 5 indivíduos, (que) à razão de 4,5 m<sup>2</sup>, por habitante, (teria uma área) de 18 ou 22,5 m<sup>2</sup>.” (Alarcão, 1996a, p. 27). Como sabemos, 18 m<sup>2</sup> é justamente a superfície de Porto das Lages.



Por outro lado, não deve olvidar-se que, sendo Fernão Vaz o sítio do “Núcleo do Mira” em que mais se investiu em termos arqueológicos, pode tender-se a sobrevalorizá-lo, dado não existirem sítios de *habitat* coevos com que seja possível comparar espólios, plantas e dimensões de área ocupada.

De qualquer modo, parece claro que sítios como a Vaga da Cascalheira ou Cortadouro, localizados sobre os “chapéus de ferro” das margens do Mira, são mais pequenos que Fernão Vaz, podendo mesmo admitir-se que, pelo menos, o Cortadouro não tenha correspondido a uma ocupação permanente. Além disso, a análise dos dados proporcionados pela necrópole Fernão Vaz (monumentos pertencentes a todas as fases da arquitectura funerária do Baixo Alentejo) permite considerar que este sítio teve uma existência mais longa do que os restantes do “núcleo do Mira”, tendo permanecido ocupado durante quase toda a I Idade do Ferro da região.

Assim, os dados arqueológicos parecem concorrer para a confirmação do papel de Fernão Vaz enquanto “Lugar central”, agregando à sua volta povoados satélites relacionados uns com a extracção mineira (Vaga da Cascalheira, Cortadouro e ainda Pego da Sobreira), outros com a agropecuária (Arreganhado). Neste contexto, não vejo razão para, neste caso concreto e como anteriormente já referi, não considerar que o nascimento de Vaga de Cascalheira possa ter a mesma origem que Jorge Alarcão apresenta para o “nascimento” de Porto das Lages (Alarcão, 1996a). Tratar-se-ia, pois, de um pequeno casal que resultava do accionar de mecanismos naturais de sobrevivência social, quando um grupo restrito se vê obrigado a deixar a comunidade de origem (Fernão Vaz), no momento em que o tecto demográfico é atingido. Um processo que foi já verificado para outras épocas e para outros locais do território português, como por exemplo o Alto Algarve Oriental durante o III milénio a.C., aqui chamado de enxameamento (Gonçalves, 1989).

Assim, é possível deduzir que não teria sido por qualquer diferenciação verificada nas capacidades produtivas ou nas localizações estratégicas que as relações de subordinação se teriam estabelecido, como é típico dessas relações. Neste caso, alguns dos núcleos populacionais com origem na família alargada que habitava em Fernão Vaz manteriam, com esta, relações de dependência ou subordinação, baseadas em laços de consanguinidade, que as aproximam de relações de coordenação.

As relações de coordenação estabelecem-se nos casos em que povoados de “entidade” similar ocupam lugares de visualização conjunta, de modo a dominar toda uma área de interesse comum (Berrocal, 1992).

Este parece ser o caso dos sítios que integrei no “Núcleo de Palheiros”. Agrupados de forma muito concentrada, numa pequena área de peneplanície, parecem corresponder a casais rurais vocacionados para actividades agrícolas e pastoris.

Nesta categoria integraria também os sítios do “Núcleo de Ourique”. Os dois sítios de *habitat* que o constituem, a que talvez se possa acrescentar Casa Velha e Fontinha da Ribeira (sítios sobre os quais não se possui informação detalhada, mas que parecem localizar-se na “Zona de Ourique”), explorariam, conjunta e coordenadamente, os seus territórios, relativamente aptos para actividades produtivas, tanto agrícolas como pastoris (região aplanada e irrigada).

Julgo importante assinalar o facto de os sítios de *habitat* destes dois núcleos terem revelado, de acordo com os cálculos efectuados, o número de habitantes potencialmente mais elevado da região.

É necessário, no entanto, ter, aqui também, em consideração que é apenas a ausência de escavações arqueológicas em sítios de qualquer destes núcleos, que não permite equacionar uma situação idêntica à do “Núcleo do Mira”, não sendo impossível admitir que um *habitat* tenha dado origem a algum ou alguns dos restantes, como já foi proposto para Cerro do Ouro/Monte do Poço.



A utilização dos cálculos demográficos efectuados poderia ser um caminho, tentando-se, desta forma, suprir a ausência de outros elementos mais concretos. Não o seguirei, no entanto, já que estes cálculos não foram obtidos a partir das áreas efectivamente ocupadas durante a Idade do Ferro, mas através de um processo algo sinuoso que, como já foi explicado, tentou também ultrapassar as dificuldades da sua obtenção por métodos mais tradicionais e ortodoxos. Mas não se deve escamotear o facto dos números alcançados para os dois sítios de *habitat* do “Núcleo de Ourique” serem praticamente idênticos (48 habitantes para o Monte do Coito; 49 habitantes para a Junqueira) e de, no “Núcleo de Palheiros”, o Cerro do Ouro se destacar no conjunto com 63 habitantes.

Como já sucedeu para o núcleo de Ourique, nada impede, no entanto, que se possa considerar que as relações de dependência, a terem existido, tinham produzido, pelo menos num momento inicial, o estabelecimento de uma teia de interdependência mútua, dominada por interesses comuns e baseada em apertados laços familiares, mais de acordo, portanto, com relações de coordenação.

A análise dos sítios de *habitat* de Penedo, Herdade do Pego e Arzil levanta alguns problemas interpretativos, uma vez que se encontram, aparentemente, isolados, sendo, no entanto, difícil conceber a sua existência sem que estejam directamente relacionados com o povoamento da região.

O Penedo, localizando-se entre a região mais a Norte, de peneplanície (rica em solos agrícolas), e a região Sul, associada ao rio Mira (rica em metais), poderia ter funcionado como um ponto importante numa rota inter-regional que estabelecia a ligação entre todos os sítios de *habitat* da área. Seria assim um verdadeiro *gateway*.

Quanto à Herdade do Pego, a necrópole a ela associada pertence a uma comunidade possuidora de objectos de luxo e prestígio, claramente supra regionais, o que denota uma relação directa com o povoamento do “núcleo do Mira”.

Arzil localiza-se numa área de potencialidades agrícolas razoáveis, em estreita relação com a ribeira de Garvão, que conduz ao Sado, e, logicamente, ao litoral. Teria muito provavelmente um papel semelhante ao do Penedo, funcionando igualmente como *gateway*.

A consciência de que a análise que aqui se apresenta do povoamento da região de Ourique durante a Idade do Ferro foi realizada sobre uma realidade fragmentária, pouco esclarecedora e com deficiências confrangedoras, leva-me a tecer ainda alguns comentários finais, uma vez que eu própria estaria disponível para aceitar outras alternativas, que aliás considere, muitas vezes, antes de assumir, definitivamente, a opção final.

Se tivesse admitido, o que apesar de tudo teria sido possível, que o Castro da Cola tinha estado ocupado durante a I Idade do Ferro, era quase inevitável considerar que este sítio teria sido o “Lugar central” do que foi designado por “Núcleo do Mira”. Não seria o facto de estar descentrado dos povoados desse núcleo que impediria classificá-lo como centro político-económico, uma vez que a sua superioridade estratégica conduziria à integração dos restantes sítios de *habitat* na sua área de influência directa. Esta hipótese estaria talvez mais de acordo com os modelos estabelecidos na teoria dos “Lugares centrais”: um sítio com capacidades defensivas naturais, eventualmente limitado por uma fortificação, com uma área relativamente extensa, um considerável número de habitantes e um domínio visual amplo, englobava no seu território pequenos sítios de reduzidas dimensões, escassamente habitados, sem qualquer preocupação de ordem defensiva, implantados em cotas baixas, dedicados às actividades produtivas, nomeadamente a extracção de minério. O Castro da Cola seria assim o local onde estava instalada a elite político-administrativa, que controlava e geria a produção da área envolvente, estando os pequenos “*habitats*” a si submetidos. No entanto, nenhum dado publicado concorre para considerar que o Castro da Cola estava ocupado nesta época.



Por isso mesmo considero que o padrão da ocupação humana do curso médio do Mira corresponde a uma estratégia de povoamento muito singular e própria, que parece revelar uma estrutura social pouco complexa, construída numa base gentilícia. As actividades económicas eram asseguradas pelos diversos núcleos populacionais, sendo definidas e geridas em conjunto, sempre em consonância com as diversas aptidões dos solos em que se instalavam. A complementaridade e inter-dependência eram, assim, as características fundamentais deste núcleo, que se podia estruturar em torno de Fernão Vaz, povoado que teria dado origem a alguns dos restantes.

Relações de subordinação poderiam também ter sido propostas para o “Núcleo de Ourique”. Para tal, bastava que tivesse considerado as cinco lápides epigrafadas, só aparentemente, recolhidas no Cerro do Castelo, elementos suficientemente sólidos para admitir como provável que o Cerro do Castelo de Ourique tivesse estado ocupado durante a I Idade do Ferro. O modelo da subordinação seria neste caso o mais plausível. Uma vez mais, a ausência de informações concretas sobre este sítio levaram-me a propor a solução apresentada nas páginas anteriores, onde me pareceu ver relações de coordenação e não de subordinação.

O modelo de subordinação revelar-se-ia também verosímil no caso de se considerar que a importância que o Cerro do Castelo de Garvão detém na II Idade do Ferro só podia ter tido origem numa presença imediatamente anterior. Sendo frequentes as informações sobre a sua ocupação durante o Bronze Final (Beirão et al., 1985, 1987), não é de facto de desprezar a hipótese de o sítio ter estado ocupado durante a I Idade do Ferro.

Neste caso, o Cerro do Castelo de Garvão apresentava-se, de facto, como um potencial “Lugar central”. A sua supremacia, conjugando uma potencial riqueza agrícola com o acesso, sem intermediários, aos metais, estender-se-ia ao povoado de Arzil e a sua superioridade económica e estratégica conduziria à sua afirmação como centro político-económico, pelo menos à micro-escala local. Esta situação parece indubitável, durante a II Idade do Ferro, onde na sua área de influência directa podemos colocar, nesse momento, os povoados de Ilha Grande e Fonte Santa, algo mais distantes, localizados na área das ribeiras do Sado. É inquestionável que a existência do seu santuário, certamente de grandes dimensões, o que indica a sua importância, permite afirmar que o Cerro do Castelo de Garvão era o local onde se controlavam os mecanismos de coesão social e económica de grupos gentílicos ou supra-gentílicos (Correia, 1996b), durante a segunda metade do I milénio a.C.

No entanto, até ao momento em que escrevo, nenhum espólio arqueológico recuperado é compatível com uma cronologia da I Idade do Ferro, o que, de acordo com a coerência exigida em qualquer trabalho, me obriga a eliminar um potencial “Núcleo de Garvão” com um povoado central localizado no Cerro do Castelo e englobando o *habitat* de Arzil. Ao admitir que a ocupação do Cerro do Castelo de Garvão se iniciou apenas no que se costuma designar por II Idade do Ferro, sou obrigada a integrar o povoado de Arzil no grupo dos “povoados isolados”, que, tendo acesso directo à bacia do Sado, representaria, à semelhança do Penedo, um papel de ligação entre duas regiões distintas.

As razões da exclusão, deste trabalho, do Cerro do Castelo de Garvão, do Cerro do Castelo de Ourique e do Castro da Cola foram já expostas atrás, e, obviamente, evidenciam a minha preferência pelo primeiro dos modelos descritos. Não posso, no entanto, deixar de admitir que a segunda hipótese interpretativa poderá ser considerada igualmente válida, sobretudo se vier a confirmar-se a existência, naqueles sítios, de ocupação datável da primeira metade do I milénio a.C.

Assim, e para concluir penso que as diversas hipóteses que se colocam podem resumir-se da seguinte forma:

- Nenhum dos núcleos de povoamento da região de Ourique apresenta um “Lugar central”, fixando-se as relações entre os seus povoados ao nível da coordenação, mesmo que um povoado



em cada núcleo assuma essa coordenação. Neste casos, os *site clusters* seriam três (Mira, Ourique e Palheiros), estando isolados a Herdade do Pego, o Penedo e Arzil.

- Todos os núcleos de povoamento possuíam um “Lugar central”, estabelecendo-se as relações entre os povoados de cada núcleo de acordo com o modelo da subordinação. O Castro da Cola, o Cerro do Castelo de Ourique, o Cerro do Ouro e o Cerro do Castelo de Garvão seriam os “Lugares centrais” dos núcleos do Mira, Ourique, Palheiros e Garvão respectivamente.

- Apenas um dos núcleos possuía um “Lugar central”, cuja supremacia poderia estender-se ou não a todos os restantes *site clusters*.

A inter-relação entre os diversos núcleos de povoamento da região de Ourique pode ser também analisada, tendo em conta os dados fornecidos pela escavação das necrópoles, correntemente a eles associadas. Essa análise, que a seguir se ensaiará, permitirá juntar alguns elementos ao estudo desta região.

### 2.3. As necrópoles

A grande maioria das necrópoles da região de Ourique está, directa ou indirectamente, associada aos sítios de *habitat*, que em ponto anterior foram agrupados em diversos núcleos de povoamento. Este facto esteve, naturalmente, na base da decisão de apresentar as necrópoles de acordo com os *site clusters* já definidos para os núcleos populacionais. Assim, a análise detalhada das necrópoles segue, basicamente, a mesma ordem da que foi estabelecida para os sítios de *habitat*, com as adaptações inerentes à estrutura do próprio objecto de estudo.

#### 2.3.1. As necrópoles do vale médio do Mira

##### 2.3.1.1. Vaga da Cascalheira

CMP: 563

Coordenadas hectométricas Gauss: 187,2  
66,5

Bibliografia: Beirão, 1986; Beirão e Correia, 1994, Correia, 1993

A necrópole da Vaga da Cascalheira localiza-se no mesmo cabeço do *habitat* do mesmo nome, do qual dista cerca de 50 m., mas a uma cota ligeiramente superior. O cabeço, sobranceiro ao Mira, apresenta, a Oeste, uma vertente com um declive acentuado, onde se localiza o *habitat*, e outra mais suave a Este.

A necrópole, parcialmente escavada, comporta cerca de dez sepulturas, das quais apenas duas foram objecto de intervenção arqueológica (T1, no sector NE da necrópole, perto da entrada; T2, localizada no centro do recinto tumular). Contudo, a totalidade do recinto foi alvo de decapagem superficial (Beirão, 1986; Beirão e Correia, 1994, Correia, 1993). A necrópole tem uma orientação E/W, ocupando uma área total de 7.25 x 7.20 m. É composta por pequenas câmaras sepulcrais rectangulares, enquadradas por *tumulus* quadrangular, construído com pequenos blocos de xisto, que ocupa a totalidade dos 49 m<sup>2</sup> que definem esta necrópole.

As sepulturas escavadas mediam 1,10 x 0,70 m (T1) e 1,40 x 0,80 m (T2).

Ambas se encontravam a 0,15/0,30 m da superfície. T1 não apresentava qualquer cobertura, mas as lajes de xisto encontradas no interior da T2 foram interpretadas como sendo restos de uma. Nos dois casos, as valas para a implantação das sepulturas foram escavadas no solo arenoso, tendo sido posteriormente enquadradas por lajes de xisto, colocadas verticalmente, em duas ou três fiadas fixas com terra ou adobes.



Desconhece-se qual foi o espólio que esta escavação proporcionou.

Este monumento pertencerá ao terceiro momento do faseamento das necrópoles de Ourique, proposto por Correia (1993a, p. 359, no prelo), localizado cronologicamente entre a segunda metade do século VII e o século VI a.C., e que se caracteriza por monumentos quadrangulares, cobrindo fossas sepulcrais (Correia (1993a, p. 360).

### 2.3.1.2. *Fernão Vaz*

CMP: 563

Coordenadas hectométricas Gauss: 187,5  
66,2

Bibliografia: Beirão, 1986; Beirão e Correia, 1994, Correia, 1993

A necrópole de Fernão Vaz surge associada ao *habitat* do mesmo nome, estando, tal como a da Vaga da Cascalheira, implantada a uma cota superior em relação ao núcleo habitacional.

A decapagem superficial de toda a área permitiu observar as grandes dimensões da necrópole, que se organiza em dois núcleos distintos separados por uma faixa central, que foi interpretada como parte do caminho que dava acesso ao povoado (Beirão, 1986, p. 105), "...interpretação que se impõe pelo aspecto da topografia da área, se não é corroborada por dados arqueológicos evidentes, também não é por eles contradita" (Correia, 1993, p. 356). A necrópole possui, na totalidade, uma área de 1150 m<sup>2</sup> e compõe-se de 36 sepulturas.

Os dois núcleos em que a necrópole se organiza apresentam características semelhantes, revelando uma sucessão de monumentos com esquemas arquitectónicos distintos, aparentemente, diferenciadores de distintas fases construtivas. Assim: " - O núcleo Sul possui dois monumentos circulares adossados, à volta dos quais se construíram outros monumentos quadrangulares, um dos quais, aparentemente o último a ser construído, provido de um pequeno degrau circundante. No sentido Este, estende-se uma área muito perturbada, onde se identificam pequenos monumentos rectangulares e, no extremo Este, três pequenos monumentos quadrados, estreitamente adossados.

O núcleo Norte é composto por dois sectores, um dos quais se destaca pela altura dos monumentos (Oeste). Neste sector os monumentos são rectangulares, sendo um (de novo o último a ser construído) provido de degrau circundante. Este conjunto parece ser posterior, estando adossado ao monumento circular com degrau, mas esta observação necessita de ser confirmada por sondagens. Para Leste existe um monumento em degraus rodeado por um murete, que se sobre põe ao degrau do monumento circular, e é por sua vez sobreposto por um conjunto de três monumentos quadrados, rodeados por um único degrau." (Correia, 1993, p. 356-357).

Parece pois possível distinguir, em ambos núcleos, uma primeira fase composta por monumentos circulares, com diâmetros entre os 5 e os 6,90 m., a que se seguem outras em que as construções são quadrangulares e rectangulares, possuindo, por vezes, neste último caso, degraus circundantes.

Um único túmulo foi objecto de escavação, tendo sido verificado que a sua construção se iniciava pela abertura no solo de base de uma fossa, que seria, posteriormente, coberta por lajes de grandes dimensões, e, sobre as quais, se construíam o monumento.

Na decapagem da necrópole de Fernão Vaz foram encontrados objectos de adorno entre os quais contas de colar (27 de pasta vítrea negra, oculadas a branco e 15 de resina) e um fragmento de placa de xisto, perfurada na zona central. Infelizmente, este espólio não surgiu associado a nenhuma sepultura, estando a sua dispersão pela necrópole explicada por antigas violações (Beirão, 1986, p. 105). A ausência de outro espólio, directamente relacionado com os diversos monu-



mentos, dificulta a atribuição de cronologias precisas para os seus diversos momentos construtivos, o que neste caso se revela particularmente grave, uma vez que foi a partir do seu estudo que se construiu e elaborou todo o esquema e faseamento das necrópoles da região de Ourique (Beirão e Correia, 1994, p. 294; Correia, 1993).

A análise da planta da necrópole de Fernão Vaz permite, efectivamente, verificar que, aqui, os monumentos de planta circular foram os primeiros a ser construídos. A eles se sobrepunham ou adossavam outros, quadrangulares numa primeira fase, e rectangulares numa segunda.

Estão pois representadas em Fernão Vaz quase todas as fases identificadas (I a III) para as necrópoles da Idade do Ferro da região, tendo sido possível verificar a forma como se seguiram no tempo os vários tipos de monumentos.

Desta forma, a necrópole de Fernão Vaz abrangeria um largo espectro cronológico, desde o século VIII ao IV a.C.

#### 2.3.1.3. *Pego da Sobreira*

CMP: 563

Coordenadas hectométricas Gauss: 189,6  
66,2

Bibliografia: Beirão, 1986; Beirão e Correia, 1994; Correia, 1993

O monumento funerário de Pego da Sobreira situa-se numa elevação contígua à do *habitat*, na área dos cabeços xistosos que ladeiam o vale do Mira.

Trata-se de um monumento de planta circular (3,25 m de diâmetro), que compreende, na sua zona central, uma câmara sepulcral de inumação, com tampa (laje de xisto) conservada (1,15 x 0,70 m). A cavidade sepulcral, escavada na rocha, apresentava-se moldurada por blocos de xisto.

Não é conhecido qualquer espólio proveniente deste monumento, o que dificulta a atribuição de qualquer cronologia. No entanto, e de acordo com o faseamento proposto para as necrópoles da região de Ourique (Beirão e Correia, 1994; Correia, 1993), este sítio poderia corresponder à fase inicial, ou seja o século VIII a.C.

#### 2.3.1.4. *Casarão*

CMP: 563

Coordenadas hectométricas Gauss: 188,3  
67,6

Bibliografia: Beirão e Correia, 1994; Correia, 1993

O monumento funerário do Casarão, que foi apenas objecto de decapagem superficial, apresenta planta circular (com 6,80-6,90 m de diâmetro) e compreende uma câmara sepulcral com corredor. A câmara central, definida por uma moldura de xisto, é vagamente quadrangular com 1,80 x 1,60 m. O corredor, com 2,60 m de comprimento, tem uma largura de 0,60 m, à entrada da câmara, alargando até aos 0,80 m, à entrada do monumento.

O *tumulus*, que apresenta características que o aproximam dos *tumuli* dos monumentos megalíticos, foi construído com fiadas de pedras argamassadas com terra argilosa, o que lhe con-

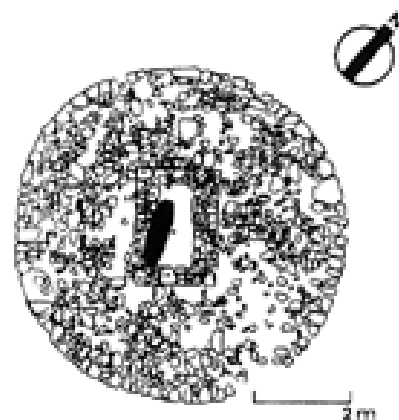


Fig. 7 Planta do monumento do Pêgo da Sobreira (segundo Correia, 1993, p. 337, Estampa II, n.º 2)



fere o aspecto de um empedrado compacto. A “mamoá” é circundada por lajes de xisto, dispostas em cutelo, formando um verdadeiro *Kerb*, com espessuras que variam entre os 5 e os 7 cm.

Tal como em relação ao Pego da Sobreira, os dados disponíveis não permitem grandes conclusões de tipo cronológico. Uma vez mais, e de acordo com o tipo de planta que a estrutura apresenta, parece estarmos perante um monumento correspondente à 1ª fase das necrópoles de Ourique.

O monumento do Casarão localiza-se perto do *habitat* do Arreganhado, não sendo portanto impossível relacionar os dois sítios, tal como parece ser evidente no caso do Pego da Sobreira.

Na área do vale do Mira, foram ainda detectados outros monumentos funerários, cuja cronologia os afasta do âmbito deste trabalho. Estão neste caso as necrópoles do Marchicão (Viana, 1962; Correia, 1993, no prelo), da Nora Velha (Correia, 1993; Arnaud, Martins e Ramos, 1994) e mesmo a reutilização do *tholos* da Nora Velha (Viana, 1954, p. 24-8; Schubart, 1975, p. 241).

As duas primeiras, localizadas na periferia do Castro da Cola, apresentam sepulturas rectangulares sem que, aparentemente, se inscrevam em qualquer estrutura tumular. Não têm, portanto, qualquer relação, quer ao nível da concepção do espaço funerário quer da tipologia da construção, com as necrópoles detectadas na área Este do vale do Mira. Têm vindo a ser consideradas da IIª Idade do Ferro (Arnaud, Martins e Ramos, 1994; Correia, 1993, Correia, no prelo).

Uma lápide epigrafada encontrada no sítio do Azinhal, concelho de Almodôvar, (Beirão, 1986; Correia, 1993), poderá indicar a presença de uma necrópole da I Idade do Ferro, que por ausência total de informações mais detalhadas me escuso de referenciar aqui. Deve todavia acrescentar-se que o local se encontra mais próximo da área da Cola que da área de Fernão Vaz, apesar de se localizar na margem direita do Mira.

### 2.3.2. Necrópole do Núcleo de Ourique

#### 2.3.2.1. Monte do Coito

CMP: 555

Coordenadas hectométricas Gauss: 184,8  
75,5

Bibliografia: Beirão, 1973; Correia, 1993

A necrópole, parcialmente escavada, parece estar directamente conectada com o sítio de *habitat* do mesmo nome, de que dista escassos metros. Trata-se de um monumento circular, com 5,20 m de diâmetro, com câmara funerária central, de planta rectangular.

No espólio recolhido deve destacar-se o aparecimento de pontas e contos de duas lanças de ferro.

Do ponto de vista construtivo, o monumento do Monte do Coito aproxima-se dos do núcleo do Mira, nomeadamente Casarão e Pego da Sobreira, sendo assim legítimo integrá-lo também na primeira fase da Idade do Ferro local.

### 2.3.3. Necrópoles do Núcleo de Palheiros

#### 2.3.3.1. Mealha Nova

CMP: 555

Coordenadas hectométricas Gauss: 189,7  
70,0

Bibliografia: Dias, Beirão, e Coelho, 1971; Beirão, 1986; Correia, 1993



A necrópole do Mealha Nova, parcialmente escavada, localiza-se num pequeno cabeço de vertentes muito suaves. Dista cerca de 4,5 km do rio Mira e escassos metros do *habitat* do mesmo nome.

Esta necrópole foi fortemente afectada por trabalhos agrícolas que, muito provavelmente, destruíram os vestígios das estruturas tumulares que deveriam enquadrar as sepulturas. Assim, torna-se difícil analisar o conjunto escavado, do ponto de vista da tipologia construtiva elaborada para a região (Beirão e Correia, 1994; Correia, 1993).

Os trabalhos arqueológicos que decorreram na necrópole do Mealha Nova, nos inícios da década de 70 do século XX, permitiram verificar que tinham existido no local 15 monumentos funerários, dos quais três estavam já totalmente destruídos (Dias et al., 1970). Do conjunto, foram objecto de escavação quatro dos monumentos identificados, sendo um deles de incineração e três de inumação.

#### NECRÓPOLE DA DO-MEALHA NOVA – SEPULTURA I

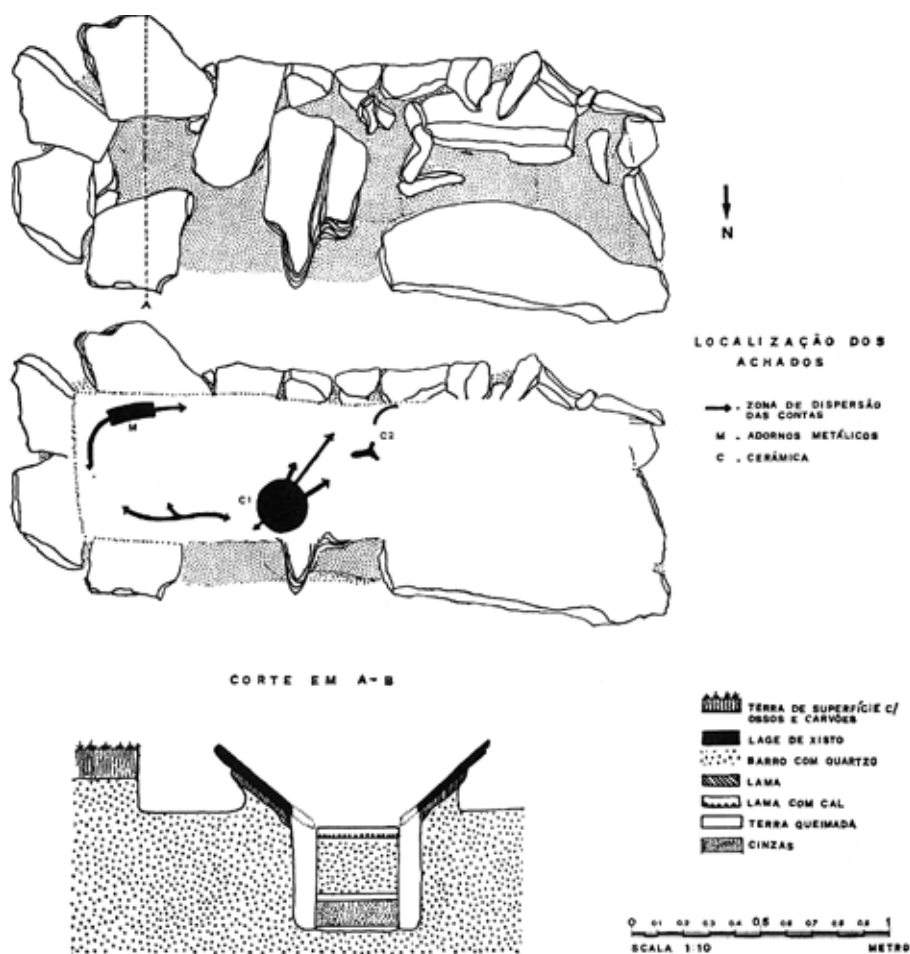


Fig. 8 Planta e perfil da sepultura I da necrópole do Mealha Nova (segundo Dias et al., 1970, p. 198).



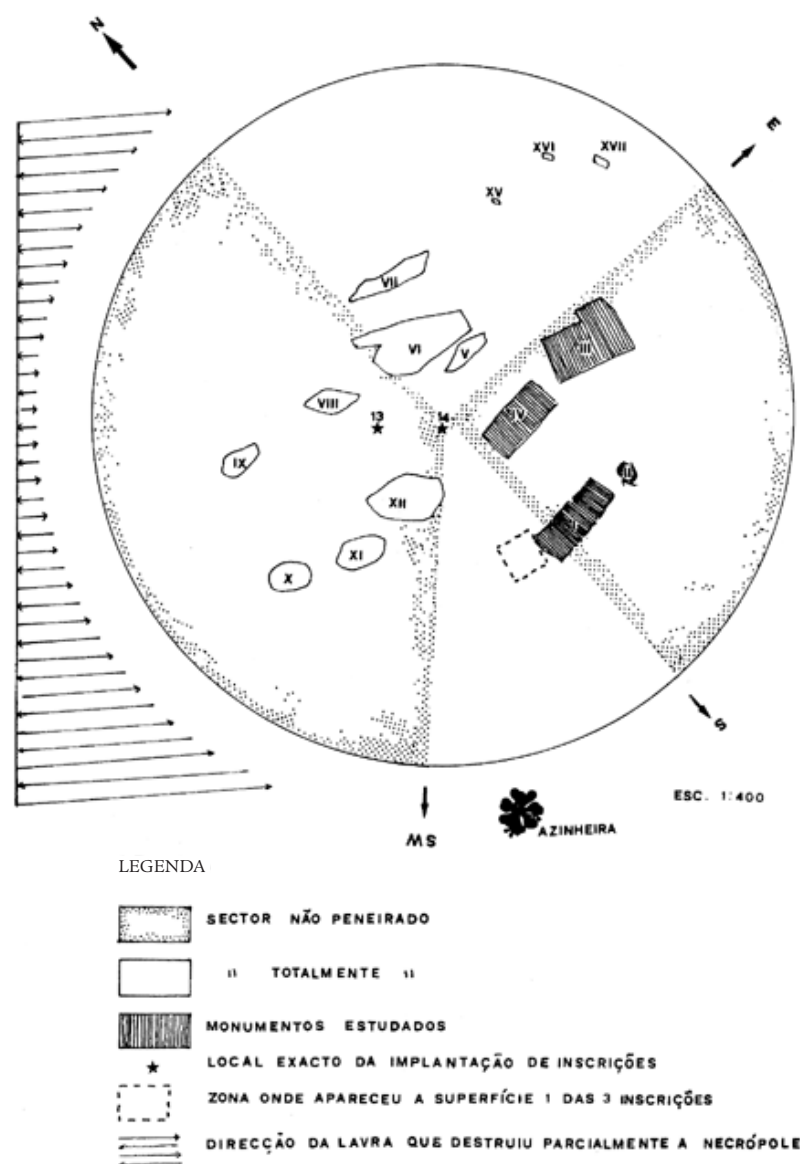


Fig. 9 Planta da necrópole do Mealha Nova (segundo Dias et al., 1970, p. 198).

As sepulturas constavam de fossas escavadas no solo de base, de planta mais ou menos rectangular ou ovalada. Os comprimentos variavam entre 1,20 e 1,70 m, sendo as larguras de 0,45 – 0,50 m. Estas fossas apresentavam-se molduradas por lajes de xisto, dispostas em duas ou três fiadas, e estavam cobertas ou por pequenas placas dispostas transversalmente, ou por uma única laje.

Como já se referiu, a existência de *tumuli*, construídos com pedras ou simplesmente de terra, que cobrissem estas sepulturas, não foi completamente demonstrada, apesar de ser hipótese que os seus escavadores não descartam, por algumas evidências encontradas no monumento n.º 1 (Dias et al., 1970, p. 179).

O aparecimento, *in situ*, de uma lápide com escrita do SW (Estela Mealha Nova III) é um dos elementos a destacar no conjunto da necrópole (Dias et al., 1970, p. 191, Beirão, 1986, p. 131 - estela 40; Correia, 1996a, p. 110). Trata-se de uma estela de xisto grauváquico “...implantada



## NECRÓPOLE DO MONTE DA-DO-MEALHA NOVA – Material de Superfície

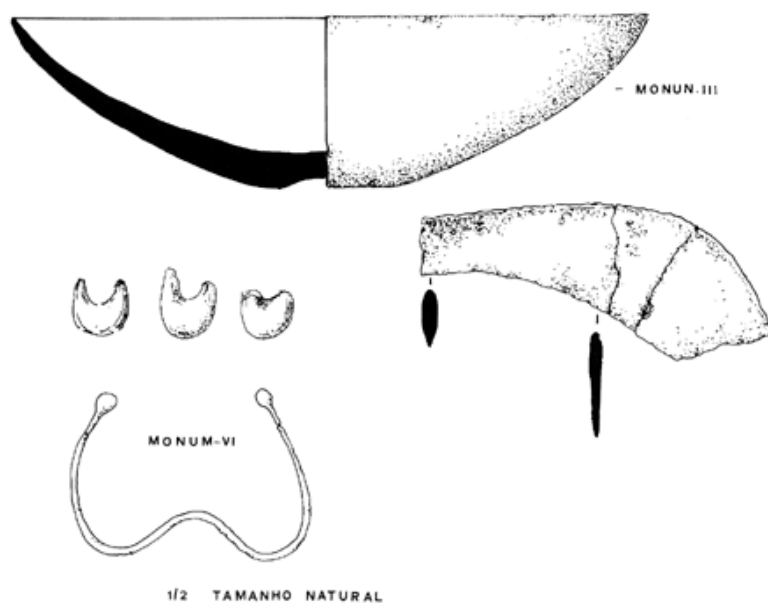
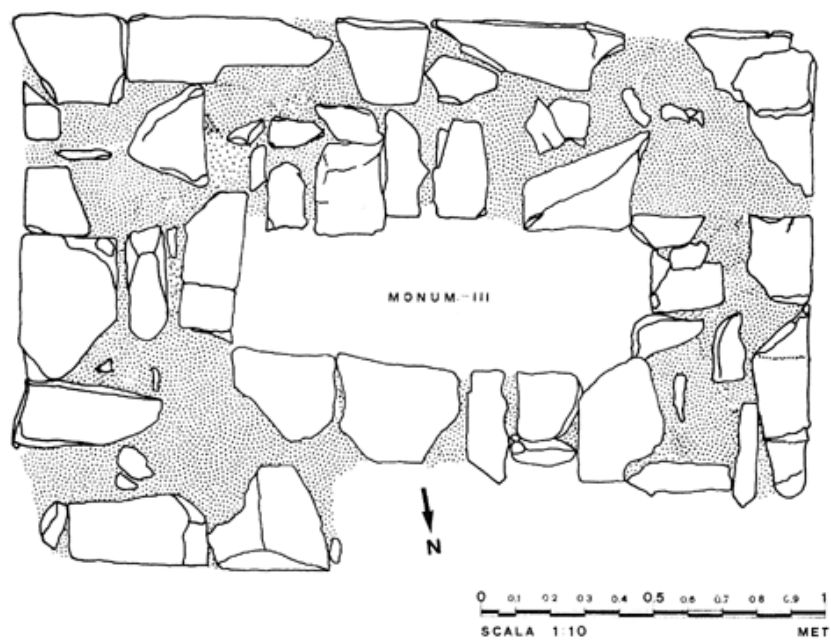


Fig. 10 Necrópole do Mealha Nova: planta do monumento II e espólio dos monumentos III e IV (segundo Dias et al., 1970, p. 207).





Fig. 11 Estela III da necrópole do Mealha Nova (segundo Beirão, 1986, p. 131, Estela 40).



Fig. 12 Estelas II e I da necrópole do Mealha Nova (segundo Beirão, 1986, p. 131, Estelas 38 e 39).



verticalmente no solo, com dois grandes calços, um anterior e outro posterior, e pequenos calços laterais.” (Correia, 1996a, p. 191). No texto, que paleograficamente pertence ao grupo 4 de Correia (1996a, p. 110), encontra-se um possível antropónimo (Correia, 1996a, p. 110).

Para além desta inscrição, fragmentos de outras duas foram identificados neste sítio, mas o facto de terem sido levantados por um tractor, impede que a sua posição em relação aos monumentos funerários possa ser equacionada.

Vasos cerâmicos, armas de ferro e objectos de adorno de vários tipos foram recolhidos no decorrer da escavação da necrópole do Monte do Mealha Nova. Os objectos de adorno incluem anéis, de prata e bronze, contas de colar de pasta vítrea, cornalina, âmbar, calcário e cerâmica e xorcas ou sanguessugas de bronze. Deve destacar-se o aparecimento de um anel de prata, com escaravelho de faiança, giratório e com cartela do faraó Pedubaste (817-763), de provável produção de Naucrátis datável do século VI a.C.

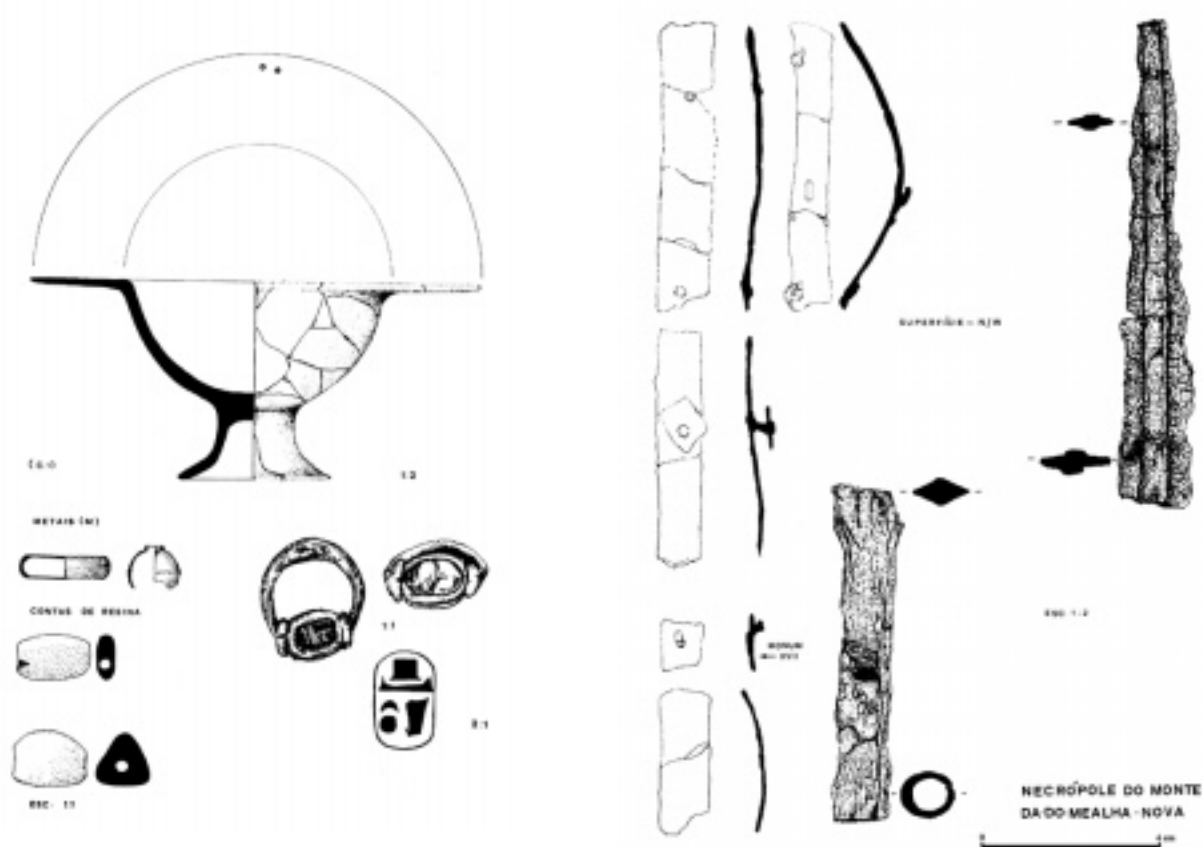


Fig. 13 Espólio da sepultura I da necrópole do Mealha Nova (segundo Dias et al., 1970, p. 200 e 202).



### 2.3.3.2. Biscoitinhos

CMP: 563

Coordenadas hectométricas Gauss: 188,0  
69,3

Bibliografia: Beirão, 1986; Correia, 1993

Localizada em área próxima do *habitat* do mesmo nome, esta necrópole foi objecto de decapagem efectuada por Caetano Beirão.

A necrópole apresenta dois monumentos circulares constituídos por estruturas tumulares pétreas, que enquadram câmaras de inumação rectangulares (0,90 x 1,50 m), limitadas por molduras. No de maior diâmetro (6,30 m), a câmara de inumação localiza-se, exactamente, no centro da estrutura tumular, enquanto que no de menores dimensões (5,50 m de diâmetro máximo) a câmara sepulcral encontra-se descentrada.

Monumentos de planta rectangular estão adossados ao primeiro dos túmulos circulares, a Norte. Trata-se de um recinto tumular, também de planta rectangular, que engloba várias sepulturas, definidas por molduras de pedra e com dimensões médias de 1,60 x 0,70 m.

A sul e a sudeste do maior dos monumentos circulares encontra-se um monumento rectangular, escalonado em degraus, e que integra duas sepulturas também rectangulares.

A ausência de espólio directamente relacionado com os diversos monumentos dificulta a atribuição de cronologias precisas para os seus diversos momentos construtivos, o que torna problemáticas as análises diacrónicas.

No entanto, tal como sucede em Fernão Vaz, tudo indica que os monumentos de planta circular foram os primeiros a ser construídos. A eles se sobrepuseram ou adossaram outros, rectangulares, num momento posterior.

Como já foi referido, não se conhece qualquer espólio proveniente desta necrópole.

### 2.3.3.3. Cruzes

CMP: 555

Coordenadas hectométricas Gauss: 188,2  
71,4

Bibliografia: Beirão, 1986; Correia, 1993

Próxima do *habitat* do mesmo nome, a necrópole das Cruzes não foi objecto de qualquer escavação arqueológica, tendo sido reconhecida em trabalhos de prospecção. Uma limpeza superficial da cobertura vegetal mostrou, no entanto, a existência de um único monumento, de planta circular, com câmara de inumação central. O seu diâmetro é de 6,70 m.

Tal como em relação ao Pego da Sobreira, Casarão e Monte do Coito, os dados disponíveis não permitem grandes conclusões de tipo cronológico. Uma vez mais, e de acordo com o tipo de planta que a estrutura apresenta, parece estarmos perante um monumento correspondente à primeira fase das necrópoles de Ourique.



Fig. 14 Estela da necrópole dos Biscoitinhos (segundo Beirão, 198, p. 133, Estela 57).



#### 2.3.3.4. Monte do Poço

CMP: 555

Coordenadas hectométricas Gauss: 188,4  
70,1

Bibliografia: Beirão, 1986; Correia, 1993

Localizada em área próxima do *habitat* do mesmo nome e do de Cerro do Ouro, a necrópole não foi alvo de qualquer tipo de intervenção arqueológica, não existindo nenhum elemento disponível que permita a sua avaliação, nem ao nível do espólio, nem ao nível da concepção do espaço funerário, nem, obviamente, quanto à sua cronologia.

#### 2.3.3.5. Cerro do Ouro

CMP: 555

Coordenadas hectométricas Gauss: 188,1  
70,5

Bibliografia: Beirão e Gomes, 1984; Beirão, 1986; Correia, 1993

Implantada no topo de uma pequena elevação com de 240 m de altitude, a necrópole do Cerro do Ouro dista cerca de 300 m do *habitat* do mesmo nome. Esta necrópole parece ter sido apenas decapada, observando-se na sua área central um monumento de planta semicircular com cerca de 2,45 m de raio. Adjacente a este túmulo, regista-se uma parede que limita um conjunto de estruturas tumulares de planta rectangular, com câmaras de inumação.

Nas imediações da necrópole, a Sul, foi escavada uma sepultura de incineração, constituída por uma fossa alongada. Não existe informação detalhada sobre o espólio aí recolhido. Há, no entanto, referências a uma urna com *nazm* em prata, associada a contas de colar de pasta vítrea de cor negra e oculadas a branco, e outras translúcidas de cor verde e castanha e de pedra. Uma tampa ornitomorfa, de cerâmica, parece ter também sido recolhida neste mesma sepultura (Beirão e Gomes 1984, p. 436). Representa a parte dianteira do corpo de uma ave, muito possivelmente do género *cignus* (cisne).

De acordo com o faseamento proposto por Correia (1993), a necrópole do Cerro do Ouro apresenta uma fase inicial que corresponde ao monumento semicircular, a que se adossou, numa segunda fase, o monumento de planta rectangular. A sepultura de incineração localizada nas imediações da necrópole corresponderia à fase IV (Correia, 1993).

#### 2.3.3.6. Carapetal I

CMP: 555

Coordenadas hectométricas Gauss: 188,6  
70,8

Bibliografia: Beirão, 1986; Correia, 1993

A necrópole do Carapetal I encontra-se implantada na encosta SE de uma pequena elevação. Foi apenas decapada, apresentando o aspecto de um empedrado compacto de blocos de xisto. A sua forma era rectangular (10,30 m x 12,30 m). Os túmulos, também rectangulares, estavam delimitados por muretes ou molduras de pedra e possuíam como dimensões internas 0,80 m x 1,25 m e externas 1,45 m x 1,50 m. As sepulturas seriam, na maioria dos casos, cobertas por lajes de xisto, apesar de se verificar em alguns túmulos a cobertura através de blocos, também de xisto, e dispostos transversalmente. Um monumento de planta circular e um outro de planta semicircular foram também identificados.



Também nesta necrópole as fases I e II de Correia estão presentes (1993).

#### 2.3.3.7. *Carapetal II*

CMP: 555

Coordenadas hectométricas Gauss: 180,0  
70,9

Bibliografia: Beirão, 1986; Correia, 1993

Em Carapetal II, foi escavado um monumento funerário de planta circular, com câmara de inumação na sua área central. Desconhecem-se mais detalhes sobre o monumento, nomeadamente as dimensões que apresenta, bem como o espólio que aí foi recolhido.

Do ponto de vista construtivo, o monumento do Carapetal II tem evidentes afinidades com o Casarão, Pego da Sobreira, Monte do Coito e Cruzes, parecendo assim legítimo integrá-lo também na primeira fase da Idade do Ferro local.

### 2.3.4. *Necrópoles ainda associadas a nenhum núcleo de povoamento, mas, algumas delas, directamente conectadas com sítios de habitat*

#### 2.3.4.1. *Arzil*

CMP: 546

Coordenadas hectométricas Gauss: 179,9  
82,2

Bibliografia: Beirão, 1986; Correia, 1993

A necrópole de Arzil situa-se a cerca de 200 m do Monte do mesmo nome, parecendo estar em correspondência directa com o *habitat* da Idade do Ferro localizado em área anexa. Implanta-se numa pequena elevação de vertentes suaves, onde predominam os terrenos xistosos, aflorando “chapéus de ferro” que foram, muito possivelmente, durante a Idade do Ferro, alvo de exploração mineira, cujos vestígios foram detectados. Não foram realizados quaisquer trabalhos arqueológicos neste sítio, que é apenas conhecido pela lápide epigrafada aí encontrada.

#### 2.3.4.2. *Nobres*

CMP: 554

Coordenadas hectométricas Gauss: 182,4  
79,7

Bibliografia: Beirão e Gomes 1980; Beirão, 1986; Correia, 1993

Desta necrópole apenas se conhece uma lápide epigrafada. Não tendo sido objecto de qualquer intervenção arqueológica, encontra-se em adiantado estado de destruição, em grande parte devido aos trabalhos agrícolas que se praticam sobre os terrenos em que está implantada.

#### 2.3.4.3. *Chada*

CMP: 547

Coordenadas hectométricas Gauss: 186,0  
82,7

Bibliografia: Beirão, 1986; Beirão e Gomes 1988; Correia, 1993; Silva e Gomes, 1992





Fig. 15 Estelas das necrópoles de Arzil (à esquerda) e dos Nobres (à direita) (segundo Beirão, 1986, p. 133 e 132, Estelas 61 e 47).

A necrópole da Chada implanta-se numa área de planície, em local de baixa altitude (131 m) e sobre terrenos xistosos. Foi integralmente escavada.

Divide-se em dois grandes núcleos.

“O sector A integrava três sepulturas com *tumuli* de planta rectangular ou quadrangular. A mais antiga era constituída por uma câmara funerária encerrada num *tumulus* envolvida em três dos lados por um degrau longo e antecedido por um recinto definido por um murete (temenos). No seio deste foi depois construída uma segunda sepultura, adossada à primeira e com *tumulus* rodeado por dois degraus. Por fim, a terceira sepultura, que continha os testemunhos de uma incineração, ocupou o espaço definido pela parede do primeiro sepulcro e a face exterior do recinto que se lhe associava.” (Silva e Gomes, 1992, p. 149).

O sector B, localizado a cerca de 9 metros do anterior, era constituído por um *tumulus* de planta circular, com um diâmetro de 6,20 metros, com câmara funerária descentrada. O *tumulus* foi construído com pedras sobrepostas, ligadas com argila. A este monumento viriam a encostar-se, em momento posterior, quatro sepulturas, de dimensões médias 1,50 x 1,00 x 0,60 m) com *tumuli* de planta rectangular.

A totalidade das sepulturas da necrópole da Chada foi alvo de violação, facto que explicará talvez, o escasso material aí recolhido. Do espólio recuperado, há a referir pontas e contos de lança de ferro (em ambos os sectores), e contas de pasta vítrea, negras ou azuis turquesa oculadas a branco, cerâmicas manuais e cerâmicas ao torno, onde se destaca uma taça coberta por engobe vermelho, duas representações em cerâmica de aves e ainda uma fíbula anular hispânica no sector B.

Nesta necrópole parecem estar representadas as fases I a IV da arquitectura funerária da região de Ourique (Correia, 1993), estando a primeira consubstanciada pelo monumento de planta circular do sector B, e a última pela terceira sepultura de sector A, de incineração. As sepulturas com *tumuli* rectangulares corresponderiam às fases II e III.



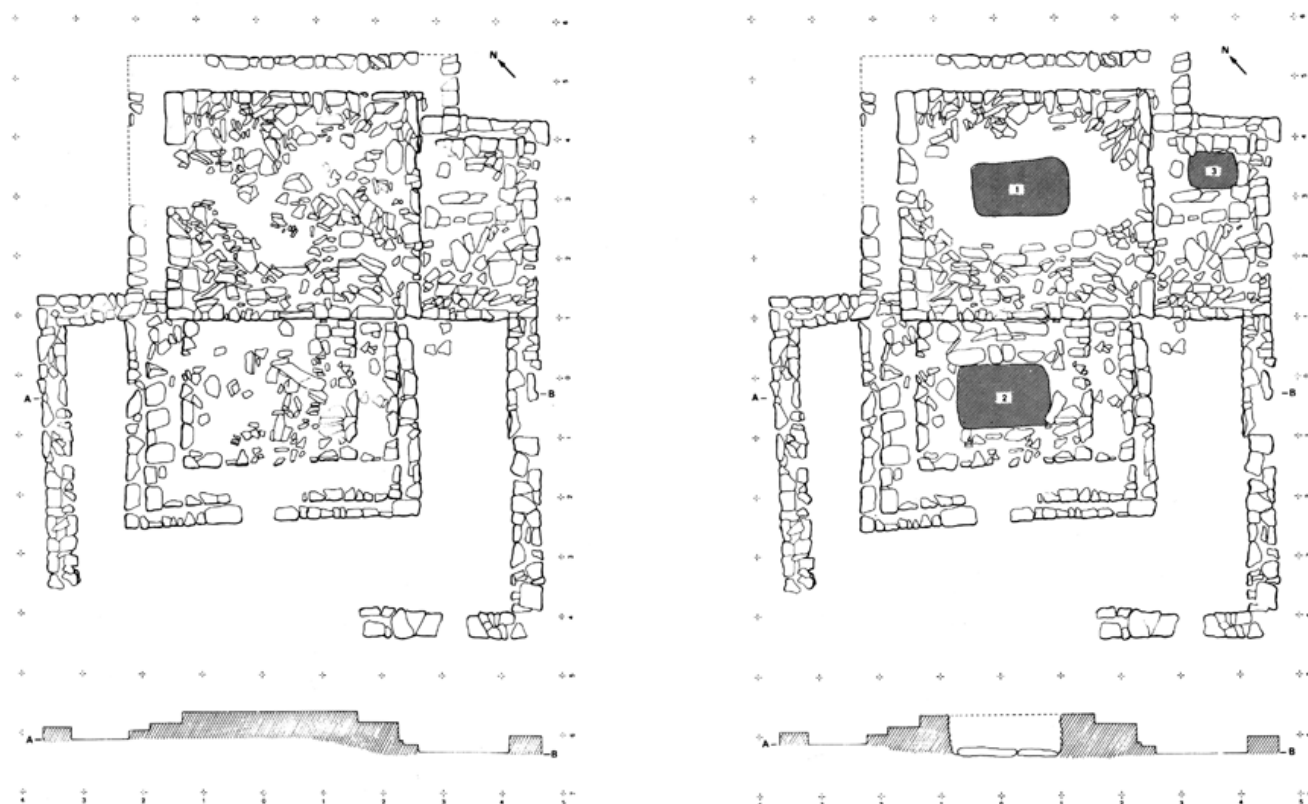


Fig. 16 Planta e perfil do sector A da necrópole da Chada, antes e depois da escavação (segundo Beirão, 1986, p. 83, Fig. 21).



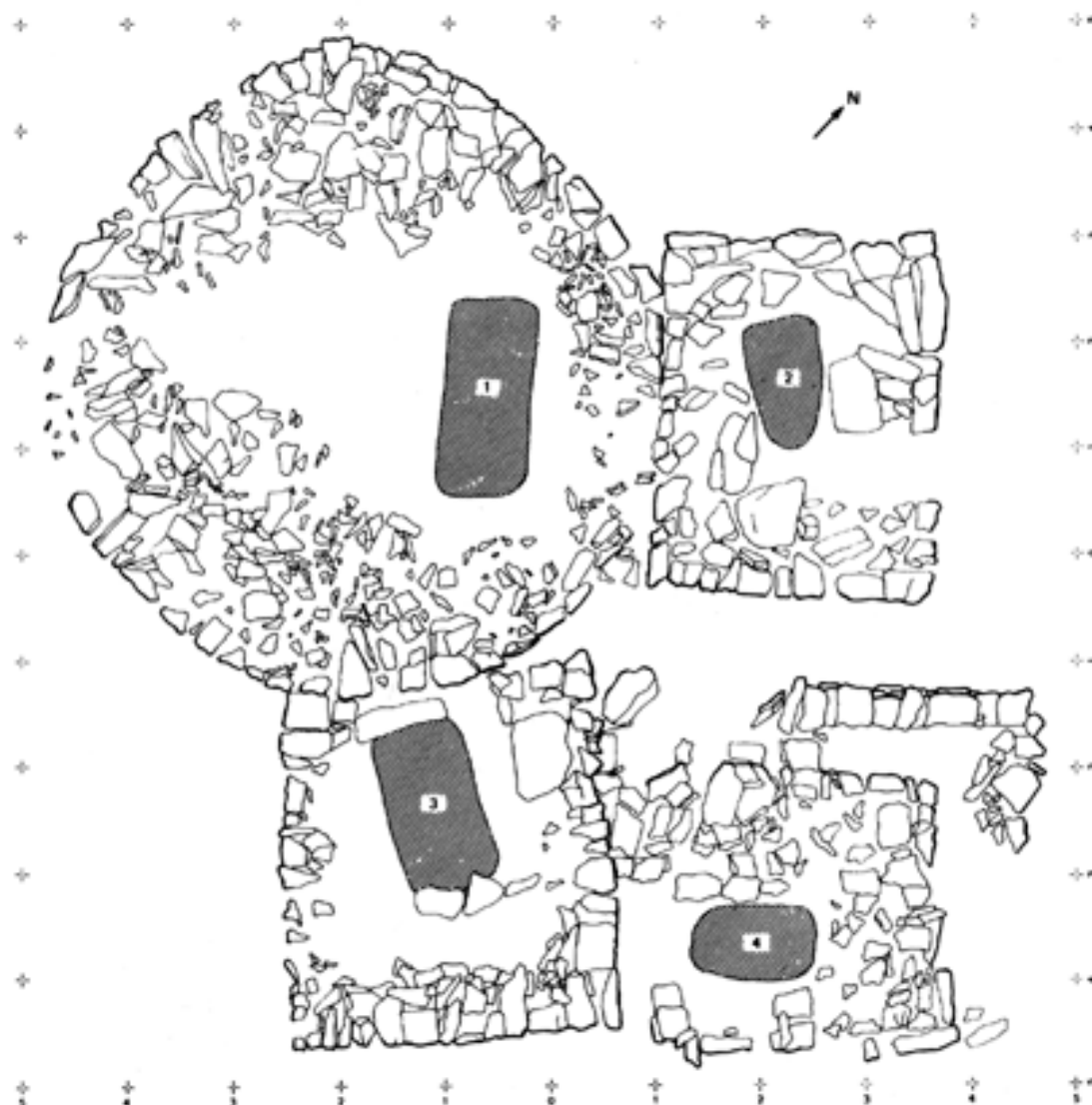


Fig. 17 Planta do sector B da necrópole da Chada (segundo Beirão, 1986, p. 84, Fig. 21b).



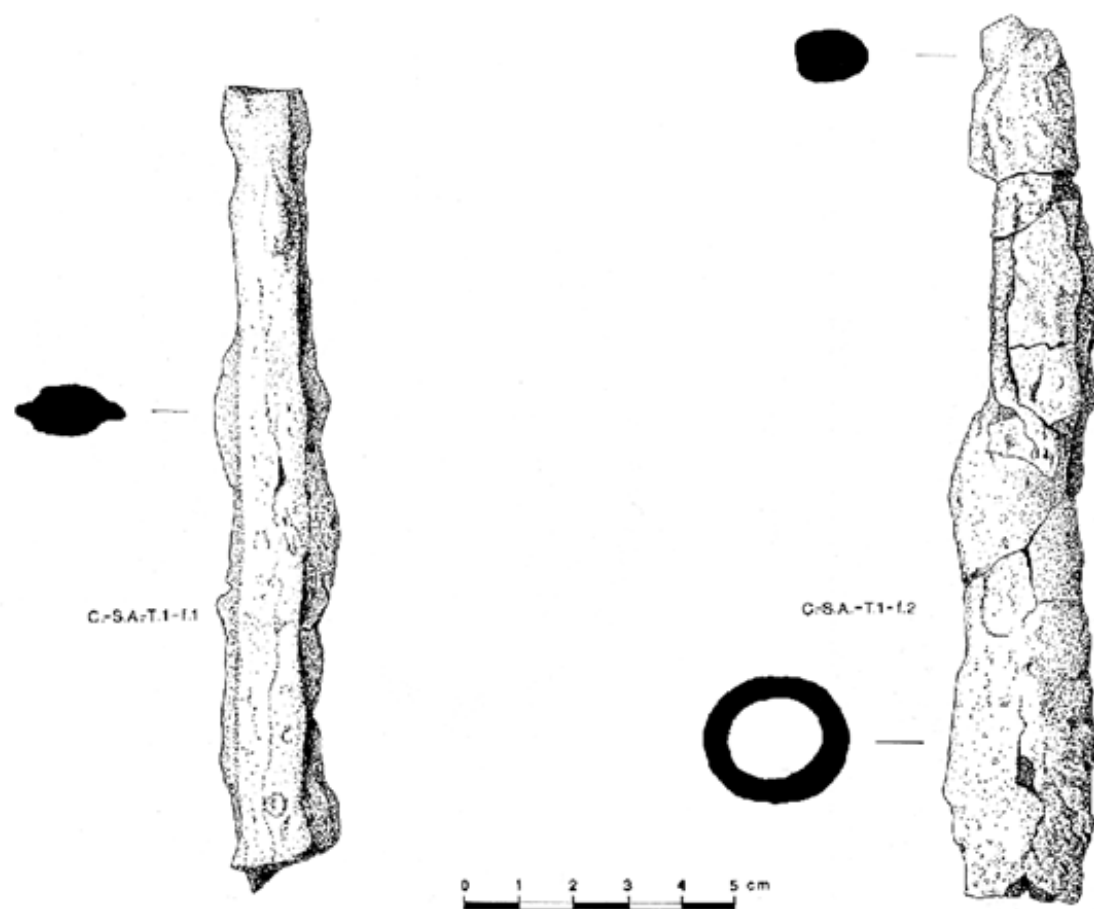


Fig. 18 Lanças de ferro da necrópole da Chada (segundo Beirão, 1986, p. 88).



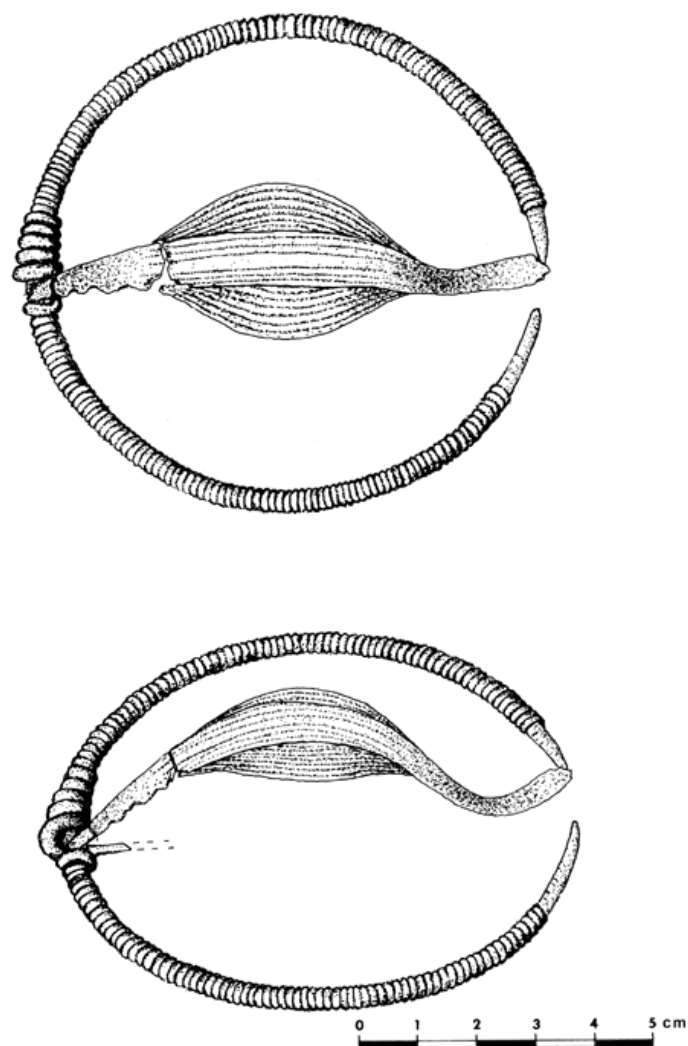


Fig. 19 Fíbula anular hispânica da necrópole da Chada (segundo Beirão, 1986, p. 87).



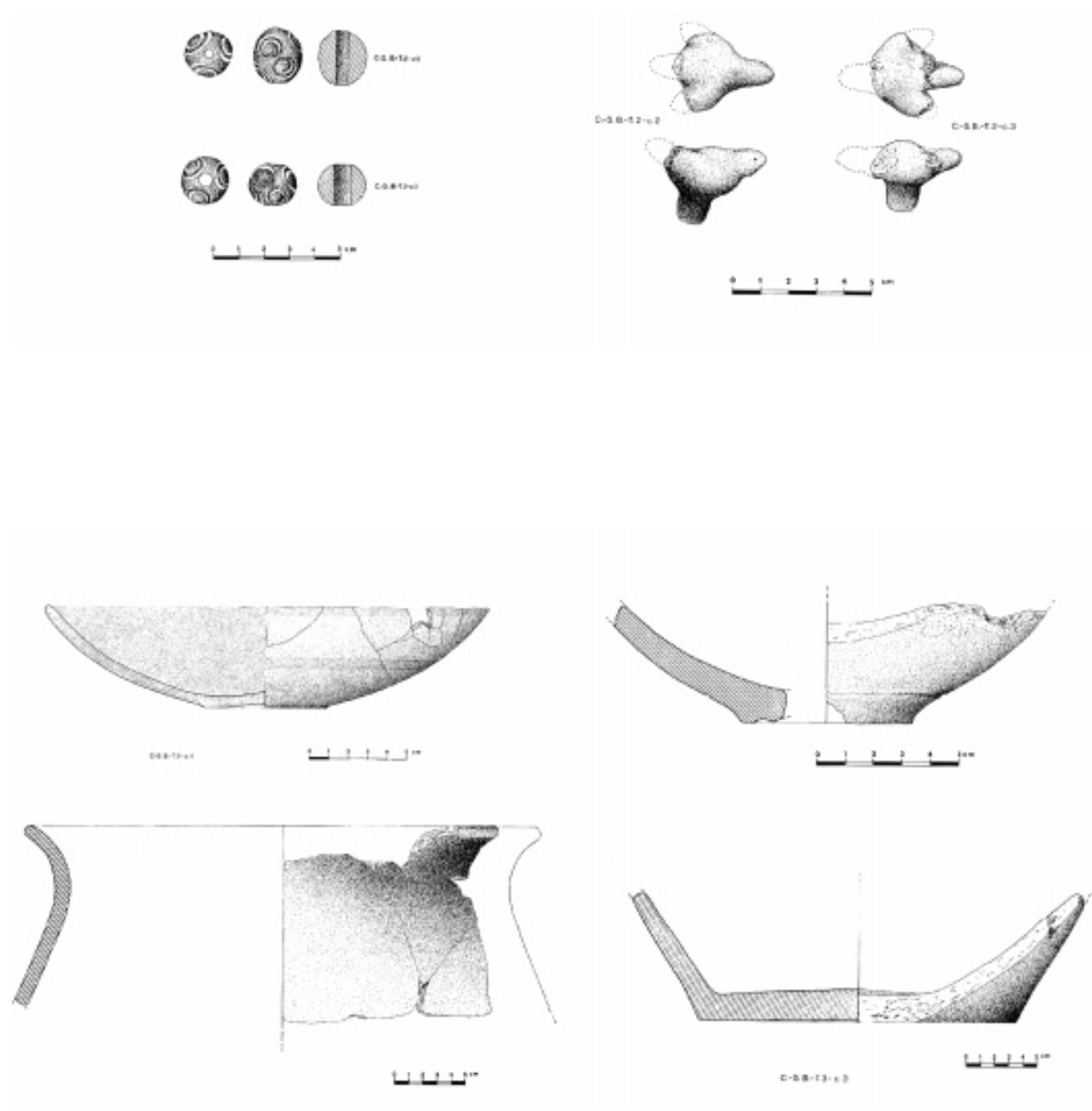


Fig. 20 Espólio da necrópole da Chada (segundo Beirão, 1986, p. 95, 99 e 101).



#### 2.3.4.4 Fonte Santa

CMP: 547

Coordenadas hectométricas Gauss: 186,5  
80,5

Bibliografia: Beirão, 1986; Beirão e Gomes 1988; Correia, 1993;  
Silva e Gomes, 1992

A necrópole da Fonte Santa, localizada na vertente leste de uma pequena elevação (103,7 m) de terrenos do Carbónico inferior de fácies marinha, onde abundam as rochas metamórficas com incidência do xisto, foi integralmente escavada. O recinto da necrópole, orientado no sentido Sul/Norte, possuía uma planta rectangular, abrangia, no total, 255 m<sup>2</sup>, englobando 17 monumentos funerários, um dos quais (T4), continha 2 sepulturas. Os túmulos estavam, na totalidade, orientados no sentido Norte/Sul, mas, enquanto cinco das cavidades sepulcrais mantinham a mesma orientação, doze orientavam-se no sentido Este/Oeste. As dimensões das sepulturas, todas elas escavadas na rocha de base, variavam entre 1,00 e 1,20 m de comprimento e 0,70 – 0,50 m de largura. As fossas sepulcrais eram tapadas com lajes dispostas transversalmente e eram cobertas por *tumuli* de planta rectangular, construídos com pedras sobrepostas, ligadas com argila. Estas estruturas pétreas seriam cobertas de terra. À excepção de T1, de incineração, todas as sepulturas eram de inumação.

Apesar de a grande maioria das sepulturas ter sido alvo de violações, o espólio recolhido na necrópole da Fonte Santa é extremamente abundante e diversificado. Os objectos de adorno têm uma presença muito significativa, sendo mais de meia centena as contas de colar. A resina fóssil, a cornalina, a prata, a pasta vítrea e a cerâmica foram os materiais mais utilizados na feitura destes objectos. As fíbulae e os braceletes e anéis, de prata ou de bronze, estão também representados. Um dos anéis possuía placa giratória com escaravelho de faiança. Um outro escaravelho, possivelmente utilizado como elemento de colar, foi também encontrado nesta necrópole.

Ainda no que se refere ao material de adorno, deve destacar-se o aparecimento de um botão de prata, revestido por folha de ouro, e decorado com círculos concêntricos e pequenos pontos impressos.

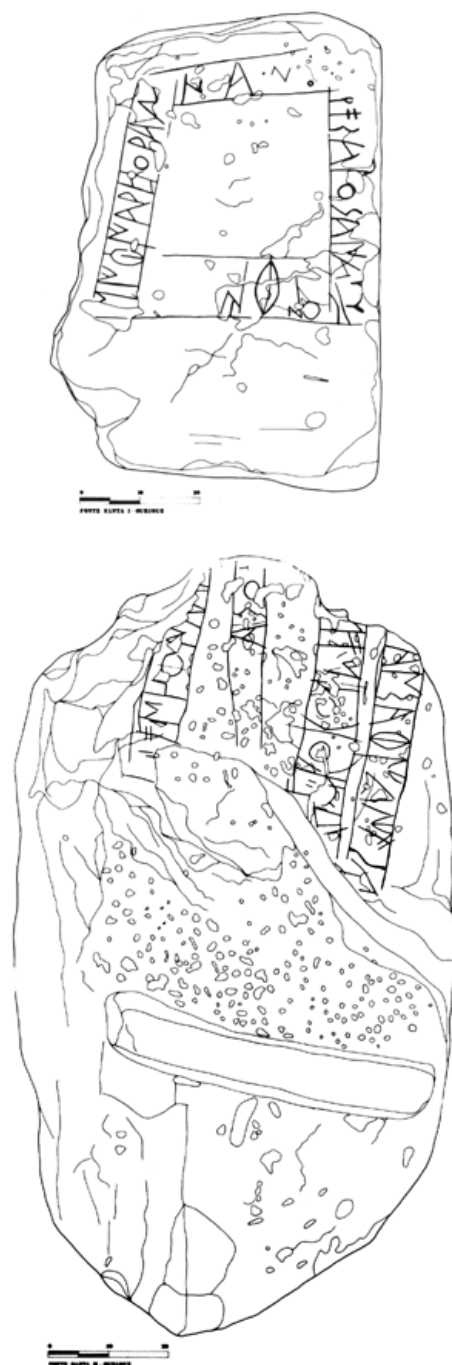


Fig. 21 Estelas da necrópole de Fonte Santa (segundo Beirão, 1986, p. 133, Estelas 54-56).



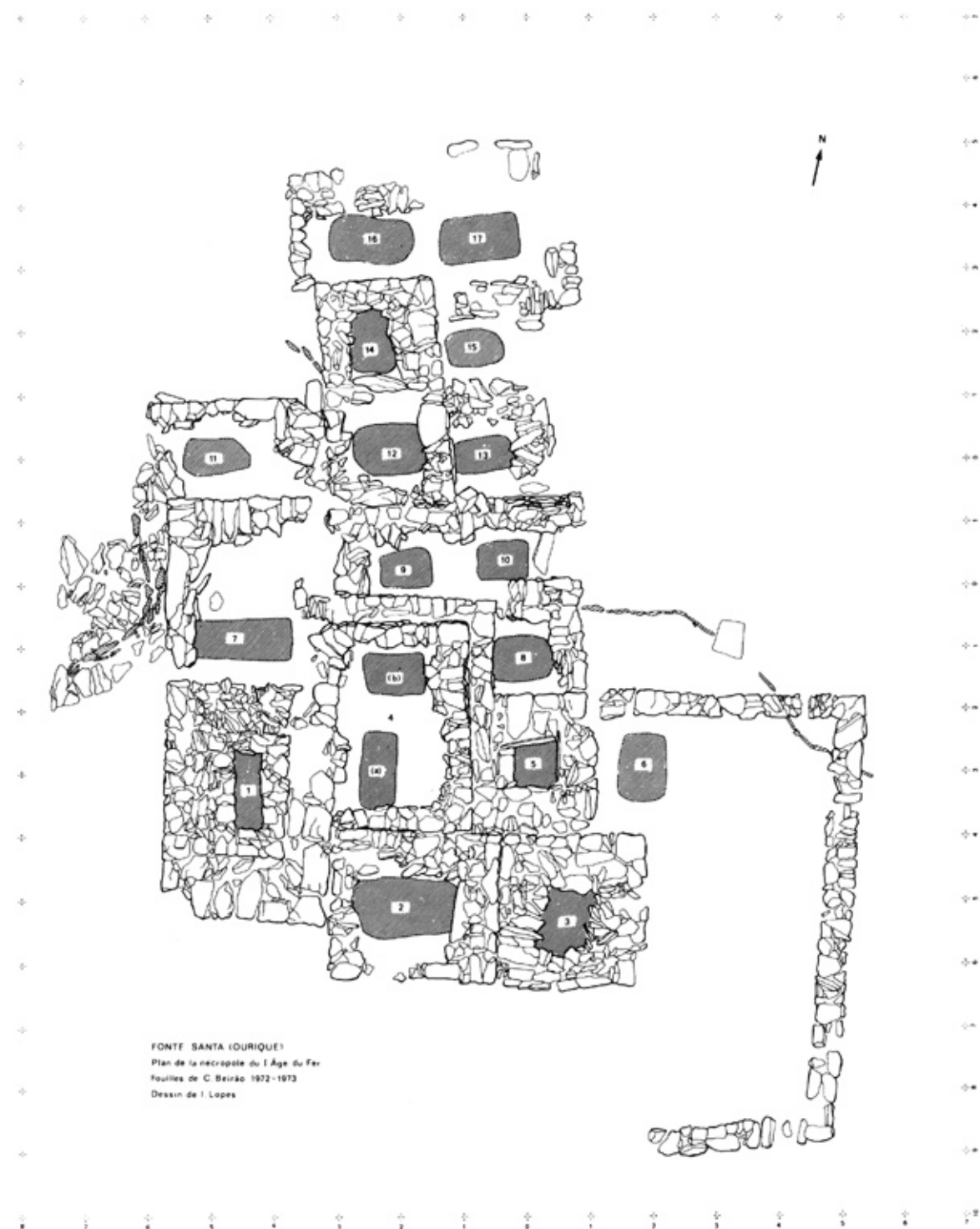


Fig. 22 Planta da necrópole de Fonte Santa (segundo Beirão, 1986, p. 70, Fig. 12).



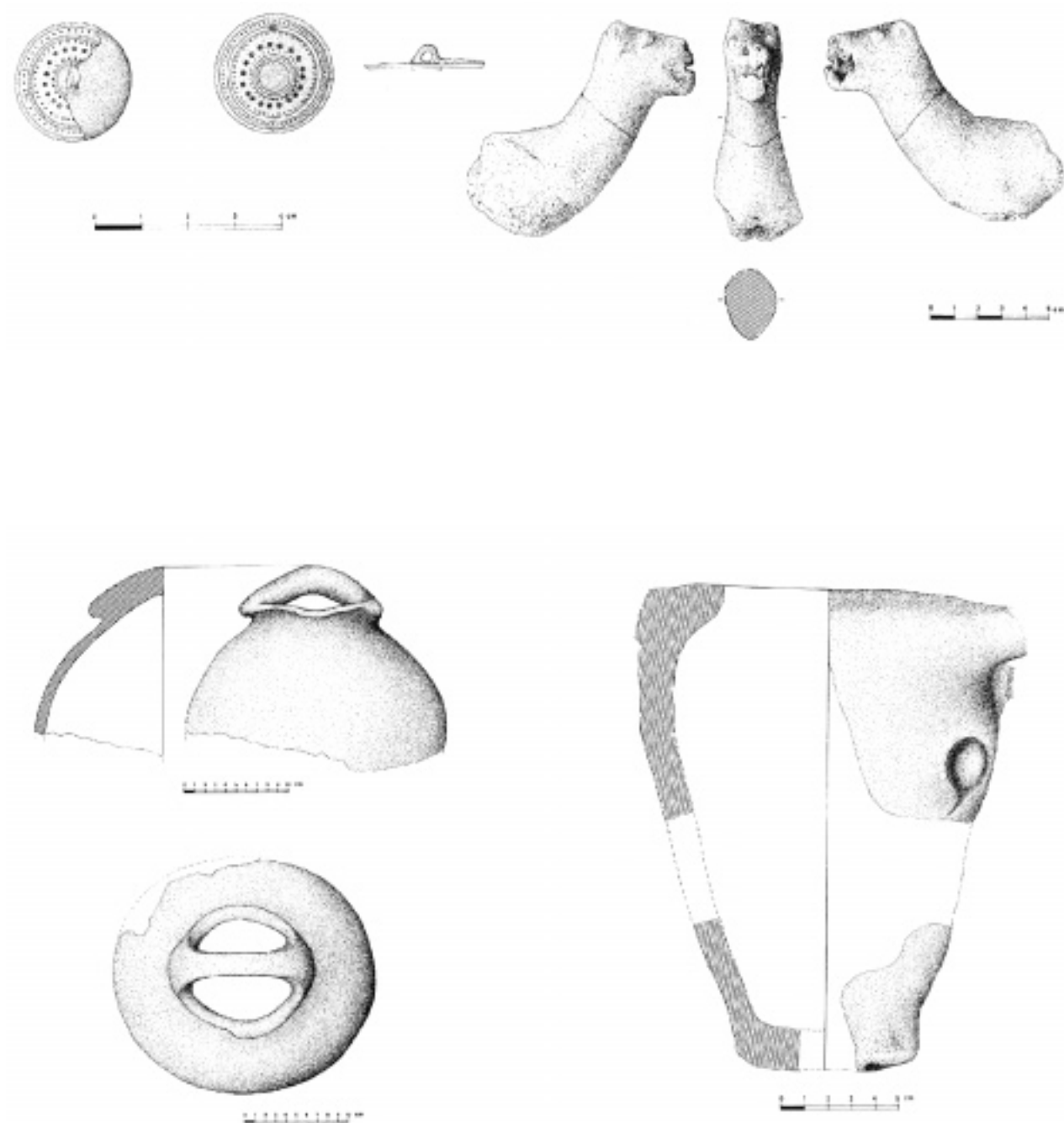


Fig. 23 Espólio da necrópole de Fonte Santa (segundo Beirão, 1986, p. 70, Figs. 13, 15, 18-19 e 16).



Foram ainda recuperados pontas e contos de lanças de ferro e lâminas de facas do mesmo material.

A cerâmica consta igualmente do conteúdo do inventário desta necrópole, não sendo, no entanto, e comparativamente com o restante material, muito abundante. Para além de alguns fragmentos de paredes e fundos, e das urnas cinerárias, encontrou-se o bordo e parte da parede um vaso de boca oval e asa sobre o bordo (tipo cesta) e ainda um recipiente moldado em forma de touro. A cabeça de um felino moldado em cerâmica foi também recolhida nesta necrópole.

A análise da planta desta necrópole permite pensar que a sua construção data da segunda fase de Correia (1993a).

#### 2.3.4.5. *Favela Nova*

CMP: 555

Coordenadas hectométricas Gauss: 192,7  
70,4

Bibliografia: Beirão e Gomes, 1980; Beirão, 1986; Correia, 1993; Dias e Coelho, 1983; Gamito, 1991

A necrópole da Favela Nova dista cerca de 300 m da Aldeia Nova de Favela e implanta-se numa pequena elevação muito suave, que poderá corresponder à sua estrutura tumular, orientada no sentido N/S e com uma cota de 225 m. A área é xistosa, mas apresenta muitos quartzitos.

A necrópole, parcialmente escavada, apresenta, em toda a sua extensão (c. 320 m<sup>2</sup>), uma calçada ou empedrado de xisto, onde se implantam as várias sepulturas de planta rectangular ou quadrangular.

As sepulturas rectangulares, que estavam quase todas enquadradas por molduras construídas com uma ou mais fiadas de pedras sobrepostas, podem ser divididas em dois grandes grupos:

1. monumentos de maiores dimensões, bem definidos e mais espaçados entre si, concentrados nos sectores NW e SW, medindo 1,40 x 1,60 m e com profundidades que variam entre os 0,60 m e os 0,75 m;

2. monumentos cujas dimensões médias são de 0,90 m x 0,70 m e que apresentam profundidades variando entre os 0,40 m e os 0,70 m. Concentram-se nos sectores SE e NE da necrópole, e encontram-se mais próximos uns dos outros que os do grupo 1. Alguns estão construídos fora da área delimitada pelo empedrado.

O espólio publicado é, na totalidade, constituído por objectos de adorno, nomeadamente anéis, de prata e bronze, contas de colar, de pasta vítrea (oculadas ou não), de âmbar e de prata. O anel de bronze, maciço, era de suspensão e possuía um selo em forma de escaravelho, relativamente mal gravado, com uma representação deficiente.

As fases II e III da arquitectura funerária da região parecem estar aqui representadas.

Esta necrópole foi datada pelo radiocarbono, estando uma datação publicada (Gamito, 1991), sem que no entanto tenham sido divulgados dados que permitiriam um comentário melhor fundamentado. Assim, para além de não ser indicado o laboratório em que foi realizada a análise, não se precisa em que monumento, ou sequer o tipo de monumento em que foi recolhido o material objecto da datação. O tipo de matéria orgânica sobre a qual incidiu a análise (se ossos ou carvões) ficou, igualmente, por esclarecer e não é perceptível se a calibração foi feita a um ou dois sigmas. A data divulgada é a seguinte: 2375 ± 50 BP, cal a.C. -475-395 (Gamito, 1991).



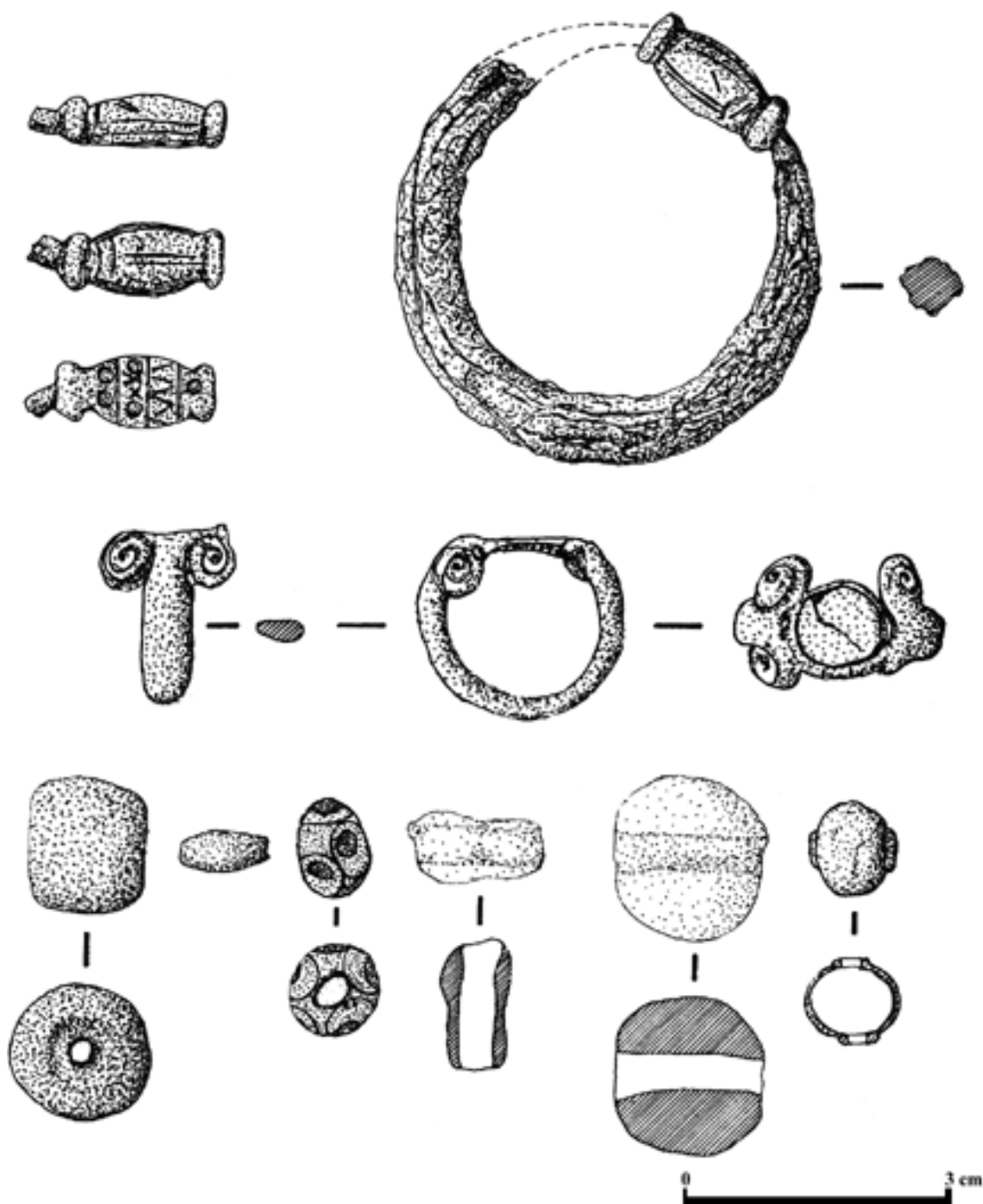


Fig. 24 Espólio de um túmulo de incineração da necrópole da Favela Nova (segundo Dias e Coelho, 1983, p. 202).



#### 2.3.4.6. Penedo

CMP: 555

Coordenadas hectométricas Gauss: 184,8  
75,2

Bibliografia: Beirão, 1986; Correia, 1993

Esta necrópole, detectada na sequência do aparecimento de uma lápide epigrafada, foi alvo de uma breve campanha de escavações, que permitiu identificar 4 sepulturas, em mau estado de conservação, das quais três se encontravam violadas. Tudo indica que está directamente relacionada com o *habitat* do mesmo nome, localizado nas suas proximidades.



Fig. 25 Estela da necrópole do Penedo (segundo Beirão, 1986, p. 131, Estela 44).

#### 2.3.4.7 Herdade do Pêgo

CMP: 563

Coordenadas hectométricas Gauss: 189,3  
62,8

Bibliografia: Dias, Beirão, e Coelho, 1971; Beirão, 1986; Correia, 1993; Gamito, 1991

A necrópole da Herdade do Pêgo ocupa um pequeno cabeço de xisto de vertentes suaves, e com uma orientação NW/SE. Nas suas imediações localiza-se o *habitat* do mesmo nome, certamente relacionado com esta necrópole. Está situado a uma cota de 257 m, e dista do rio Mira 4,5 km. A necrópole, que apresentava o aspecto de um empedrado ou calçada compacta de xisto, ocupava uma área total de 830 m<sup>2</sup>. Era composta por 38 monumentos funerários, de que se conservavam, no momento da escavação, 35, todos justapostos. As sepulturas, com dimensões internas que variavam entre 1,20 x 0,45 m e 1,80 x 0,50 m, eram escavadas na rocha de base e apresentavam duas ou três molduras circundantes, formadas por blocos de xisto ligados por terra compacta e argilosa.

Foram escavadas apenas seis sepulturas, cinco das quais localizadas na periferia da necrópole e uma na sua zona central.

Resta referir, quanto ao espólio, que os túmulos I, V e VI apenas forneceram contas de colar de pasta vítrea, enquanto do túmulo II foram recolhidas, exclusivamente, cerâmicas de fabrico manual. Os túmulos III e IV foram os que revelaram uma maior diversidade de espólios.



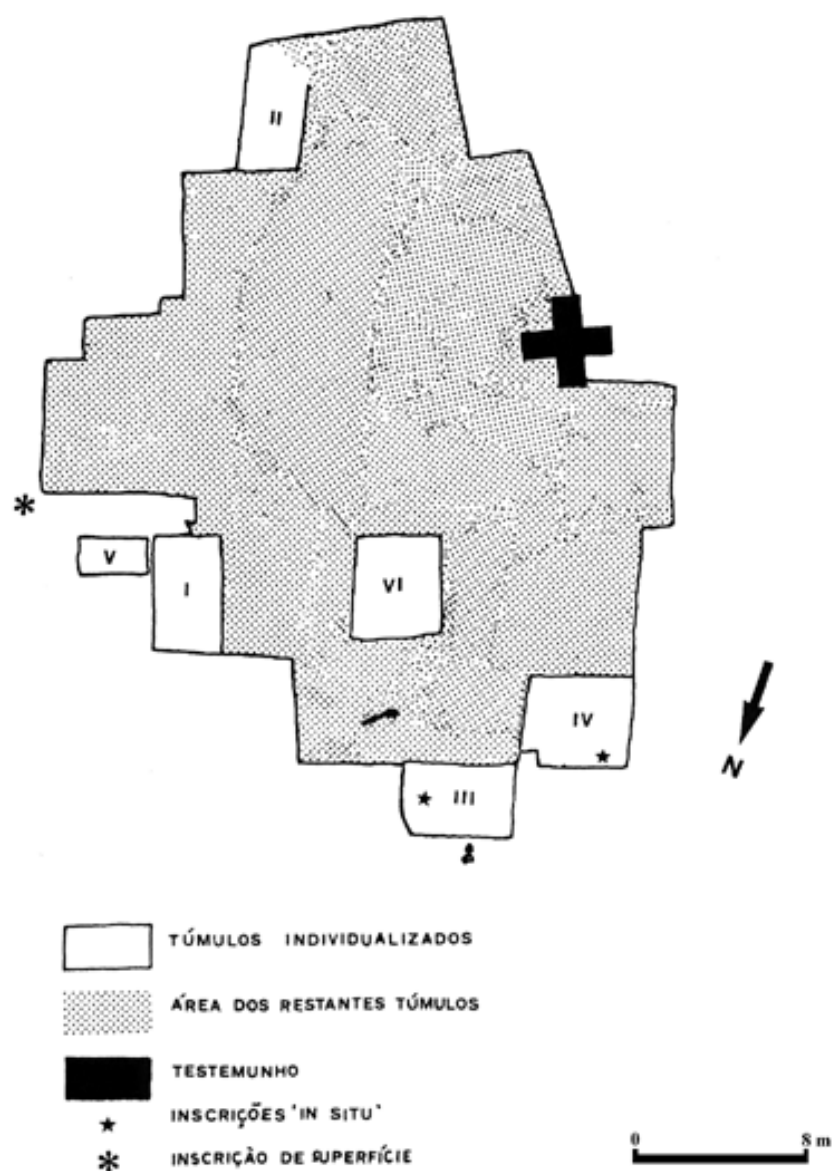


Fig. 26 Planta da necrópole da Herdade do Pêgo (segundo Dias et al., 1970, p. 203).



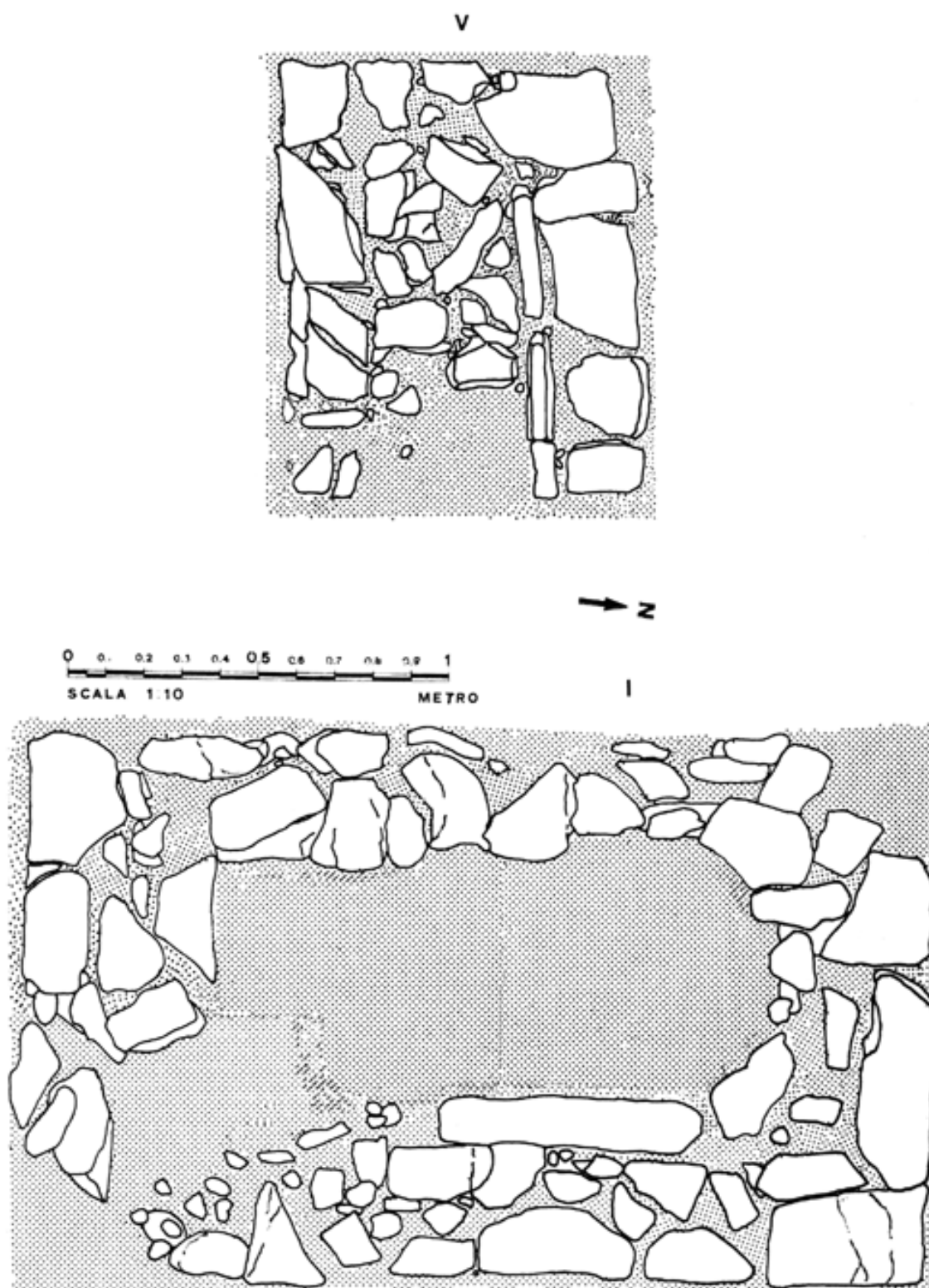


Fig. 27 Plantas das sepulturas V e I da necrópole da Herdade do Pêgo (segundo Dias et al., 1970, p. 207).



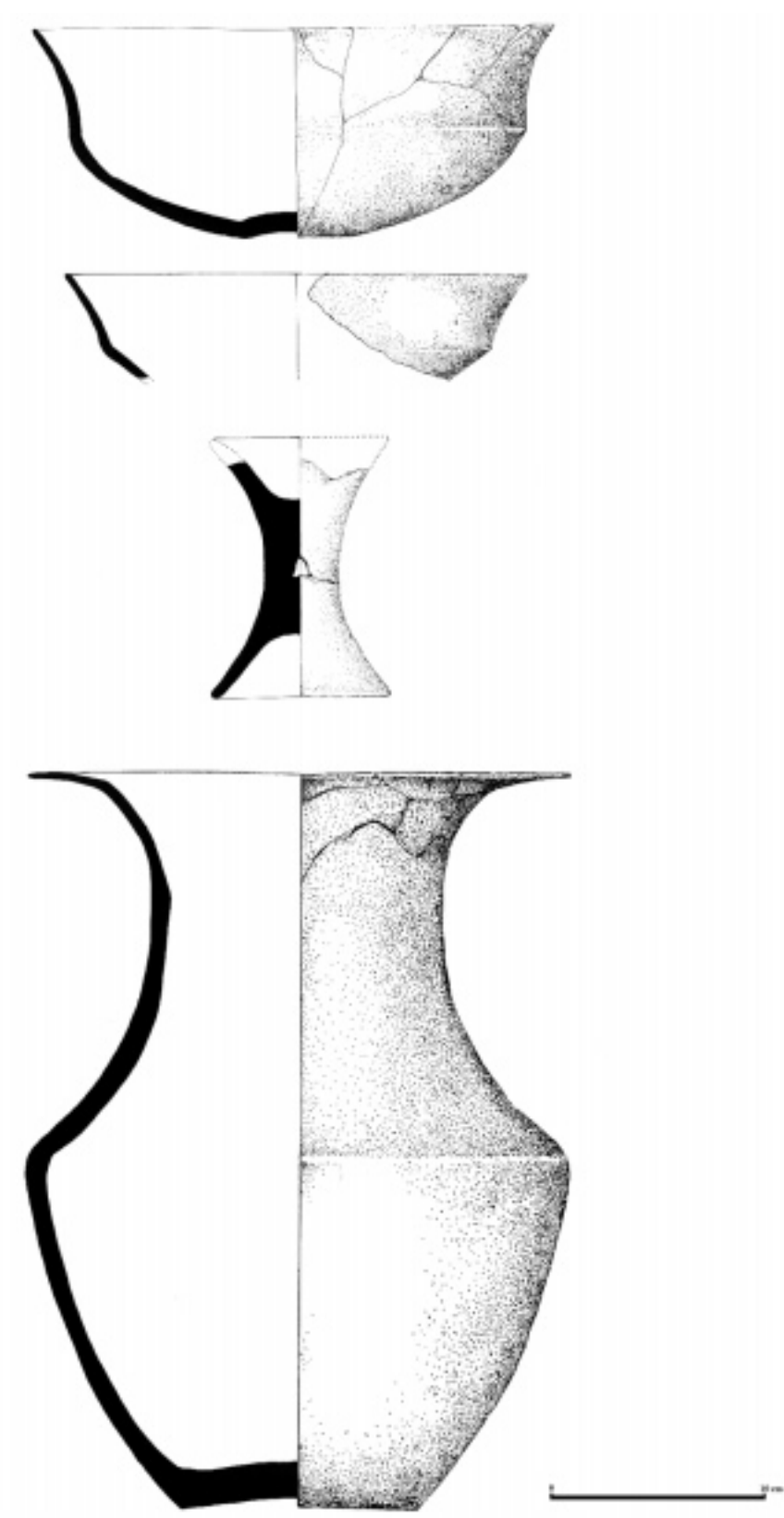


Fig. 28 cerâmicas manuais da sepultura II da necrópole da Herdade do Pêgo (segundo Dias et al., 1970, p. 204-206).



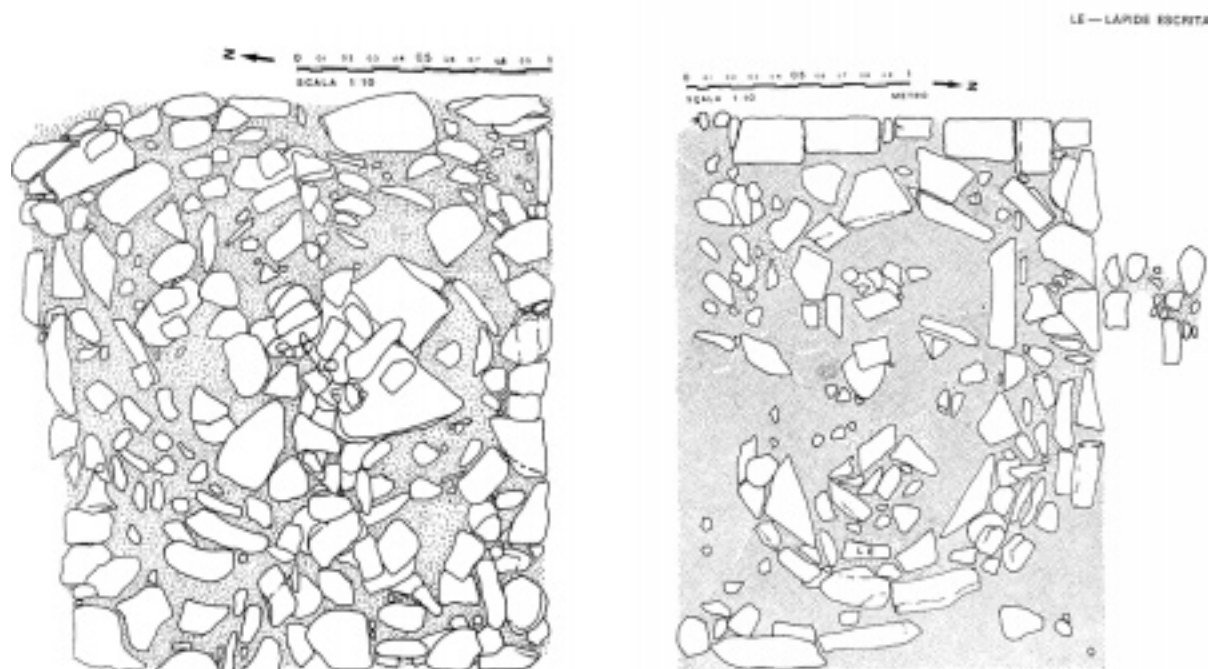


Fig. 29 Planta das sepulturas VI e III da necrópole da Herdade do Pêgo (segundo Dias et al., 1970, p. 207).

No túmulo III foi encontrada parte de uma placa de cinturão (dois garfos e um fragmento da placa), de bronze, e ainda um fragmento de faca, também de bronze, e uma vareta, de ferro. Do conjunto do espólio fazia ainda parte um pendente triangular, de arenito, com cantos arredondados e dois orifícios de suspensão (5 x 3,5 x 1,5 cm).

A escavação do monumento IV permitiu recolher uma taça de cerâmica, com bordo invertido e ligeiramente espessado; fragmentos de um lança e de uma faca, de ferro; uma conta de colar de pasta vítrea, cilíndrica; e um objecto de ouro, de forma cónica, interpretado pelos autores da escavação como conta de colar (Dias, Beirão, e Coelho, 1970), mas que poderá constituir um fragmento de arrecada, como foi já assinalado por Correia (1993, p. 355).

Integrada na construção da estrutura tumular desta sepultura, foi encontrada uma lápide epigrafada.

À semelhança da necrópole da Favela Nova, também este sítio foi datado pelo radiocarbono e a sua data divulgada (Gamito, 1991). As observações sobre a incompleta divulgação da data obtida para a Favela Nova são também aqui válidas, desconhecendo-se o laboratório, o tipo de matéria orgânica analisada, o monumento em que foi recolhida a amostra e, naturalmente, a que materiais arqueológicos se pode associar e, ainda, se a calibração foi feita a um ou dois sigmas. A data publicada é a seguinte: 2425 ± 40, cal BC -575 -415.



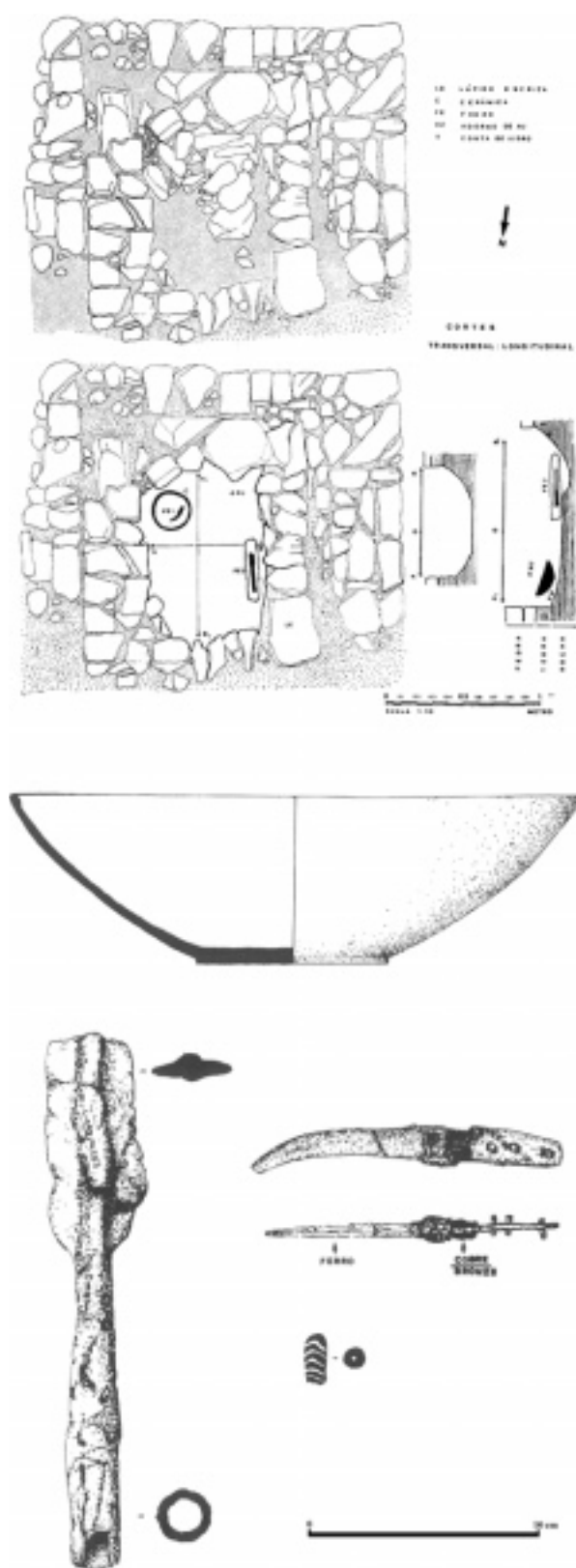


Fig. 30 Planta e espólio da sepultura IV da necrópole da Herdade do Pêgo (segundo Dias et al., 1970, p. 210-211).





Fig. 31 Estelas da necrópole da Herdade do Pêgo (segundo Beirão, 1986, p. 131, Estelas 41-43).

#### 2.3.4.8. Monte de S. Luís

CMP: 555

Coordenadas hectométricas Gauss: 192,4  
72,8

Bibliografia: Beirão, 1986; Correia, 1993

O monumento funerário do Monte de S. Luís foi detectado na sequência de prospecções. Uma limpeza superficial revelou que se tratava de um monumento circular, com câmara de inumação central.

Do ponto de vista construtivo, o monumento do Monte de S. Luís aproxima-se de Casarão, Pego da Sobreira, Monte do Coito, Cruzes e Carapetal II, parecendo, assim, legítimo integrá-lo, também, na primeira fase da Idade do Ferro local.



### 2.3.5. As necrópoles da região de Ourique: cronologia, faseamento e rituais

A tipologia e a evolução cronológica da arquitectura funerária da região de Ourique foram pela primeira vez abordadas por Caetano Beirão (1986), tendo sido alvo de sínteses mais recentes, já no decorrer da última década do século passado (Correia, 1993; Silva e Gomes, 1992).

De acordo com Virgílio Hipólito Correia, os diversos esquemas construtivos observados nas estruturas funerárias do Baixo Alentejo correspondem a diversas fases que se sucedem no tempo, observando-se, no entanto, características comuns a todas elas, concretamente o “...uso sistemático de monumentos construídos como *tumuli* ou *cairns* sobre as sepulturas...” (Correia, 1993, p. 356).

A arquitectura funerária desta região e neste período iniciou-se com a construção de monumentos funerários de planta circular, de grandes diâmetros, variando entre os 5 e os 7,5 m. Estes *tumuli* continham câmaras funerárias, cistóides, de planta rectangular, ou, mais frequentemente, quadrangular. O ritual praticado era o da inumação. Surgiram isolados (Monte de S. Luís, do Casarão, do Pego da Sobreira, do Monte do Coito, de Cruzes e do Carapetal II), ou integrados em conjuntos funerários que apresentam outros monumentos construídos numa fase posterior, como é o caso de Fernão Vaz, Chada e Biscoitinhos, em que aos monumentos circulares se adossaram outros de distinta tipologia. Foram aliás os trabalhos arqueológicos efectuados nestas três últimas necrópoles referidas que, permitindo observar a existência de monumentos de diversas plantas, possibilitaram, através de uma análise cuidadosa, verificar uma evolução tipológica, necessariamente de acordo com distintos momentos da diacronia.

Ainda desta primeira fase, mas de um seu momento final, datariam os monumentos semi-circulares, de que é conhecido o da necrópole do Cerro do Ouro, a que também se adossavam monumentos de outros tipos.

Deve ainda destacar-se que o monumento de Casarão se destaca no conjunto dos monumentos com túmulos circulares. Neste caso, a câmara sepulcral, de planta sub-quadrangular, apresenta um corredor semelhante aos que os monumentos megalíticos possuem, diferenciando-se destes, bem como do monumento da Roça do Casal do Meio, por exemplo, pela técnica construtiva da câmara sepulcral, que é do tipo cista.

Aestes monumentos de planta circular encostaram-se túmulos quadrangulares, com câmara funerária central bem destacada, de planta quer rectangular, quer elipsoidal, coberta ou não por lajes. A esta fase 2 correspondem os monumentos: 1 da necrópole do Mealha Nova; 1 do Pardieiro e 2B da Chada.

Mais tardios, inserindo-se na fase 3, são os restantes monumentos quadrangulares, sem dúvida os mais frequentes monumentos funerários da região de Ourique, surgindo, por exemplo, na Vaga da Cascalheira, Fonte Santa, Pêgo, Favela-a-Nova e Biscoitinhos. Neste momento, é frequente existirem, rodeando os *tumuli*, “...degraus, muitas vezes reduzidos a um pequeno soco, de uma única fiada de pedras...” (Correia, 1993, p. 359).

“O momento final da evolução da arquitectura funerária é representado por pequenos monumentos sub-quadrangulares, que aparecem normalmente isolados (casos da Atafona, Carapetal e Mestras), mas que em dois casos aparecem na periferia de necrópoles mais antigas, nomeadamente os monumentos 9 do Pardieiro e V do Pêgo” (Correia, 1993, p. 360). É nesta fase, com monumentos em Pi, que se data o início das incinerações em urna.

Um dos aspectos mais surpreendentes que ressalta do estudo das necrópoles de Ourique é a aparente coexistência dos rituais de inumação e incineração em todas as fases. Os



dois rituais não parecem ser, portanto, mutuamente exclusivos e surgem “...em qualquer dos tipos de deposição ritual de mobiliário, em datas muito diversas” (Correia, 1993, p. 356). Esta situação reflecte, muito possivelmente, diferenças ao nível do estatuto do incinerado. Tal como Carrilero Milán já assinalou (1993, p. 179), distintos rituais funerários podem traduzir diversidade ao nível do sexo, idade, ou ainda diferenciados patamares na pirâmide social.

Ainda quanto aos ritos funerários, é necessário ter também em atenção o mobiliário depositado.

Assim, deve destacar-se a grande quantidade de objectos de adorno, muito especialmente as contas de colar, devendo notar-se que, em alguns casos, esta deposição foi exclusiva (Pêgo: monumentos I, V e VI). Em outros, as contas de colar, de pasta vítrea oculadas, de resina, cornalina ou cerâmica surgiram associadas a outras jóias (escaravinhos, botão de ouro, ou amuletos de prata) e mesmo a outros objectos como armas e vasos cerâmicos.

A deposição de armas nas necrópoles de Ourique está também testemunhada, devendo realçar-se que se trata, maioritariamente, de pontas de lança (Chada, sector A T 2; sector B T1), estando também presentes as facas afalcatadas. Importante parece ser referir que estas armas, que apresentam tipologia muito simples, foram alvo do ritual de inutilização prévia à deposição, nomeadamente pela quebra da ponta da lança, cuja extremidade não é normalmente depositada. Este ritual está documentado no monumento 4 do Pêgo, por exemplo.

### 3. O restante Baixo Alentejo

Na continuidade paisagística e geomorfológica da região que hoje se engloba no concelho de Ourique, os actuais concelhos de Odemira, Almodôvar e Castro Verde evidenciaram vestígios arqueológicos que, pelo tipo de implantação, pelos espólios recolhidos, e pelas plantas detectadas se integram, por vezes apenas em parte, cronológica e culturalmente, no contexto que descrevi anteriormente.

A necrópole do Pardieiro (coordenadas hectométricas Gauss: 180.4/70.5), integralmente escavada, é constituída por 11 sepulturas, 10 das quais agrupadas e uma periférica (Beirão, 1990a). Estavam escavadas na rocha de base e apresentavam-se enquadradas por túmulos de planta rectangular, o que permite contextualizar esta necrópole na fase 2 e 3 de Virgílio Hipólito Correia (1993). A sepultura periférica continha uma incineração em urna, o que permite enquadrá-la na fase 4 da arquitectura funerária do Baixo Alentejo. Desta necrópole, são provenientes duas lápides epigrafadas com escrita do SW, tendo a escavação proporcionado a recolha de algum espólio arqueológico, maioritariamente constituído por objectos de adorno. Entre estes devem destacar-se contas de colar de ouro (um exemplar), de pasta vítrea (algumas oculadas), e de âmbar, pingentes de cornalina e o suporte de um escaravelho rotativo. As facas afalcatadas e pontas e contos de lança foram também recolhidos.

As necrópoles da Abóbada (Dias e Coelho, 1971; Beirão, 1986; Beirão, Gomes e Monteiro, 1980; Correia, 1993), da Hortinha (Correia, 1993) e dos Guerreiros (Beirão, 1986; Beirão, Gomes e Monteiro, 1980; Correia, 1993), todas localizadas no actual concelho de Almodôvar, estão claramente integradas no que foi definido como núcleo do Mira. Trata-se de necrópoles detectadas por prospecção, onde não se realizaram trabalhos arqueológicos de escavação, mas cuja evidências superficiais permitem colocar nas fases 2 e 3 de Virgílio Hipólito Correia. Na primeira foi recolhida uma lápide epigrafada com escrita do SW.





Fig. 32 Estelas da necrópole do Pardieiro (segundo Beirão, 1990a, p. 112-113).





Fig. 33 Planta da necrópole do Pardieiro (segundo Beirão, 1990a, p. 110).



Possuem as seguintes referências geográficas:

Abóbada:

CMP: 563

coordenadas hectométricas Gauss: 190.6  
64.3

Hortinha

CMP: 563

coordenadas hectométricas Gauss: 189.9  
64.0

Guerreiros

CMP: 563

coordenadas hectométricas Gauss: 194.6  
63.8

No concelho de Castro Verde, mais concretamente na designada área mineira de Neves-Corvo, Manuel e Maria Maia identificaram uma importante e intensa ocupação humana, de que aqui destaco o conjunto de sítios arqueológicos que podem datar-se da Idade do Ferro (Maia, 1987, 1988, 1986, 1996) e que, pela sua importância, merecem que sobre eles me debruce com algum detalhe.

Sete sítios foram referenciados, tendo as escavações aí realizadas permitido aos arqueólogos que investigaram a área considerar que estavam na presença de duas necrópoles (Neves I e Neves IV) e três sítios de *habitat* (Neves II, Corvo I e Corvo II). Todos foram alvo de intervenções arqueológicas, que permitiram verificar algumas semelhanças e muitas dissimilaridades entre o povoamento desta região e o que foi analisado, anteriormente, para a área de Ourique.

No que diz respeito aos que foram considerados sítios de *habitat*, as similitudes dizem apenas respeito à ausência de estruturas defensivas, às cotas baixas escolhidas e à fraca visibilidade obtida. Ao nível do espólio e da concepção dos espaços, e da concepção arquitectónica em geral, as diferenças são muito acentuadas.

Quanto às necrópoles, parece observar-se, de facto, em Neves IV, uma evolução arquitectónica com semelhanças evidentes à que se verificou na região de Ourique.

Infelizmente, os dados publicados são muito reduzidos, limitando-se à divulgação de algumas plantas, de difícil leitura, e à apresentação de escassos materiais arqueológicos, quase sempre os importados, o que não permite retirar grandes conclusões.

Tendo, no entanto, em consideração o espólio divulgado, talvez não seja incorrecto pensar que a Idade do Ferro da região de Castro Verde date, de uma maneira geral, de meados do I milénio a.C., mais concretamente numa data centrada em meados do século V. Com efeito, é o que as cerâmicas áticas (taças Cástulo), recolhidas em Neves I e as ânforas de tipo Mañá Pascual A4, encontradas também em Neves I, Corvo I e Neves II, deixam antever, sendo também esta a datação sugerida pelos arqueólogos responsáveis por estes trabalhos para estes mesmos sítios.



Fig. 34 Estelas da Abóboda (segundo Beirão, 1986, p. 132, Estelas 48-49).





Mapa 3 Localização dos povoados do couro mineiro de Neves-Corvo (segundo Maia e Maia, 1986, p. 25).

Em alguns dos sítios mencionados, como Neves I e Neves II, não é, no entanto, improvável que os níveis imediatamente anteriores àqueles em que se recolheram materiais com estas cronologias se possam datar ainda da primeira metade do I milénio a.C. Essa data não poderá, em minha opinião, e atendendo à leitura possível dos perfis e plantas apresentados, recuar para momentos anteriores aos finais do século VI a.C.

Importa, também, destacar que apenas em um caso as necrópoles parecem corresponder especificamente a um determinado núcleo populacional, como parece ter ficado demonstrado na já referida necrópole de Neves IV e no *habitat* de Neves II. No caso concreto da necrópole, que permanece inédita “..., por força de conjunturas globais e de circunstâncias particulares...” (Maia e Maia, 1996, p. 85), as escassas referências publicadas indicam que existem dois *tumuli* de planta circular, com câmara sepulcral central destacada, datada do Bronze Final, a que, num momento posterior, se adossaram sepulturas de planta sub-rectangular (Maia e Maia, 1996, p. 87). A evolução da arquitectura funerária sidérica segue pois, neste caso, os modelos observados na região de Ourique.

O *habitat* de Neves II, aparentemente construído sobre um povoado do Bronze Final, foi integralmente escavado e era constituído por dois núcleos distintos, separados por cerca de 7 metros. Ambos se compunham de um conjunto de estruturas de planta rectangular justapostas, estruturas essas antecedidas, num dos núcleos, por um pequeno átrio. As paredes seriam de taipa ou adobe construídas sobre um soco de pedra (Maia, 1988, p. 26-32). Neste sítio, identificaram-se três momentos de ocupação, o segundo dos quais pode ser datado, através da tipologia das ânforas, de meados/finais do século V a.C. (Maia, 1988). Deve ainda referir-se que no nível superior deste *habitat* foi descoberta uma lápide epigrafada com escrita do SW (Maia e Correa, 1985), discutindo-se ainda se esta estaria no seu contexto original, podendo ser assim considerada como não funerária, ou, se pelo contrário, se trata da utilização, como elemento construtivo, de uma inscrição retirada de uma necrópole próxima, então já abandonada.



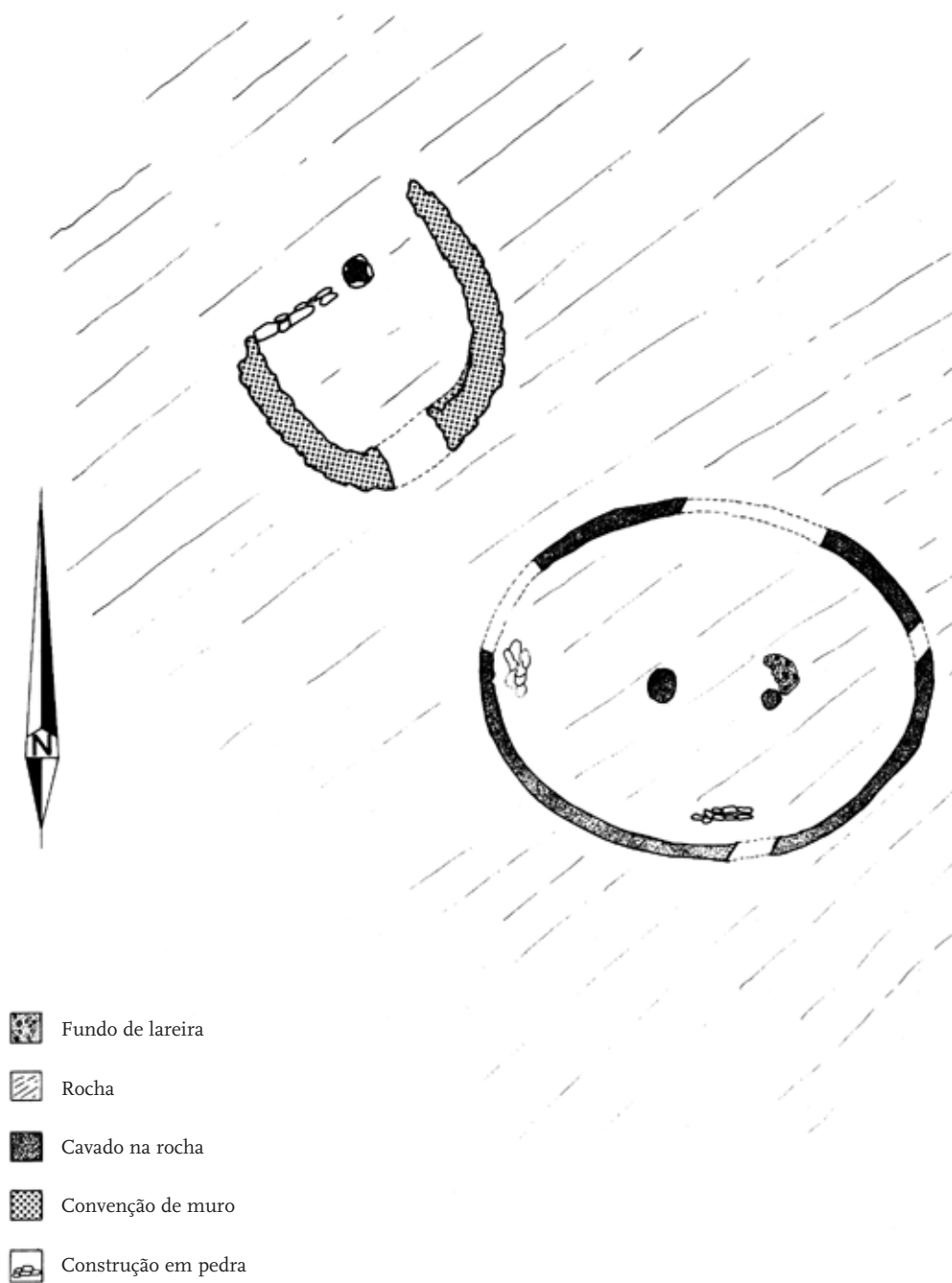


Fig. 35 Neves II: estruturas habitacionais atribuídas ao Bronze Final (segundo Maia e Maia, 1986, p. 27).



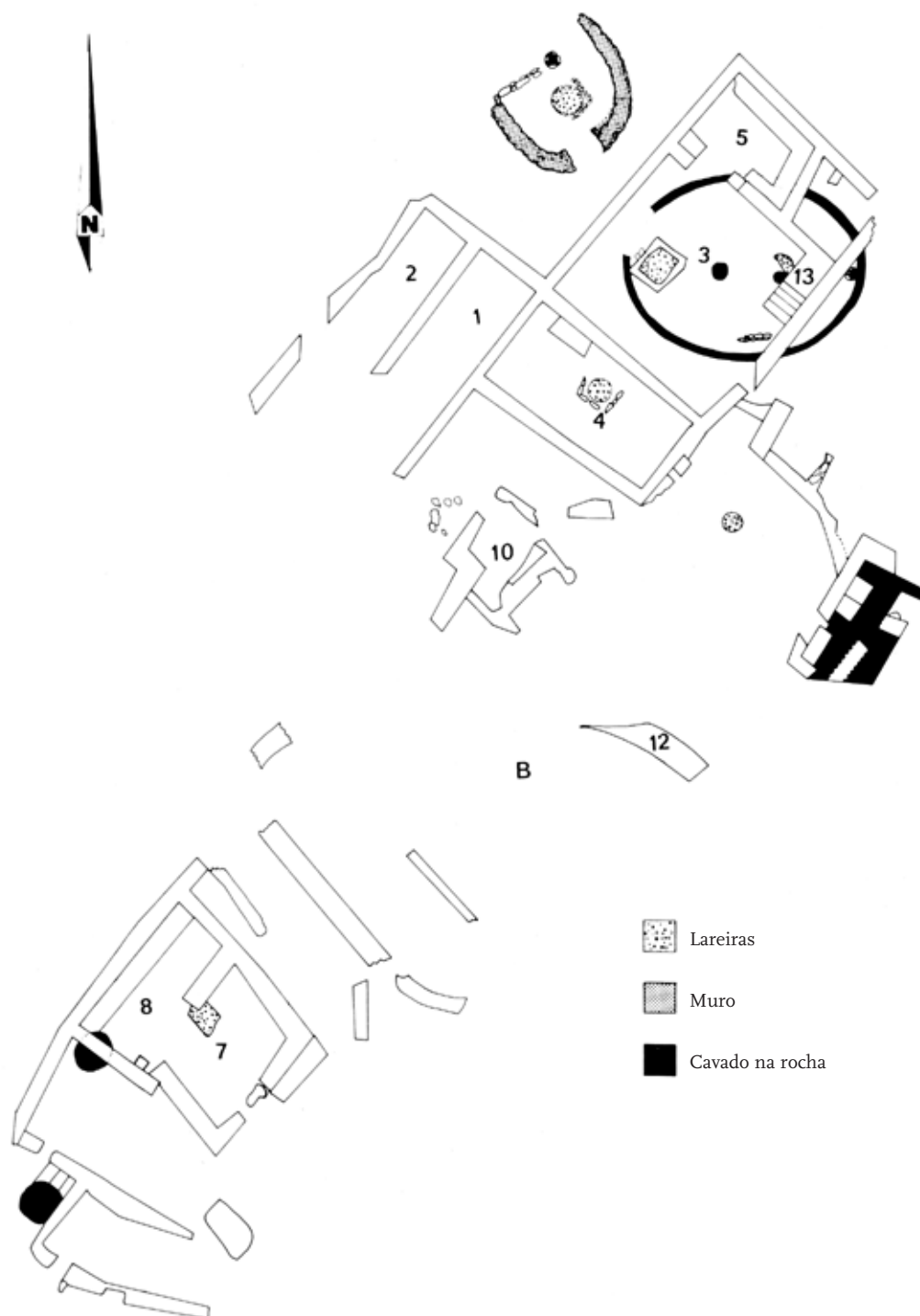


Fig. 36 Planta composta de Neves II (segundo Maia e Maia, 1986, p. 29).



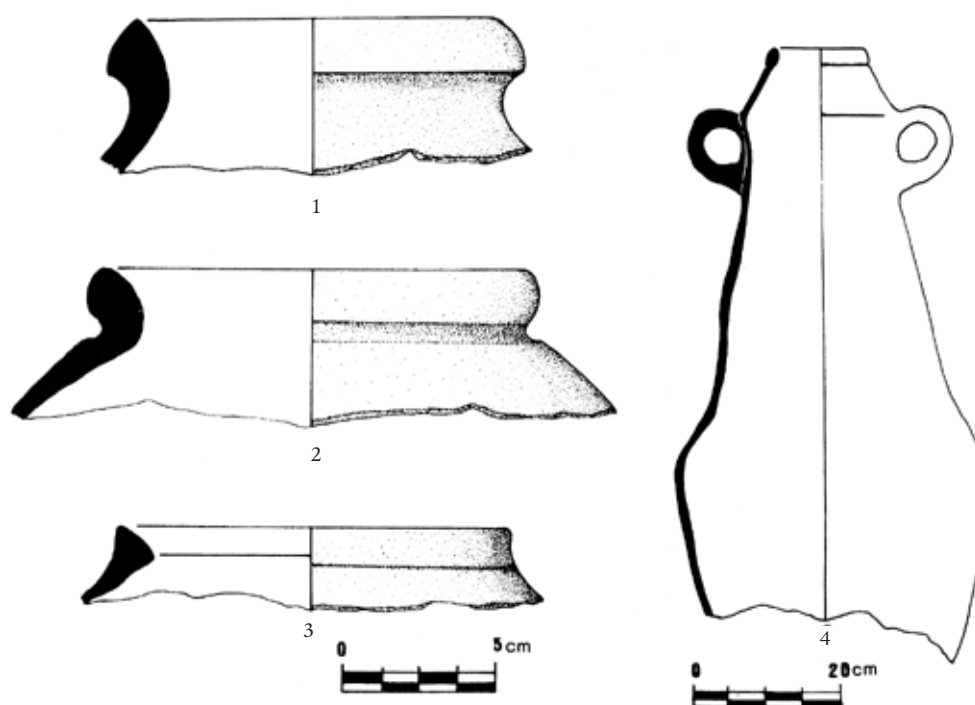


Fig. 37 Ânforas de Neves II (segundo Maia e Maia, 1986, p. 34).



Fig. 38 Estela de Neves II (segundo Maia e Maia, 1986, p. 30).



O sítio de Corvo I foi intervencionado em cerca de 2/3 da sua área total e localiza-se numa pequena elevação, de cota baixa, fronteira à do sítio de Neves II (Maia, 1988; Maia e Maia, 1986 e 1996). Apresentava um conjunto de compartimentos de planta rectangular, implantados em redor de um pátio lajeado, que deveria ser descoberto. De acordo com os autores citados, os dis-

## CASTRO VERDE – CORVO I

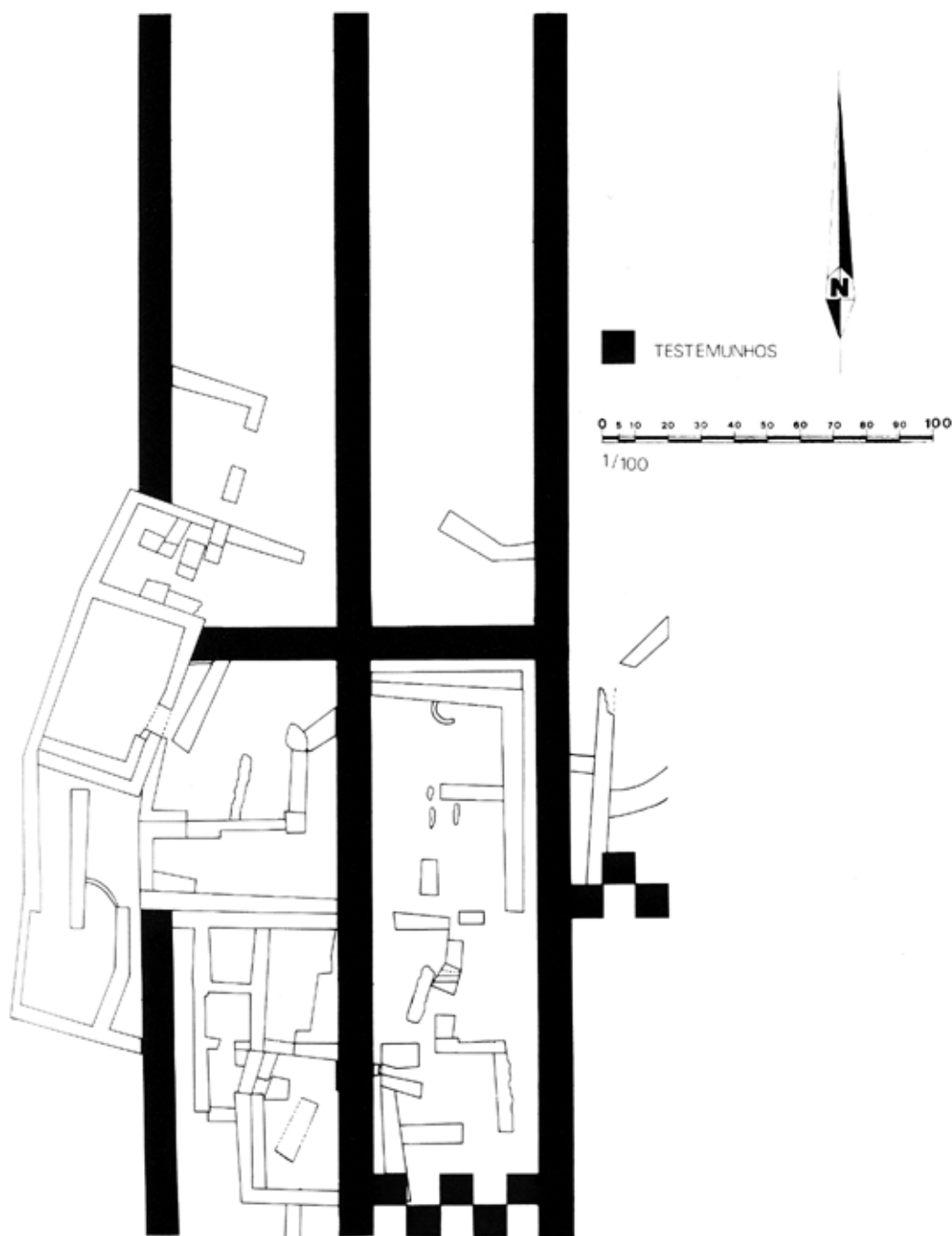


Fig. 39 Planta composta de Corvo I (segundo Maia e Maia, 1986, p. 35).



tintos espólios recolhidos no interior dos diversos compartimentos parecem indicar que a sua função estava de acordo com actividades específicas. Deste modo, dois estariam relacionados com a moagem, outros dois destinavam-se à habitação, enquanto o terceiro estaria ligado à pecuária. O culto poderia ser praticado num outro compartimento, justamente o de menores dimensões e aparentemente fechado (Maia, 1988, p. 36; Maia e Maia, 1996, p. 87). Esta interpretação decorre sobretudo do facto de este espaço possuir o solo "... revestido por um mosaico de calhaus de quartzo representando um hipocampo..." (Maia e Maia, 1996, p. 87), mas o aparecimento, na área central deste espaço, de um *kernos*, de fabrico manual, reforçou esta hipótese interpretativa.

O espólio arqueológico recolhido em Corvo I pode ser datado entre o terceiro e o último quartel do século V a.C.. Esta cronologia é confirmada tanto pelas taças Cástulo aí recuperadas, como pelos tipos anfóricos presentes (Maia, 1988, p. 54), nomeadamente exemplares integráveis na forma T 11.2.1.4 de Joan Ramón Torres (1995). Deste sítio estão também publicados recipientes de vidro policromo, e contas de pasta vítrea, algumas das quais oculadas (Maia e Corrêa, 1985; Maia, 1988; Maia e Maia, 1996), existindo ainda breves referências ao aparecimento no local de "...algumas terracotas zoomorfas, associadas a outras representações esquemáticas de animais feitas de pedra. Também identificámos um torso de cavalo que estava montado, uma vez que são visíveis os pé do cavaleiro de um e de outro lado do abdómen.

De entre as representações antropomórficas há a salientar uma cabeça com chapéu de copa cónica e aba larga, e parte de um maxilar inferior com alguns dentes apenas sumariamente reproduzidos". (Maia e Maia, 1996, p. 88).

O sítio de Neves I reveste-se de particularidades muito próprias e é, do meu ponto de vista, difícil de analisar mesmo quanto à sua funcionalidade. A responsável pela sua escavação sempre defendeu que se tratava de uma necrópole de incineração (Maia, 1988, 1987), mesmo admitindo que possuía "...características muito *sui generis*, relativamente à cultura do SO..." (Maia, 1988, p. 36). Na minha opinião, interpretar o sítio de Neves I como necrópole de incineração é muito discutível, tendo em consideração os dados publicados.

O sítio, que está "...situado sobre uma pequena colina arredondada, de cota baixa, da qual ocupa o topo, estendendo-se um pouco pelo início da encosta....apresenta uma planta complexa que à primeira vista sugere a de um pequeno povoado aberto ou mesmo habitat..." (Maia, 1987, p. 229). Acrescenta-se ainda que "...as construções são quase todas de planta rectangular, justapõem-se e imbricam-se numa orientação geral NNO - SSE., com prolongamentos para Oeste e Leste. A técnica de construção das paredes baseia-se em alvenaria de pedra, aglutinada com barro amassado e a sua parte superior devia ser construída por adobe ou taipa...." (Maia, 1987, p. 229).

No recinto central, aparentemente o primeiro a ser construído, foram encontrados dois *larnakes* de argila grosseira e mal depurada. Um deles (peça A) é constituído por dois elementos, uma caixa e uma tampa. O segundo (peça B) não possui tampa, mas a aba saliente que apresenta encontra-se decorada por rolos de argila que formam volutas (Maia, 1987, p. 223-229; Lâm. I, II, III, IV, Est. 1). Os dois *larnakes* encontravam-se na mesma posição dentro do compartimento, exactamente no centro do mesmo, mas a sua posição estratigráfica viria a mostrar a antiguidade da peça B, relativamente à peça A (Maia, 1987, p. 223-229).

Este sítio arqueológico foi, como já se referiu, considerado uma necrópole de incineração. Esta interpretação ficou a dever-se:

1. Presença de cinzas, carvões e esquirolas de ossos no interior da peça A e sob a peça B.
2. Existência da estrutura envolvente da peça B.
3. O espólio que estava disposto sobre e junto da estrutura envolvente e que era constituído entre outras peças de cerâmica, por: a) um fragmento de parede lateral de um *kylix* ático de



## CASTRO VERDE – NEVES I

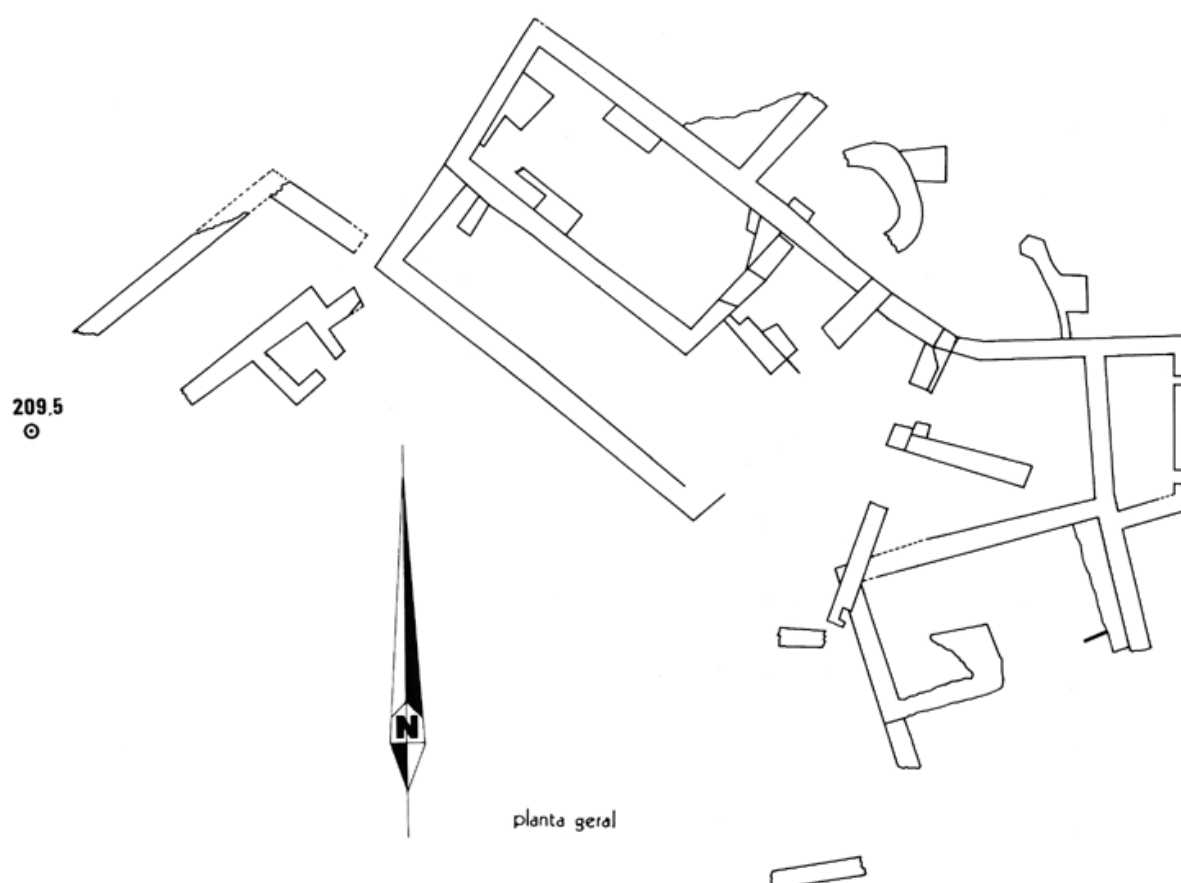


Fig. 40 Planta de Neves I (segundo Maia e Maia, 1986, p. 37).

verniz negro, relacionado, por hipótese, com a libação fúnebre; b) um anforisco ou *alabastron* em argila cozida, de tradição fenício púnica, embora de fabrico local.....; c) uma ânfora de origem ou tradição púnica, contendo grande quantidade de cereais carbonizados. A nosso ver, constitui, sem dúvida, uma oferta ritual de alimentos.

4. Presença de um grande vaso de manufactura local sobre a soleira da porta de comunicação entre o átrio e a grande sala rectangular.

5. Distribuição dos vasos de grandes dimensões (ânforas e potes) ocupando os ângulos do edifício, à semelhança do que se passa em algumas câmaras funerárias fenícias e ibéricas como Trayamar e Baza.

6. A estrutura e semelhança do compartimento contíguo. Este compartimento que, como vimos, se justapõe à sala principal e aproveita uma das paredes desta tem a sua zona central ocupada por um grande pote de aba revirada de manufactura local e protegido por uma estrutura envolvente idêntica à da divisão principal” (Maia, 1987, p. 240).

Este tipo de evidência arqueológica permite, em minha opinião, outras interpretações, que não obrigatoriamente as funerárias.



Gostaria de iniciar a minha análise por sublinhar as extraordinárias semelhanças que encontro entre Neves I e o chamado “Palácio-Santuário” de Cancho Roano (Maluquer de Motes, 1981; Maluquer de Motes e Pallarés, 1980; Maluquer de Motes et al., 1986; 1987; Celestino Pérez, 1991; 1992; 1994; 1995; 1996; Celestino Pérez e Jiménez Ávila, 1993; 1997; Celestino Pérez e Martín, 1996). Em primeiro lugar, não deixa de ser curioso que ambos os edifícios estejam construídos em áreas relativamente planas, não se destacando minimamente nas paisagens envolventes e não possuindo qualquer espécie de controle visual dos seus territórios próximos. Por outro lado, não podem esquecer-se as similitudes existentes entre as evidências da cultura material encontrada em Neves I e as identificadas em Cancho Roano. A forma de “lingote cipriota”, ou de pele de boi estendida, que a tampa do *larnax* mais recente reproduz (peça A) é exactamente a mesma que se observa no altar do Edifício B daquele sítio estremenho (Celestino Pérez, 1994, p. 229). Também o facto de os dois *larnakes* terem sido encontrados quase sobrepostos, na mesma posição relativa, no centro do compartimento principal, é outro elemento a ter em consideração no momento em procuramos verificar as similitudes entre os dois sítios, uma vez que os altares de Cancho Roano se sobrepõem de forma clara, num mesmo espaço - H-7 (Celestino Pérez, 1994, p. 229, 1997, p. 372). Também aqui o centro da “pele de boi”, de argila, estava repleto de cinzas e carvões (Celestino Pérez, 1994, p. 229, 1997, p. 372). Parece importante, igualmente, recordar que o espólio recolhido em Neves I, nomeadamente a cerâmica ática e as ânforas, podem ser, em termos formais e de fabrico, assimiladas às recolhidas no “Palácio-Santuário” de Cancho Roano.

Curiosamente, a responsável pela escavação teve, de algum modo, ela própria essa percepção, quando afirma “Torna-se imprescindível evocar certa similitude com o monumento religioso-funerário de Cancho Roano...” (Maia, 1987, p. 241), apesar de ter considerado que não lhe era possível “...precisar com exactidão pontos de confluência concreta entre as duas estações” (Maia, 1987, p. 241).

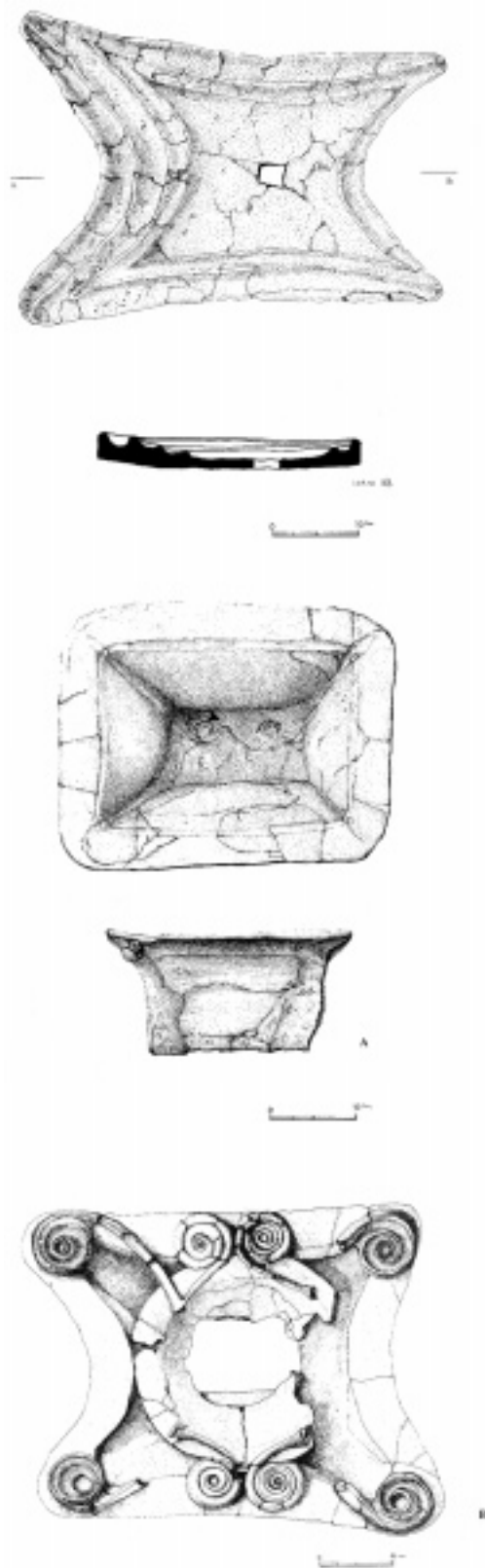


Fig. 41 *Larnakes* de Neves I (segundo Maia e Maia, 1986, p. 39-41).



Outros paralelos para Neves I, concretamente para os *larnakes* podem ainda equacionar-se, podendo destacar-se o altar de argila em forma de “pele de boi” esticada, identificado num espaço de culto, onde se sobrepõem altares de argila, escavado por Maria Belén em Coria de El Río (Belén Deamos, 1998).

A vocação religiosa de Neves I parece pois evidente, e as referências à existência de fogueiras e áreas de “*ustrinum*” reforçam ainda mais esta minha convicção (Maia, 1988, 1987; Maia e Maia, 1996). Tudo indica que estamos na presença de um santuário, com funções semelhantes àquelas que Cancho Roano desempenhou na Extremadura espanhola, mesmo atendendo às diferenças observadas entre os dois edifícios quanto a dimensões, quantidade e qualidade de espólios recolhidos.

A mesma função religiosa não é impossível de atribuir a Corvo I, sempre interpretado como *habitat*, onde, apesar de tudo, foi considerada a existência de uma área específica destinada ao culto (Maia, 1988; Maia e Maia, 1996). Neste caso, para além dos elementos fornecidos pela análise da arquitectura e técnicas de construção, é também o espólio que remete para esta possibilidade. A aparente quantidade e diversidade de objectos relacionados directamente com o culto, que infelizmente permanecem inéditos, concretamente as terracotas zoomorfas e antropomórficas, tanto de argila como de pedra, associadas às abundantes taças Cástulo, anforiscos de alabastro de pasta vítrea, para além das ânforas de tipologia e fabrico “ibero-púnico” (Maia, 1988; Maia e Maia, 1996), são os elementos em que me baseio para esta atribuição.

Assim, o actual couto mineiro de Castro Verde parece corresponder a uma área eminentemente religiosa, se bem que disseminada por vários monumentos, cuja função se prenderia directamente com actividades comerciais e de intercâmbios de vária natureza e entre diversas comunidades, sendo indispensável, neste contexto, insistir que a associação entre os edifícios religiosos e a actividade comercial foi uma realidade em toda a Antiguidade, bem como na Idade Média ou mesmo na actualidade.

A ligação desta região ao mundo mediterrâneo parece evidente, não só pelas quantidades de materiais exógenos aqui encontrados, como pelas técnicas de construção utilizadas, e mesmo a forma como o culto parece estar organizado.

Assim, são facilmente perceptíveis as diferenças entre esta realidade e aquela outra observada na região de Ourique, muito especialmente a que foi designada “Núcleo do Mira” e “Núcleo de Ourique”, onde, nem a arquitectura, nem os espólios recuperados, possuem os traços orientalizantes tão marcados, apesar de ser indubitável que receberam estímulos externos, também certamente mediterrâneos.

#### 4. A Idade do Ferro orientalizante no Baixo Alentejo

A reflexão sobre os dados arqueológicos que apresentei anteriormente permitiu não tanto a construção de modelos ou de hipóteses interpretativas, mas sobretudo a constatação de certos aspectos concretos da ocupação sidérica do Baixo Alentejo, durante a primeira metade do I milénio a.C.

A primeira observação que os dados sugerem é o momento tardio em que as influências orientais são sentidas na região. Como já por diversas vezes referi, o que a cultura material desta região evidencia é o facto de tanto em Ourique como em Castro Verde a Idade do Ferro parecer ter início apenas no século VI a.C. Esta constatação é também confirmada pelas datas de radiocarbono obtidas para as necrópoles de Favela Nova e Pêgo e não é desmentida pelas datações rea-



lizadas em Fernão Vaz. Gostaria, no entanto, de precisar que admito que o povoamento sidérico da área de Castro Verde possa ter-se iniciado num momento mais tardio que o de Ourique, talvez nos finais do século VI a.C., atingindo contudo a sua maior expressão durante os meados e a segunda metade do século V a.C., à semelhança, aliás, daquilo que acredito ter sucedido em Ourique. De facto, e para esta última região, estou absolutamente convicta que a grande maioria dos sítios de *habitat* e, mesmo, das necrópoles datam dessa época, não existindo nenhum elemento na cultura material que possa sugerir datas centradas no século VII a.C., como sempre se pretendeu. É um dado adquirido que o fabrico de escaravinhos egipcizantes e de contas de colar, de pasta vítrea, oculadas ou não, se prolongou na área mediterrânea em geral, e no Ocidente em particular, praticamente, até à romanização.

Não vejo também motivos para considerar que os monumentos funerários de planta circular (fase 1 de Virgílio Correia) datem do século VIII a.C. Considerar a datação de radiocarbono da necrópole da Atalaia (KN-I.201 — sob madeira carbonizada —  $2750 \pm 50$  BP 1105 — 800 a.C.) como uma data *ante quem* para esse momento da arquitectura funerária no Baixo Alentejo não possui qualquer base científica real. As similitudes arquitectónicas entre os monumentos funerários do Bronze II do Sudoeste e os túmulos de Casarão, Pego da Sobreira, Monte do Coito, Cruzes, Carapetal II, S. Luís e Fernão Vaz são, de facto, evidentes, mas não considero que permitam afirmar, taxativamente, que estes últimos se seguem, de imediato, aos primeiros.

Um outro aspecto que consegui reter do conjunto analisado diz respeito aos espólios recolhidos tanto nos *habitats* como nas necrópoles da área de Ourique. Com o distanciamento que me permite o facto de nunca ter trabalhado na região, e tendo apenas por base o material que está publicado, atrevo-me a dizer que os espólios, mesmo os provenientes das necrópoles, apresentam uma enorme pobreza tanto em termos de variabilidade como de qualidade, se por exemplo os comparamos com os que se conhecem das necrópoles do restante Sudoeste. La Joya, Setefilla, Acebuchal, Medellín, ou mesmo Alcácer do Sal ou Gaio, só para citar algumas, são, objectivamente, incomparáveis com as de Ourique, tanto quanto aos espólios recolhidos, como quanto à própria arquitectura funerária.

O que separa a região de Ourique dos restantes “chefados peri-tartéssicos”, para usar a expressão dos investigadores que estudaram a região (Beirão, 1986; Correia, 1993), assume dimensões tão amplas que não pode ser ignorado. A própria comparação desta realidade com áreas relativamente próximas e igualmente interiores, como Castro Verde, por exemplo, não pode deixar de impressionar, dada a riqueza e a diversidade da cultura material que esta última região apresenta.

Por outro lado, gostaria de deixar claro que é absolutamente indesmentível que a Idade do Ferro da região de Ourique recebeu estímulos orientalizantes, materializados na sua cultura material e na planta do *habitat* de Fernão Vaz, parecendo adequada a expressão recentemente adoptada por Jiménez Ávila (2000) de pós-orientalizante.

Parece-me, assim, ser possível considerar que a região de Ourique pode ter constituído, durante esta época, uma área marginal, na acepção que Sherrat (1993) forneceu ao conceito de *margem*, quando utilizou o modelo dos “Sistemas Mundiais”. Deste modo, a área em análise estaria, efectivamente, desconectada das relações existentes entre os “Centros” e a “Periferia”, podendo considerar-se que os “Centros” correspondiam, neste caso, ao Sul da Península Ibérica, concretamente às colónias fenícias ocidentais e ainda à área tartéssica, e a “Periferia” aos territórios indígenas fortemente orientalizados, como os que se reconhecem no litoral. A esta “*Margem*” chegaram, tardiamente e através do comércio, certos objectos, ou mesmo algumas inovações tecnológicas, mas a região parece ter ficado “à margem” das transformações socio-económicas que se operaram nas “Periferias”.



De alguma forma, sinto-me agora obrigada a abordar o tema, sempre complexo, da organização política e social do Baixo Alentejo durante o I milénio a.C. Essa obrigação advém, fundamentalmente da discussão que esse tema tem provocado nos últimos anos, num debate que, para além de Virgílio Hipólito Correia e Jorge de Alarcão, me envolveu, de algum modo, também a mim própria.

Jorge de Alarcão, em artigos recentes (1996a, 1996c), defendeu que Ourique, correspondendo a um dos seus “círculos culturais”, era território de Cónios. Ainda segundo o mesmo investigador, estes residiam em pequenos sítios de *habitat*, denominados casais agrícolas, que seriam unidades unifamiliares. Estes casais agrícolas constituíam “...uma sociedade não piramidal, isto é, sem chefes vassalos intermédios, [o que] não exclui uma integração sociopolítica sob a égide de um poder centralizador residente no lugar central cuja existência postulamos...” (Alarcão, 1996a, p. 32). Jorge de Alarcão admite, assim, que a estrutura dos *Conii* seria, apesar de isonómica, bastante evoluída e muito próxima de um estado, na qual o chefe desse estado arcaico tributaria os seus súbditos, concretamente aqueles que residiam nos casais agrícolas já referidos e que foram enunciados e descritos em ponto anterior (Alarcão, 1996a, p. 33).

Quanto a este aspecto, Virgílio Hipólito Correia discorda de Jorge de Alarcão. Não concorda que a “homogeneidade a nível cultural” que ele próprio também reconhece existir em Ourique, e que traduziria “...módulos de comportamento territorial de entidades políticas autónomas, a que Renfrew chama Early State Modules.” (Correia, 1997, p. 47), seja suficiente para concluir da existência de um estado. E isto porque apesar “...desses módulos se detectarem em estados, não é de todo verdade que a existência do módulo só aconteça em função da existência deles. Por isso não deve ser pela verificação da materialização territorial das esferas de influência dos povoados ou agrupamentos de povoados (Cf. Berrocal, 1986) em escala idêntica à do ‘módulo do estado arcaico’ (Cf. Correia 1990, p. 184-185) que devemos concluir da existência desse estado” (Correia 1990, p. 184-185). Para Virgílio Hipólito Correia a organização social da população que residia no Sul de Portugal, neste caso concreto na área de Ourique, era complexa, mas estava, no entanto, longe de se poder considerar um estado, uma vez que, e citando Yoffee (1993, p. 48-50), “Faltava-lhe para isso a rigidez dos mecanismo de controle e a perenidade das relações formais entre estratos distintos da sociedade, que os chefes de linhagem não eram ainda capazes de impor aos seus dependentes e a outros chefes seus vizinhos, nem a população que já vivia em povoados incipientemente urbanizados era capaz de chamar a si, nem tão pouco a classe sacerdotal dominava” (Yoffee, 1993, p. 69).

Assim, para este investigador, a sociedade que habitava esta região estava organizada em linhagens, onde existiam indivíduos que detinham um estatuto social superior aos restantes membros (Yoffee, 1993, p. 69). A existência de uma estrutura social hierarquizada foi considerada, sobretudo a partir da análise das necrópoles, concretamente no que se refere à dimensão dos monumentos (Correia, 1993, p. 360-362), uma vez que a dimensão de um monumento funerário pode “...estar na razão directa da riqueza do indivíduo aí sepultado e, nessa medida, reflectir a sua posição mais ou menos importante dentro da hierarquia social que estrutura o seu grupo” (Correia, 1993, p. 361). Esse elevado estatuto social estaria directamente ligado “...a unidades demográficas organizadas em pequenos grupos...” (Correia, 1993, p. 71) e “A existência de povoados fortificados maiores integrar-se-ia neste panorama se eles se considerarem como centros que centralizam algumas funções sociais determinantes, que dependiam ainda da exploração directa dos recursos naturais e nas quais as relações inter grupais e o *status* social assentavam” (Correia, 1997, p. 89).

Já atrás defendi que os dados que a arqueologia me tinha permitido ler não se coadunavam com a existência, nesta região de relações de subordinação entre os diversos sítios de *habitat*, mas, pelo contrário, tudo indicava que estas relações se estabeleciam na base da coordenação.



A análise dos resultados obtidos nas necrópoles, sobretudo no que se refere às dimensões dos monumentos funerários, também não me permitiu verificar uma qualquer diferenciação ao nível social. Neste ponto concreto, estou em total acordo com Jorge de Alarcão, quando afirma que: “O testemunho do investimento nos túmulos fala ainda a favor de uma sociedade isonómica, ou é pelo menos compatível com esta ideia” (Alarcão, 1996a, p. 32). De facto, a análise do quadro publicado por Virgílio Hipólito Correia (1993, p. 361) deixa transparecer uma certa igualdade entre os diversos túmulos, apesar de 7 dos monumentos serem consideravelmente maiores que os 74 restantes. No entanto, ao apresentar as suas fases II e III em bloco, Virgílio Hipólito Correia mistura os dados, não sendo possível considerar, neste caso, a variável tempo, elemento que se reveste de grande importância quando ele próprio reconhece que existe uma tendência geral na diminuição dos monumentos ao longo do tempo.

Por tudo o que anteriormente foi dito, torna-se efectivamente difícil determinar qual era a organização social e política da comunidade que habitou o território de Ourique, durante a chamada I Idade do Ferro. De facto, os dados apresentados pareceriam indicar estarmos na presença de uma sociedade pouco complexa em termos sociais, onde dominava um modo de produção doméstico, em que as relações sociais estavam profundamente marcadas pelas relações de parentesco, e onde a própria existência de uma hierarquização acentuada parece não ter sido detectada. Porém, um elemento existe que não pode ser esquecido na análise de toda esta problemática: a escrita. Efectivamente, parece ser pouco consistente defender que uma sociedade que domina o uso da escrita, mesmo que ela seja fundamentalmente, mas não exclusivamente, funerária, esteja organizada de uma forma pouco complexa, de tipo quase tribal. Pelo contrário, o conhecimento e utilização da escrita está sempre ligado a sociedades profundamente hierarquizadas e com sistemas organizativos próprios de estados, ou pelo menos, com uma complexificação de tipo “chefado”.

Penso, no entanto, que a maior armadilha em que podem cair os arqueólogos é tentar estabelecer uma adequação mecânica e primária entre os modelos de organização social registados pela antropologia e as observações que, com base nos dados arqueológicos que recolhemos e inventariamos, vamos elaborando. Sobretudo porque não é impossível pensar na existência de sociedades organizadas de um modo que não foi ainda detectado por antropólogos ou etnólogos, não sendo, portanto, obrigatório optar entre “chefaturas”, sejam elas simples ou complexas, e “Estados”. Neste contexto parece importante lembrar que “No processes of long-term changes in the past can be adequately modeled on the basis of short-term observation in the present.” Yoffee (1993, p. 63). A imagem que os materiais de que dispomos nos fornece é parcial e fragmentária, uma vez que aqueles são certamente apenas abstrações e constituem unicamente indícios de um passado, do qual desapareceu a trama humana sobre a qual se teceram as relações sociais.

Esta minha convicção não me impediu, no entanto, de reflectir profundamente sobre o tema e de ter procurado compreender o perfil social e político desta unidade cultural. A análise dos dados arqueológicos conduziu-me a uma série de observações sobre esta entidade culturalmente homogénea, que não resolveram, porém, as dificuldades em propor um qualquer modelo para o tipo de organização social que teria existido no território de Ourique, em particular e no Baixo Alentejo em geral.

Não conseguindo descortinar a existência de elites sociais, postulo, no entanto, e tal como Virgílio Hipólito Correia, a existência, dentro do grupo, de indivíduos que, por razões várias, como por exemplo a sua idade, se destacavam, e que assumiriam algumas funções particulares, nomeadamente aquelas que se relacionavam com as relações inter-grupais e, mesmo, rituais.



A própria inexistência de funções de uma especialização produtiva é algo que devemos equacionar, a partir do momento em que defendemos que a ocupação dos sítios de *habitat* mais directamente relacionados com a metalurgia, com por exemplo o Cortadouro, era sazonal, embora repetidamente verificada, o que, efectivamente, não permite pensar em estratificação social. Não vejo, assim, razões para acreditar na existência, no interior destes grupos, de indivíduos que se dedicassem, exclusivamente, a determinadas actividades, como a metalurgia, a pastorícia ou a agricultura, pensando antes que estas actividades podiam ser praticadas, simultânea e indistintamente, por todos os elementos do grupo.

Por outro lado, não me parece plausível que a propriedade ou os rebanhos fossem privados, tudo indicando que os meios de produção eram colectivos, independentemente de os instrumentos dessa produção o poderem ser ou não.

Não penso que seja, pois, legítimo duvidar que estamos perante um sociedade isonómica, apesar de saber que a isonomia não é incompatível com um estado, tal como Jorge de Alarcão bem referiu.

Deve ainda insistir-se que a análise dos dados que a arqueologia recuperou não permite falar da existência de grandes quantidades de excedentes alimentares ou de metais acumulados. As cerâmicas importadas ou as jóias são muito escassas, mesmo nas necrópoles, não existindo sinais evidentes de riqueza.

Neste contexto, penso que é importante lembrar que uma sociedade complexa, por exemplo um estado, pode não se materializar, obrigatoriamente, em estruturas de *habitat* e religiosas sumptuosas, como, manifestamente, não é o caso dos sítios de *habitat* de Ourique ou dos edifícios religiosos de Castro Verde. Tão pouco é obrigatório a existência de uma cultura material que se caracterize por uma excessiva diversidade ou riqueza. A riqueza da população sidérica do Baixo Alentejo podia residir nos rebanhos que possuía e no controlo das rotas comerciais onde, como já referi, ocupava lugar destacado. O controlo dessas rotas e das terras onde os seus rebanhos se alimentavam obrigaria esta população a possuir um domínio, quase absoluto, do seu território. Seria este comportamento territorial o responsável pela homogeneidade cultural que é visível na região, durante a Idade do Ferro, e que é difícil conceber sem pensar que estamos perante uma entidade política autónoma.

Assim, é razoável pensar que os diversos núcleos populacionais em que dividi a região de Ourique (Mira, Palheiros, Ourique) seriam sociedades parentais, constituindo cada *habitat* uma unidade unifamiliar. Talvez em cada núcleo de povoamento existisse um indivíduo que assumiria um estatuto de *primus inter pares*, o que não lhe conferia, obrigatoriamente, um estatuto económico diferenciado e, portanto, arqueologicamente verificável. O que se torna porém mais difícil de avaliar é quais as relações existentes entre cada um desses núcleos, a que poderemos associar outros, em Odemira, Almodôvar ou Castro Verde. Não podendo perder-se de vista que o mesmo sistema de escrita foi utilizado em toda a região, podemos admitir que estes diversos núcleos populacionais estariam subordinados a uma mesma autoridade supra-regional. Mas é também importante que se registre que não é obrigatório que os diversos núcleos de povoamento existentes possuíssem todos o mesmo grau de desenvolvimento económico, podendo existir, quanto a este aspecto, assimetrias micro-regionais relevantes.

Para terminar gostaria de realçar dois aspectos que me parecem fundamentais. O primeiro diz respeito ao facto de me parecer inquestionável que a realidade observada em Ourique parece significar que esta região concreta ficou relativamente isolada e “à margem”, não sendo as relações com o mundo orientalizador do litoral, materializadas em escassos objectos importados, o factor estimulante da sua organização social. Até porque não considero que o comércio a longa



distância, ainda que tivesse existido neste caso em grande escala, obrigue a uma alteração imediata da estrutura social, política e mental de uma determinada comunidade. Por último, devo insistir que tudo indica que o sistema social que aqui existia entra em colapso no momento em que os grandes povoados fortificados se implantam na região, deixando antever uma nova organização da sociedade, certamente assente em outros tipos de relações económicas e sociais, sendo curioso verificar que, estranhamente ou não, é também neste momento que a utilização da escrita entra em desuso.

## 5. Algumas considerações finais

O que se conhece da ocupação humana do interior alentejano, durante a Proto-história, permite ainda uma série de considerações de outra natureza que não poderia deixar de aqui referir, e que dizem respeito à forma como o espaço foi ocupado ao longo da diacronia.

Tudo indica que os povoados do Bronze final são efectivamente abandonados a partir de um momento que a ausência de dados não permite localizar com precisão, mas que, seguramente, se pode situar na 1ª metade do I milénio a.C. Sítios como o Outeiro do Circo, a Coroa do Frade, a totalidade dos identificados por Manuel Calado no Alentejo Central e os que Monge Soares e Rui Parreira localizaram no Baixo Alentejo ou não registam qualquer ocupação posterior ou parecem apenas ser reocupados na chamada II Idade do Ferro.

Por outro lado, deve destacar-se que o povoamento associado à chamada I Idade do Ferro se identificou em sítios sem ocupação anterior e que, ao contrário dos da Idade do Bronze, estão implantados em cotas baixas, sem condições naturais de defesa, e onde as áreas ocupadas são diminutas. Esta situação verificada na região de Ourique tem vindo a ser confirmada por trabalhos recentes levados a efeito na área do regolfo do Alqueva, onde Manuel Calado e Rui Matalloto identificaram pequenos sítios da II Idade do Ferro fundados de raiz, com características estruturais similares aos detectados em Ourique e que podem corresponder também a casais agrícolas. Também aqui estes casais possuem áreas restritas, implantam-se em cotas baixas, não possuem condições naturais de defesa, e não existe qualquer ocupação anterior.

Os dados arqueológicos recolhidos no baixo Alentejo demonstram que os pequenos sítios de *habitat* onde se verificou a existência de uma I Idade do Ferro “pós-orientalizante” são abandonados em meados do I milénio a.C., momento em que o povoamento volta a ser de altura, em locais alcantilados, com evidentes condições naturais de defesa, sendo ainda muitas vezes rodeados de potentes estruturas defensivas. Esta situação evidencia pois uma outra ruptura no tipo de estratégia de povoamento, ruptura essa que parece ser acompanhada por uma outra descontinuidade, concretamente ao nível da cultura material.

Se alguns elementos mediterrâneos estão ainda presentes no conteúdo dos inventários, como é o caso da cerâmica ática, o certo é que a matriz cultural integra elementos de raiz continental, nomeadamente a cerâmica decorada com estampilhas e ainda outros habitualmente associados à área “ibérica”, como são exemplo os vasos pintados com círculos concêntricos e linhas ziguezagueantes.

Deve salientar-se que se em alguns casos os povoados se implantam em locais nunca até então ocupados, em outros verifica-se uma instalação directa sobre os níveis do Bronze final, como parece ocorrer no Cerro do Castelo de Garvão, por exemplo. A primeira situação, aparentemente mais frequente, estará demonstrada em vários sítios do Alentejo Central e do Baixo Alentejo, concretamente na área urbana de Beja, nas Mesas do Castelinho, no Castelo Velho do Degebe



e nos sítios intervencionados por Manuel Calado e Leonor Rocha, nos concelhos do Alandroal e Borba, concretamente o Castelo Velho, a Rocha da Mina e o Castelhão (Calado e Rocha, 1997).

Gostaria ainda de chamar a atenção para o facto de estas discontinuidades no tipo e estratégia de povoamento evidenciarem também outros tipos de alterações comportamentais. Enquanto no Bronze Final e na segunda metade do I milénio a.C. é marcante a visibilidade dos contextos domésticos, na chamada I Idade do Ferro essa visibilidade parece ser preferencialmente assumida no cenário da morte, altura em que os monumentos funerários deixam transparecer uma monumentalidade e visibilidade que não parecem existir nos outros momentos da diacronia próxima. De facto, tanto o Bronze final como a II Idade do Ferro são marcados por uma relativa, senão total, invisibilização tumular.

Admitir estas rupturas tem sido difícil para uma comunidade arqueológica que, ao mover-se em pressupostos evolucionistas, tem dificuldade em lidar com aparentes involuções no contínuo devir do processo histórico. O aceitar que a complexidade social se lê nas visibilidades arqueológicas torna, de facto, difícil explicar como um povoamento concentrado, de altura, de grande visibilidade e com amplas áreas ocupadas, detectado no Bronze Final, pode dar lugar ao conjunto de sítios da I Idade do Ferro verificado na região de Ourique, e agora também na área do regolfo do Alqueva e cujas características podem indiciar uma incipiente complexidade do sistema social. No entanto, a monumentalidade que os monumentos funerários assumem nesta fase e ainda o uso da escrita são argumentos que podem utilizar-se para negar essa aparente involução, não sendo portanto obrigatória a existência do hipotético “Lugar central” que englobasse no seu território os casais agrícolas da primeira metade do I milénio e que centralizasse as funções administrativas e políticas, povoado esse que alguns postulam existir, mas que efectivamente nunca foi encontrado.

Gostaria, pois, e para terminar de voltar a insistir que me parece inquestionável a existência de discontinuidades e rupturas no povoamento do interior alentejano em dois momentos distintos da Proto-história.

O primeiro pode situar-se entre o final da Idade do Bronze e a chamada I Idade do Ferro, localizando-se o segundo em meados do I milénio a.C. Parece ainda importante lembrar que as distintas estratégias de povoamento são acompanhadas por uma clara distinção nas culturas materiais respectivas.

Se estas rupturas e discontinuidades parecem validar, para áreas concretas do interior alentejano, modelos elaborados nos finais dos anos 70 do século XX, deve dizer-se que parece também óbvio que esses modelos não podem aplicar-se a todo o Sul do território actualmente português, como pretenderam os seus proponentes.

---

## NOTAS

<sup>1</sup> Investigadora da UNIARQ. Centro de Arqueologia. Faculdade de Letras. 1600-214 Lisboa Portugal.  
a.m.arruda@mail.doc.fl.ul.pt

<sup>2</sup> A Ana Jorge, Deodato do Ó e Carolina Brito devo, e aqui, lhes agradeço, contribuições preciosas para este trabalho, nomeadamente a sistematização da bibliografia e a determinação dos territórios de recursos dos sítios de *habitat*. Também no que se refere aos cálculos demográficos, os dois primeiros prestaram

uma valiosa ajuda. Com o Doutor Jorge de Alarcão discuti, longa, demorada e mesmo acaloradamente, e em contextos muito variados, este trabalho. As suas pertinentes observações obrigaram a que, vezes sem conta, tivesse sido obrigada a rever o texto, as análises e as interpretações. A amizade demonstrada, a disponibilidade e o respeito para com as minhas opiniões, tantas vezes distantes das suas, justificam, entre muitas outras razões, a dedicatória deste trabalho.



## BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. de (1992a) - Etnografia da fachada atlântica ocidental da Península Ibérica. In ALMAGRO GORBEA, M.; RUIZ ZAPATERO, G., eds. - *Paleoetnología de la Península Ibérica*. Madrid: Universidad Complutense, p. 339-346.
- ALARCÃO, J. de (1992b) - A evolução da cultura castreja. *Conimbriga*. Coimbra. 31, p.39-71.
- ALARCÃO, J. de (1996a) - Os círculos culturais da 1ª Idade do Ferro no Sul de Portugal. In VILLAR, F.; ENCARNACÃO, J. d', eds. - *La Hispania prerromana*. Salamanca: Universidad, p. 19-36.
- ALARCÃO, J. de (1996c) - O primeiro milénio a.C. In ALARCÃO, J., ed. - *De Ulisses a Viriato*. Lisboa: Instituto Português de Museus, p. 15-30.
- ARNAUD, J. M.; MARTINS, A.; RAMOS, C. (1994) - Necrópole da Nora Velha (Ourique). Informação sobre as 1ª campanha de escavações. In *Actas das V Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1993)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- ARRUDA, A. M. (1992) - "Orientalismo" e "Orientalizante": génese e aplicação dos conceitos na Idade do Ferro do Centro/Sul de Portugal. In *Estudos em homenagem a Jorge Borges de Macedo*. Lisboa: INIC, p. 33-48.
- ARRUDA, A. M. (1993) - A ocupação da Idade do Ferro da Alcáçova de Santarém no contexto da expansão fenícia para a fachada atlântica peninsular. In *Estudos Orientais (Actas do Encontro "Os fenícios no território português")*. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa, 4, p. 193-214.
- ARRUDA, A. M. (1996) - Particularidades, especificidades, e regularidades na Idade do Ferro do Sul de Portugal. In VILLAR, F.; ENCARNACÃO, J. d', eds. - *La Hispania prerromana*. Salamanca: Universidad, p. 37-50.
- BATICLE, Y. (1974) - *L'élevage ovin dans les pays européens de la Méditerranée occidentale*. Paris.
- BEIRÃO, C. de M. (1972) - Cinco aspectos da Idade do Bronze e da sua transição para a Idade do Ferro no Sul do País. In *Actas das II Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1, p. 193-222.
- BEIRÃO, C. de M. (1986) - *Une civilisation Protohistorique du Sud du Portugal - 1er Age du Fer*. Paris: Diffusion de Boccard.
- BEIRÃO, C. de M. (1990a) - Epigrafia da Idade do Ferro do Sudoeste da Península Ibérica. Novos dados arqueológicos. Tavares, A. A., ed. - *Estudos Orientais (Presenças orientalizantes em Portugal - da pré-história ao período romano)*. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova, p. 107-118.
- BEIRÃO, C. de M. (1990b) - Novos dados arqueológicos sobre a epigrafia da I Idade do Ferro do Sudoeste da Península Ibérica. In UNTERMANN, J.; VILLAR, F., eds. - *Lengua y cultura en la Hispania prerromana. Actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25-28 de Noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, p. 684-696.
- BEIRÃO, C. de M. [et al.] (1985) - Depósito votivo da II Idade do Ferro de Garvão. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 4.ª Série. 3, p. 45-135.
- BEIRÃO, C. de M. [et al.] (1987) - Um depósito votivo da II Idade do Ferro, no Sul de Portugal. . In GORROCHATEGUI, J.; MELENA, J. L.; SANTOS, J., eds. - *Studia palaeohispanica. Actas del IV Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas (Vitoria-Gasteiz, 6-10 Mayo 1985)* [Veleia. Vitoria-Gasteiz. 2-3, 1985-1986], Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, p. 207-221.
- BEIRÃO, C. de M.; CORREIA, V. H. (1991) - A cronologia do povoado de Fernão Vaz. *Conimbriga*. Coimbra. 30, p. 5-11.
- BEIRÃO, C. de M.; CORREIA, V. H. (1994) - Novos dados arqueológicos sobre a área de Fernão Vaz. In MANGAS, J.; ALVAR, J., eds. - *Homenaje a José María Blázquez*. Madrid: Ed. Clásicas, p. 285-302.
- BEIRÃO, C. de M.; GOMES M. V. (1980) - *A I Idade do Ferro no Sul de Portugal. Epigrafia e cultura*. Lisboa: MNAE.
- BEIRÃO, C. de M.; GOMES M. V. (1984) - Coroplastia da I Idade do Ferro do Sul de Portugal. In *Volume d'Hommage au géologue Georges Zbyzewsky*. Paris: Ed. Recherches sur les civilisations, p. 450-482.
- BEIRÃO, C. de M.; GOMES M. V.; MONTEIRO, J. P. (1979) - *As estelas epigrafadas da I Idade do Ferro do Sul de Portugal*. Setúbal: Museu Nacional de Arqueologia.
- BERROCAL, L. (1992) - *Los pueblos célticos del Suroeste de la Península Ibérica*. Madrid: Universidad Complutense (Complutum Extra; 2).
- CALADO, M. (1993) - *Carta arqueológica do Alandroal*. Alandroal: Câmara Municipal.
- CALADO, M.; ROCHA, L. (1997) - O povoamento da Idade do Ferro no Alentejo Central. *Cadernos de Cultura de Reguengos de Monsaraz*. Reguengos de Monsaraz. 1, p. 99-130.
- CARRILERO MILÁN, M. (1993) - Discusión sobre la formación social tartésica. In ALVAR, J.; BLÁZQUEZ, J. M.ª, eds. - *Los enigmas de tarteso*. Madrid: Cátedra, p. 163-185.
- CELESTINO PÉREZ, S.; JIMÉNEZ ÁVILA, F. J. (1993) - *El Palacio-Santuario de Cancho Roano IV. el sector Norte*. Badajoz: B. Gil Santa Cruz
- CELESTINO PÉREZ, S.; JIMÉNEZ ÁVILA, F. J. (1997) - *El Palacio-Santuario de Cancho Roano V. el sector Oeste*. Madrid: Editora Regional Extremeña.
- CELESTINO PÉREZ, S.; JULIÁN, J. M. (1991) - El caballo de bronce de Cancho Roano. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid*. Madrid. 18, p. 179-188.
- CELESTINO PÉREZ, S.; MARTÍN, A. (1996) - *El Palacio-Santuario de Cancho Roano VII. el sector Este*. Madrid: Editora Regional Extremeña.
- CELESTINO PÉREZ, S., ed. (1996) - *El Palacio-Santuario de Cancho Roano V-VI-VII. Los sectores Oeste, Sur y Este Norte*. Badajoz: Museo Arqueológico Provincial/B. Gil Santa Cruz.



- CELESTINO PÉREZ, S. (1991) - Cancho Roano, un complejo urbano orientalizante en Zalamea de la Serena (Badajoz). In *La presencia de material etrusco en la Península Ibérica*. Barcelona: Universidad, p. 439-456
- CELESTINO PÉREZ, S. (1992) - Cancho Roano. Un centro comercial de carácter político-religioso de influencia oriental. *Rivista de Studi Fenici*. Roma. 20:1, p. 19-46.
- CELESTINO PÉREZ, S. (1994) - Los altares en forma de "lingote chipriota" de los santuarios de Cancho Roano. *Revista de Estudios Ibéricos*. Madrid. 1, p. 291-309. Madrid
- CELESTINO PÉREZ, S. (1995) - El período orientalizante en Extremadura. *Extremadura Arqueológica*. Mérida. 4, p. 67-90.
- CELESTINO PÉREZ, S., (1997) - Santuarios, centros comerciales y paisajes sacros. *Quaderns de Prehistòria i Arqueologia de Castelló*. Castelló. 18, p.359-389.
- CORREIA, V. H. (1989-90) - A estação da Idade do Ferro do Porto das Lages (Ourique, Beja). *Portugalia*. Porto. Nova série. 9-10, p. 81-92.
- CORREIA, V. H. (1993) - As necrópoles da Idade do ferro do sul de Portugal. *Arquitectura e rituais. Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 33:3-4, p. 351-370.
- CORREIA, V. H. (1996a) - *A epigrafia da Idade do Ferro no sul de Portugal*. Porto: Etnos.
- CORREIA, V. H. (1996b) - Os povoados da I Idade do Ferro no sul de Portugal. In Alarcão, J., ed. - *De Ulisses a Viriato*. Lisboa: Lisboa: Instituto Português de Museus, p. 82-87.
- CORREIA, V. H. (1997) - Um modelo historiográfico para a idade do ferro do sul de Portugal e a sua arqueologia. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 37:3-4, p.41-85.
- CORREIA, V. H. (no prelo) - *Fernão Vaz (Ourique, Beja). Balanço da investigação arqueológica*. Devo à amabilidade do autor o facto de ter podido consultar este texto, previamente à sua publicação.
- DIAS, M. M. A.; BEIRÃO, C. de M.; COELHO, L. (1970) - Duas necrópoles da Idade do Ferro no Baixo Alentejo: Ourique (Notícia preliminar). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 3, p. 175-219.
- DIAS, M. M. A.; COELHO, L. (1971) - Notável lápide proto-histórica da Herdade da Abóbada - Almodôvar (primeira notícia). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 3. 7-9, p. 262-275.
- DIAS, M. M. A.; COELHO, L. (1983) - Objectos arqueológicos de um túmulo de incineração da necrópole proto-histórica da herdade da Favela Nova (Ourique). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4. 1, p. 197-205.
- DOMERGUE, C. (1987) - *Catalogue des mines et des fonderies antiques de la Péninsule Ibérique*. Paris: Diffusion de Boccard.
- FABIÃO, C. (1998) - *O mundo indígena e a sua romanização na área céltica do território português*. Dissertação de doutoramento em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 3 volumes. Edição policopiada.
- FEIO, M. (1949) - Le Bas Alentejo et l'Algarve. In *Livre guide. Congrès Internacional de Geographie*. Lisboa.
- GAMITO, T. J. (1991) - A introdução da metalurgia do ferro no Sudoeste. Peninsular, com base nas datações de radiocarbono. In *Actas das IV Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 299-304.
- GONÇALVES, V. S. (1989) - *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental*. Lisboa: INIC, 2 volumes.
- HALSTEAD, P. (1989) - Counting sheep in Neolithic and bronze age Greece. In Hodder, I., Isaac, G. e Hammond, N.(eds.) *Pattern of the past. Studies in honour of David Clarke*. Cambridge: University Press, p. 307-339
- MAIA, M. e CORREA, J. A. (1985) - Inscripción en escritura tartéssica (o del SO) hallada en Neves (Castro Verde, Baixo Alentejo) y su contexto arqueológico. *Habis*. Sevilla. 16, p. 243-274.
- MAIA, Maria e MAIA, Manuel (1986) - *Arqueologia da área mineira de Neves Corvo. Trabalhos realizados no triénio 1982-84*. Castro Verde: Somincor.
- MAIA, Maria e MAIA, Manuel (1996) - Arqueologia do couto mineiro de Neves Corvo. In *Mineração do Baixo Alentejo*. Castro Verde: Câmara Municipal, p. 83-93.
- MAIA, M. G. P. (1987) - Dois larnakes da Idade do Ferro do Sul de Portugal. *Veleia (Actas del IV coloquio sobre Lenguas e culturas Paleohispanicas, Vitoria-Gasteiz - 1985)*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, p. 223-242.
- MAIA, M. G. P. (1988) - Neves II e a facies cultural de Neves Corvo. *Arquivo de Beja*. Beja. 2ª Série. 3, p. 23-42.
- MALUQUER DE MOTES, J. (1981) - *El santuario protohistórico de Zalamea la Serena*. Badajoz: Programa de investigaciones Protohistóricas. Barcelona.
- MALUQUER DE MOTES, J.; PALLARÉS, R. (1980) - *El Palau Santuari de Cancho Roano a Zalamea la Serena (Badajoz)*. Barcelona: Institut d'Arqueologia i Prehistòria. Memoria 1980, p. 39-66
- MALUQUER DE MOTES, J.; CELESTINO PÉREZ, S.; GRACIA, F.; MUNILLA, G. (1986) - *El Santuario protohistórico de Zalamea la Serena*. Barcelona: Programa de investigaciones Protohistóricas XVI.
- MALUQUER DE MOTES, J.; GRACIA, F.; MUNILLA, G.; CELESTINO PÉREZ, S. (1987) - Cancho Roano, un Palacio-Santuario del siglo V a.C. *Revista de Arqueologia*. Madrid. 74, p. 36-50.
- PONTE, M. S. da (1986) - Valor residual de seis fíbulas da região de Beja. *Arquivo de Beja*. Beja: 3, p. 75-88.



- RAMÓN TORRES, J. (1995) - *Las ánforas fenicio-púnicas del mediterráneo central y occidental*. Barcelona: Universitat.
- SHERRAT, A. (1993) - Who are you calling peripheral? Dependence and independence in European prehistory. In SCARRE, C.; HEALY eds., p. 245-255.
- SILVA, A. C. F. da; GOMES, M. V. (1992) - *Proto-História de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta.
- VIANA, A. (1957) - Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*. 13.
- VIANA, A. (1960) - Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo: a Senhora da Cola. *Arquivo de Beja*. 17.
- VIANA, A. (1960-61) - Vidros romanos em Portugal, breves notas. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 18, p. 5-42.
- VIANA, A. (1962) - Mamoa do Marchicão - Aldeia de Palheiros (Ourique). In *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia (Lisboa, 1958)*. Lisboa: Junta Nacional de Educação, 1, p. 279-287.
- YOFFEE, N. (1993) - Too many chiefs (or, Safe texts for the 90's). In YOFFEE, N.; SHERRAT, A., eds. (1993) - *Archaeology Theory: Who Sets the Agenda?* New directions in Archaeology. Cambridge. Cambridge University Press, p. 50-78.